

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

Luísa Dias Rosa de Oliveira

**LABORATÓRIO DE MOVIMENTOS NEGROS:
UMA PROPOSTA DE INTERAÇÃO DISCENTE E MEDIAÇÃO DOCENTE**

Porto Alegre,

2019

Luísa Dias Rosa de Oliveira

**LABORATÓRIO DE MOVIMENTOS NEGROS:
UMA PROPOSTA DE INTERAÇÃO DISCENTE E MEDIAÇÃO DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Pizarro Noronha.

Porto Alegre,

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Oliveira, Luísa Dias Rosa de
Laboratório de Movimentos Negros: uma proposta de
interação discente e mediação docente / Luísa Dias
Rosa de Oliveira. -- 2019.
117 f.
Orientador: Prof. Dr. Márcio Pizarro Noronha.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de
Educação Física, Licenciatura em Dança, Porto Alegre,
BR-RS, 2019.

1. Dança. . 2. Educação para as Relações
Étnico-Raciais.. 3. 10.639/2003.. 4. Movimentos
negros. . I. Noronha, Prof. Dr. Márcio Pizarro,
orient. II. Título.

Luísa Dias Rosa de Oliveira

**LABORATÓRIO DE MOVIMENTOS NEGROS:
UMA PROPOSTA DE INTERAÇÃO DISCENTE E MEDIAÇÃO DOCENTE**

Conceito final:

Aprovado em: _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Manoel Gildo Alves Neto – UFPEL

Prof. Ms. Jair Felipe Bonatto Umann – UFRGS

Orientador – Prof. Dr. Márcio Pizarro Noronha – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Às minhas mais velhas e aos meus mais velhos, pelas lutas diárias, a força, a energia vital, os valores, a cor e a resiliência. Ancestrais, durmo e acordo comemorando a vida, com ela eu posso fazer o bem por mim, pelos meus e posso dar um merecido descanso a vocês, que fizeram tanto por nós!

À Lourdes Dias Rosa e Dirceu Godoi Rosa, meus avós maternos, por serem minhas maiores referências de ancestralidade, amor, fé, honestidade. “Vovu”, que estará eternamente presente na minha vida, me orgulho em saber que fostes o primeiro em nossa família a iniciar uma graduação. Ainda que não tenhas concluído, tenho certeza que hoje estou aqui por seres meu espelho. “Vozinha linda do meu coração”, grande matriarca, minha felicidade é me achar cada vez mais parecida contigo. Por seres meu exemplo segui seus passos e tornei-me a terceira professora da família.

À Lourdes Ândrea Dias Rosa, minha razão de existir. Mãe, obrigada por ser minha fortaleza. A pessoa que está por trás e à frente de todas minhas vitórias. Como toda mulher preta, és forte até em meio a fragilidades, dona de um poder que te acompanha a qualquer lugar que queira chegar, tem um dom singular de querer se reinventar e evoluir constantemente, prestes a se aposentar, segue sendo o exemplo de professora comprometida com a educação. Felizes aqueles que foram teus alunos. Eu tenho orgulho de ser tua filha. Agora temos mais um diploma para dividir!

À minha grande pequena família Dias Rosa e ao meu pai de coração, Fernando Alves, que nunca deixaram faltar o mais importante: amor!

A cada um dos meus professores de dança, das escolas/casas e da faculdade. Todos os dias ao me movimentar, ensinar, pensar e apreciar dança, eu me reencontro com seus ensinamentos.

Ao prof^o Márcio, pelas nossas trocas horizontais. Te admiro muito!

A cada um dos meus alunos. Obrigada por me ensinarem tanto!

À Iara Deodoro, que virou “tia” e Mestra. Que bom que te encontrei. Tudo na minha vida pessoal e profissional tem feito mais sentido com tua presença.

Ao Will, por ter me mostrado com afeto o que é ser companheiro de alguém. Um amor preto que respira e luta junto.

A todas minhas amigas e amigos que acreditam na nossa amizade e que, de longe ou de perto, me acompanham em cada fase da minha vida.

Ao Bonde do Ipê, por me acolher na graduação e me mostrar, entre todas nossas diferenças e semelhanças, novos sentidos de viver e dançar.

Às minhas irmãs do Coletivo Corpo Negra, pela nossa união. Juntas somos beleza, força, voz, garra, resistência, espelho, semente, movimento! Sigamos sendo hoje a presença do que nos faltou ontem. Vocês são a melhor parte da minha história no curso de dança! Vida longa a nós!

“Para as negras e negros desterrados brutalmente da África para as Américas e cujos algozes procuraram por todos os meios destituir de humanidade, a dança foi um elo indispensável à sobrevivência física e espiritual. Assim, para nós, descendentes desses povos, a dança significa mais do que filosofia e cosmovisão, significa existir.” Sandra Petit (PETIT, 2015, p. 74).

RESUMO

Este trabalho tem como motivação a produção de conhecimento afro-referenciado em dança, propondo outras possibilidades de pensar, fazer, criar e ensinar, reconhecendo, valorizando e preservando valores civilizatórios afro-brasileiros e africanos (no viés da concepção da ancestralidade negra), com base numa experiência de interação entre grupos discentes sob a supervisão e mediação docente, ofertando experiência e prática no campo das disciplinas teóricas do curso de Licenciatura em Dança, garantindo a presença dos conteúdos sociais e históricos referentes à Educação para as Relações Étnico-Raciais – EREER, conforme orientação legal e conteúdos presentes no desenvolvimento das disciplinas formativas. Tem seu embasamento no estudo hermenêutico da Lei nº 10.639 / 2003, com pesquisa nos bancos de dados da UFRGS para mapear programas, ações, projetos e atividades implementadas pela universidade, comprometidas com as políticas de educação para as relações étnico-raciais em conformidade com a Lei e com a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação para as Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, de 2004. Sua intenção é a de compartilhar a reflexão sobre o currículo de Licenciatura em Dança da UFRGS e sua relação com o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, garantindo formação adequada de professores(as) com habilidades e atitudes que permitam contribuir para a EREER. O trabalho inclui uma experiência prática aberta em dança, “Laboratório de Movimentos Negros”, desenvolvida no interior das disciplinas Estudos Socioculturais em Dança e Estudos Histórico-Culturais em Dança I, de cunho teórico-prático.

Palavras-chave: Dança. Educação para as Relações Étnico-Raciais. 10.639/2003. Movimentos negros.

ABSTRACT

This work is motivated by the production of afro-referenced knowledge in dance, proposing other possibilities of thinking, doing, creating and teaching, recognizing, valuing and preserving Afro-Brazilian and African civilizing values (from the conception of black ancestry), based on an experience of interaction between student groups under the teacher's supervision and mediation, offering experience and practice in the field of theoretical subjects of the Undergraduate Dance course, ensuring the presence of social and historical content related to Education for Ethnic-Racial Relations – EREER , according to legal orientation and contents present in the development of the background disciplines. It is based on the hermeneutic study of Law No. 10,639 / 2003, based on researches in UFRGS databases in order to map programs, actions, projects and activities implemented by the university, committed to education policies for ethnic and racial relations in accordance with Law and the publication of the National Curriculum Guidelines for Education for Ethnic-Racial Relations and for the Teaching of Afro-Brazilian and African History and Culture, from 2004. The purpose is to share a reflection about the UFRGS Undergraduate Dance Course curriculum and its relationship with the teaching of Afro-Brazilian and African History and Culture, ensuring the adequate preparing of teachers with skills and attitudes that allow to contribute to EREER. An open practical experience in dance is also included, “Black Movements Laboratory”, developed within the disciplines Socio-Cultural Studies in Dance and Historical-Cultural Studies in Dance I, with a theoretical and practical nature.

Keywords: Dance. Education for Ethnic-Racial Relations. 10.639/2003. Black Movements.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Dia de matrícula e trote do Curso de Dança.	15
Figura 02 – “Swing Baiano e suas conexões”, com Danilo Dos Santos e alunos.	18
Figura 03 – Aula aberta com Iara Deodoro.	20
Figura 04 – II Seminário de Dança Afro-brasileira do Rio Grande do Sul – Pretagogias no Ensino da Dança Afro.	22
Figura 05 – Mandala dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, de Azoilda Loretto da Trindade.	49
Figura 06 – Encontro com Mestre Iara para construção do Laboratório de Movimentos Negros.	56
Figura 07 – Livro Sopapo Poético - Pretessência.	62
Figura 08 – Livro Sopapo Poético - Pretessência.	62
Figura 09 – Iara Deodoro e Luísa Dias Rosa fazendo a abertura do Laboratório de Movimentos Negros.	65
Figura 10 – Turma de Estudos Sócio-culturais em “Aquecimento, alongamento e educativos de danças afro”.	66
Figura 11 – Turma de Estudos Sócio-Culturais em “Experimentos com água”.	66
Figura 12 – Turma de Estudos Sócio-Culturais em “Experimentos com água”.	67
Figura 13 – Laboratório Movimentos Negros - Encontro II Turma Estudos Sócio-culturais.	71
Figura 14 – Turma de Estudos Histórico-Culturais I em “Aquecimento, alongamento e educativos de danças afro”	73
Figura 15 – Turma de Estudos Histórico-Culturais I em “Experimentos com água”	74
Figura 16 – Turma de Estudos Histórico-Culturais I em “Experimentos com água”.	74
Figura 17 – Turma de Estudos Histórico-Culturais I em “Movimentos negros com a poética d’água”.	75
Figura 18 – Turma de Estudos Histórico-culturais I em “Dança Espelho”.	77
Figura 19 – Roda de conversa com o poeta Sidnei Borges.	77
Figura 20 – Laboratório Movimentos Negros - Encontro I Turma Histórico-culturais em Dança I.	79
Figura 21 – Turma de Estudos Sócio-culturais em “Brainstorming sobre memória afro-brasileira”.	87
Figura 22 – Mandala dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, de Azoilda Loretto da Trindade.	89
Figura 23 – Turma de Estudos Sócio-culturais em “Valores Afro-brasileiros”.	89
Figura 24 – Turma de Estudos Sócio-culturais em Dança I em “Aquecimento, alongamento e educativos de danças afro”.	90
Figura 25 – Turma de Estudos Sócio-culturais em Dança I em “Movimentos negros com a poética d’água”.	91
Figura 26 – Turma de Estudos Sócio-culturais em Dança I em “Movimentos negros com a poética d’água”.	92
Figura 27 – Laboratório Movimentos Negros - Encontro II Turma Estudos Sócio-culturais.	93
Figura 28 – Turma de Estudos Histórico-culturais em Dança I, em “Compartilhando”.	95

Figura 29 – Percussionista Diih Neques.....	97
Figura 30 – Turma de Estudos Histórico-culturais em Dança I, em “Aquecimento, alongamento e educativos de danças afro”.....	97
Figura 31 – Turma de Estudos Histórico-culturais em Dança I, em “Movimentos negros”.....	98
Figura 32 – Laboratório Movimentos Negros - Encontro II Turma Histórico-culturais em Dança I.....	99
Figura 33 – Coletivo Corpo Negra com Elza Soares e Zeca Camargo.	105
Figura 34 – Matéria da RBS compartilhada pelo Geledés Instituto da Mulher Negra.....	106

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Leituras Interpretativas da Lei nº 10.639/03 sob a ótica de historiadores, professores e ativistas do Movimento Social Negro.	26
Tabela 02 – Ações, programas e decisões implementadas na UFRGS que se relacionam com questões étnico-raciais.	32
Tabela 03 – Ações de extensão da UFRGS que se relacionam com questões étnico-raciais. .	34
Tabela 04 – Materiais trabalhados nos conteúdos programáticos de Estudos Sócio-culturais em Dança	115
Tabela 05 – Materiais trabalhados nos conteúdos programáticos de Estudos Histórico-Culturais em Dança I.	115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ERER – Educação para as Relações Étnico-Raciais

PPGAC – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFBA – Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 Olhando para um passado que ainda se faz presente	25
1.1 ESTUDO INTERPRETATIVO DA LEI 10.639/03.....	26
2 Campo teórico da lei x práticas de educação	31
2.1 UFRGS: ATIVIDADES DE EXTENSÃO E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NEGRAS	34
2.2 O CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA E ALGUMAS REFLEXÕES	38
3 A apresentação do TCC I e o compromisso do fazer pedagógico em dança	44
3.1 A ESCOLHA DAS DISCIPLINAS PARA O LABORATÓRIO DE MOVIMENTOS NEGROS	44
3.2 MODOS DE SE FAZER: CONSTRUÇÃO E PLANEJAMENTO DO LABORATÓRIO.....	45
4 Laboratório de Movimentos Negros – Planos de Atividades e Relatórios de Encontros ...57	
4.1 PLANO DE ATIVIDADE I	57
4.1.1 Relatório do Encontro com a Turma de Sócio-culturais em Dança.....	64
4.1.2 Relatório do Encontro com a Turma de Histórico-culturais em Dança I.....	71
4.2 PLANO DE ATIVIDADE II	79
4.2.1 Relatório do Encontro com a Turma de Sócio-culturais em Dança.....	86
4.2.2 Relatório do Encontro com a Turma de Históricos-culturais em Dança I.....	94
5 Presenças e faltas na minha trajetória discente e docente	100
5.1 COLETIVO CORPO NEGRA: (re)existência, luta e liberdade na dança.....	103
6 Tão perto e tão longe: seguir movimentando	108
REFERÊNCIAS	110
Apêndice A – Termo de Autorização de Uso de Imagem	113
Apêndice B – Tabelas 04 e 05	115

INTRODUÇÃO

Sou Luísa Dias Rosa de Oliveira, uma mulher negra. Assim começo me apresentando a vocês, por esses três elementos que, integrados e somados, compõem o que eu sou: meu nome e sobrenome, meu gênero e minha raça¹. Uma combinação tensa entre partes em que, por vezes, resgato a minha herança familiar e, ao mesmo tempo, os apagamentos dessa história; evidencio minha luta como mulher ou faço falar mais alto minhas subjetividades enquanto negra.

Isso me dá diferentes posicionamentos no mundo da formação e do trabalho como professora, artista e discente rompendo a linearidade...Dessa conjunção assumo posicionamentos em dança como artista e professora e discente, entendendo que essas faces rompem uma linearidade, se relacionando entre si, se complementando e compondo um conjunto do que sou no presente momento.

No ano de 2013 conclui minha primeira formação docente: o Curso Normal no Ensino Médio, no Instituto Estadual de Educação Sapiranga². E neste mesmo ano dei início à minha formação docente e acadêmica em Dança, ingressando no Curso de Licenciatura em Dança, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Figura 01 – Dia de matrícula e trote do Curso de Dança.



Fonte: Acervo pessoal (Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança/ESEFID – 06/03/2013).

Foto: Lourdes Ândrea Dias Rosa.

¹ Quando falo em raça não é a partir da ideia de raça produzida pela ciência moderna nos séculos XIX e XX, construída em uma ideologia de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos e que depois se transformou em um conceito político de racismo. O sentido de raça a que me refiro e me identifico está contextualizado em um processo de apropriação desse conceito, ressignificando raça como afirmação da identidade negra, valorização da nossa cor de pele e traços físicos, reconhecimento positivo da história e cultura do nosso povo, entre tantos outros aspectos.

² O Instituto Estadual de Educação Sapiranga foi fundado em 22 de novembro de 1955 e se localiza na Rua Padre Antônio Vieira, 588 – Centro, em Sapiranga/RS. A implementação do Curso Normal no Ensino Médio na Instituição aconteceu em 16 de maio de 1976 e até o atual momento se oferece essa modalidade de ensino.

Neste ano de 2019 encontro-me na fase final da graduação. Através desse Trabalho de Conclusão compartilho com vocês o que de mais potente tem me movido nos últimos tempos, como esta trajetória começou e se ampliou através da dança. Trago um conjunto de episódios muito relevantes em minha vida, como a Mobilidade Acadêmica, a criação e envolvimento com o Coletivo Corpo Negra, o encontro com Iara Deodoro, a participação no II Seminário Dança Afro-brasileira Do Rio Grande Do Sul e a experiência com o “Laboratório de movimentos negros: uma proposta de interação discente e mediação docente”.

O marco inicial desse processo em movimentos negros foi, sem dúvidas, minha vivência na Mobilidade Acadêmica pelo Santander ANDIFES³ (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior), estudando Licenciatura em Dança na Universidade Federal da Bahia (UFBA), durante 2017/2. Foram seis meses muito importantes para descolonizar meu corpo e mente e me reconectar com a história e cultura afroreferenciadas que acredito que sempre estiveram em mim como africana em diáspora que sou, porém, perdidas em meio à minha existência e ao embranquecimento implícito a que somos submetidos.

Não é possível contar sobre um dos melhores acontecimentos da minha vida sem citar uma grande amiga, Natália Proença Dornelles. Nati, como eu, também é aluna do Curso de Dança UFRGS. Juntas nos candidatamos ao processo seletivo para a mobilidade e escolhemos estudar na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A alegria de termos sido selecionadas deu lugar à aflição diante da demora da UFRJ em responder nossa carta de aceite. Decidimos mudar nosso destino para UFBA, Salvador, Bahia. E assim deu início o que viria a ser uma das experiências mais significativas de nossa história!

Subir as ladeiras do Pelourinho, adentrar as construções históricas, escutar o toque vivo da percussão, banhar-me naquelas águas, conviver com meu povo e me conectar com Mãe África... Morar em Salvador foi sentir um grande fluxo de sentimentos que, na complexidade daquele lugar, quem vê só beleza e cor jamais entenderá e sentirá.

Aproveitei ao máximo minha oportunidade de estudar na UFBA, cursando quatro disciplinas da Escola de Dança, como é conhecida, e mais duas do Teatro. Foram elas: Técnica do Ballet Clássico II, Prática em Grupo, Dança de Caráter II, Laboratório de Condicionamento Corporal, Cenografia I e Iluminação I. Estabeleci um intercâmbio amplo e aberto com meus colegas e professores, participei de atividades artísticas e acadêmicas, vivenciei outros formatos

³ Convênio firmado entre ANDIFES e o Banco Santander, para apoiar o Programa ANDIFES de Mobilidade Estudantil destinado a alunos de graduação. As regras e os procedimentos são os mesmos da Mobilidade ANDIFES, entretanto, o programa Santander/ANDIFES destina-se apenas aos estudantes que optem por IFES (Instituições Federais de Ensino Superior) localizadas em Estado de Federação diferente da IFES de origem. O convênio foi firmado em 18 de maio de 2009 e vigorou até 2017/2.

de aula, conheci artistas e grupos importantes naquele contexto, ampliei e complementei meu desenvolvimento como artista, docente e discente.

Eu tinha uma expectativa muito grande do todo e em se tratando da primeira Faculdade de Dança do Brasil, desejava encontrar disciplinas teóricas e práticas com foco em danças afro e outras dimensões da História e Cultura Afro-brasileiras e Africanas, e, também, imaginava que eu poderia me ver no corpo docente e nos colegas das turmas. De fato, tive o prazer de estudar em turmas majoritariamente compostas por alunos negros, construindo diálogos em dança com pessoas como eu. Mas as demais expectativas não foram atendidas por motivos que fui entendendo ao longo do tempo em que morei em Salvador.

Nessa experiência física que tive nos diferentes espaços da cidade (universidade, locais turísticos, praias, mercados...), na organização das ruas, nas manifestações culturais, no sagrado e no profano e no dia a dia como um todo, pude confirmar que a presença da população negra em Salvador realmente é incontestável, que ela emoldura a cidade e que configura seu cotidiano. Mas, ao mesmo tempo, é contraditório como nas suas diferentes formas de relação fica evidente o quanto a veladura do racismo se estabelece e desenha a consciência dos soteropolitanos, o jeito como eles vivem, a forma como eles se identificam etnicamente, a autoridade policial sob a população, a constante presença de pessoas negras em classes sociais e profissionais desfavoráveis, a falta dessas pessoas em posições profissionais que exigem trajetória acadêmica, a maneira machista com que os homens agem com as mulheres em qualquer local, horário e circunstância, etc.

Eu, uma mulher negra vinda do Rio Grande do Sul, mais precisamente de Novo Hamburgo, que é uma cidade de colonização alemã, cujas formas de organização das comunidades e pessoas negras no espaço urbano e nas territorialidades sempre foi a de nucleação por bairros, observei como o fluxo e trânsito de pessoas negras em todo o espaço urbano em uma cidade historicamente negra como Salvador, não anula a condição de invisibilidade política estrutural desses sujeitos. Nesse mesmo sentido percebi como isso se reproduz em diferentes experiências institucionalizadas, refletindo no currículo, estrutura e quadro de professores do curso de Graduação em Dança da UFBA.

Em contrapartida, os cursos livres trouxeram muito mais do que eu procurava dentro da academia. Nunca vou me esquecer da primeira aula de dança que fiz, em meu terceiro dia em Salvador. Matriculei-me para aula de “Swing Baiano e suas conexões”, com Danilo dos Santos, na Fundação Cultural da Bahia. Chegando lá fiquei deslumbrada com uma aula de dança negra⁴,

⁴ Nesse trabalho me refiro ao conceito de dança negra a partir do estudo de Patrick Acogny: “Através da aceitação dessa designação de “danças negras”, o artista negro reata seus vínculos com toda a Diáspora negra, bem como com

ministrada por um professor negro, em uma turma em que praticamente todos os alunos eram negros, conectados por uma vibração e uma energia inexplicáveis. Demorei a processar tudo o que estava vendo e sentindo, mas foi permeada por esse estado de espírito que comecei a fazer aulas regulares não só na FUNCEB (Fundação Cultural do Estado da Bahia), como também no Balé Folclórico da Bahia e eventuais cursos no Espaço Xisto Bahia.

Figura 02 – “Swing Baiano e suas conexões”, com Danilo Dos Santos e alunos.



Fonte: Acervo pessoal (Fundação Cultural da Bahia – 23/09/2017). Foto: Autor não identificado.

Em Salvador o fluxo de cursos de dança e eventos culturais é grande. Para eles é habitual ter aulas com grandes mestres da dança (Zebrinha, Mestre King, Vania Oliveira, Tatiana Campêlo, entre outros). Boa parte das aulas tem percussão ao vivo, feita por profissionais pagos para isso, em uma rede de mercado de trabalho. As aulas são muito animadas, todo mundo sua do começo ao fim e é tanta energia que é preciso extravasar tudo o que se sente através da voz e do corpo. Contudo, é exigida muita disciplina, deve-se evitar atrasos, ser assíduo, usar o máximo da capacidade corporal, memorizar as sequências e dinâmicas e saber se organizar espacialmente para o bom andamento da aula.

Foi em Salvador que eu tive o primeiro contato com alguma metodologia e técnica de dança negra e, desde então tive a certeza que não poderia mais ficar longe dessa dança que me conecta com minhas raízes negras, transcende minha existência, eleva minha espiritualidade, desperta meu amor próprio e permite ressignificar toda minha relação com a dança.

toda a África negra. Ele reconhece as danças negras como sendo ricas, variadas, complexas e impossíveis de se definir e delimitar. Ele vê a vida, um movimento contido para além dos olhares, em uma humanidade e em uma história: a da aventura humana.” (ACOGNY, 2017, pg. 25).

Quando retornei da mobilidade, em 2018/1, sabia que seria difícil lidar com a falta de muitas coisas que Salvador me proporcionou em sentimentos, experiências, opções e realidade. Passei por uma metamorfose que me permitiu e me impeliu a lidar com a vida de uma forma diferente. Tornei-me uma mulher mais forte, conhecedora do que me fazia bem, mais próxima do que eu acreditava, questionei atitudes, me afastei do que não somava, fui brava quando tive que ser, libertei-me do que me limitava, encontrei a cura nas relações pretas.

No retorno à UFRGS, Nati e eu nos reencontramos com o Coletivo Corpo Negra, este grupo formado por mulheres negras do Curso de Dança que, mais tarde, veio a se tornar um Projeto de Extensão, com coordenação da professora Lisete Vargas.

Estamos unidas desde 2016, mas em dois anos foi preciso eu vivenciar muitas coisas para entender o poder que temos quando estamos juntas. Fui muito bem acolhida pelas irmãs, como costumamos nos chamar, e elas despertaram em mim uma maneira de manter vivo tudo o que tinha vivido em Salvador. Nós somos um elo de forças, movidas pela nossa ancestralidade, pelo que queremos plantar no presente e pelo que queremos que nosso povo colha no futuro. Desde 2018 tenho me dedicado ao Coletivo Corpo Negra, que tem sido minha fonte de inspiração e motivação maior, a fonte de vitalidade do meu individual. Com elas, mulheres negras, e por elas que me propus a construir esse trabalho de conclusão que, formalmente, costuma ser o momento final de um curso, mas na verdade é o início de um grande processo.

Em março de 2018, recebi o convite da Nati para participar da aula aberta de Iara Deodoro⁵, no Afro-Sul Odomode.⁶ Conheci essa mulher maravilhosa no começo da graduação, em uma disciplina que a professora Mônica Dantas ministrou, quando ela chamou Iara para

⁵ Iara Deodoro (nome civil) aparecerá nesse texto com diversas denominações. Toda vez que me referir a “Maria Iara Santos Deodoro”, “Iara Deodoro”, “Mestra Iara”, “Tia Iara”, “Iara”, estarei me referindo à mesma pessoa. Na dissertação ‘Falarfazendo Dança Afro-gaúcha: ao encontro com Mestra Iara’, de Manoel Gildo Alves Neto, encontramos uma descrição sintetizada da história biográfica de Maria Iara Santos Deodoro: nascida em meados de 1955, filha de Dona Verônica da Silva Santos, popularmente conhecida como Tia Lili e do Sr. Vilson Santos. Iara nasceu e cresceu no bairro Petrópolis, na capital gaúcha, Porto Alegre-RS. Aos oito anos de idade, por volta dos anos 1963 e 1964, Mestra Iara teve seus primeiros contatos com a Dança na Escola Santa Inês, onde era bolsista. Iniciando as práticas corporais na Ginástica Artística, que na época era chamada de “Ginástica Educacional Feminina Moderna”, ministrada pela Professora de Educação Física e Dança, a Sra. Nilva Therezinha Dutra Pinto, importante precursora da Dança no ambiente escolar na cidade de Porto Alegre durante as décadas de 1960 e 1970. Nilva Pinto foi a primeira e única professora de Mestra Iara, sendo a responsável por seus primeiros passos nos estudos em Dança. Em 1974, a professora Nilva Pinto também ministrava aulas de dança no Colégio Anchieta de Porto Alegre. As turmas se conheciam e o diferencial do grupo de Dança do Colégio Anchieta era dançar com música ao vivo, produzida pelo coral da escola. Na banda do coral havia um único jovem negro chamava-se Marco Aurélio Faria, o Maestro. Interessado em investigar estéticas musicais africanas e afro-diaspóricas o jovem Marco Faria reúne alguns amigos e propõe compor uma música-protesto para participarem de um festival estudantil de música que aconteceria no anfiteatro Colégio Marista do Rosário. Com o intuito de melhorar a performance para a apresentação os músicos resolveram convidar a bailarina Iara Deodoro e outros 4 bailarinos para comporem o grupo (ALVES NETO, 2019).

⁶ Iara Deodoro passa a integrar o grupo, que posteriormente recebe o nome de “Afro-Sul”. O espaço físico do Instituto Sociocultural Afro-Sul Odomodê se localiza na Avenida Ipiranga, número 3850.

relatar sua trajetória com a dança. Porém naquela época era tudo muito novo para mim, eu não conhecia as figuras da dança de Porto Alegre e tão pouco estava preparada para compreender e absorver tamanho conhecimento. Tempos depois, tudo mudou, assim que coloquei meus pés naquele território! A arte de uma parede que diz “Afro-Sul, um pedaço da África no Sul do Brasil” me tocou de uma maneira muito forte. Fiquei impactada quando vi tanta gente como eu em uma aula de dança. Como assim? Eu não estava em Salvador, estava em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Aqueles que vestiam as camisetas do Afro-Sul, eram os integrantes do grupo de dança e, junto da tia Iara, ministraram uma aula de dança afro-gaúcha⁷ que me fez acreditar que novamente eu seria feliz fazendo dança, como fui em Salvador. Depois daquele dia eu não desgrudei mais da mestra Iara e quando estou no Afro-Sul sinto a força dos meus ancestrais e orgulho do que eu sou. Nessa mulher e dentro desse território negro eu encontrei sentido para dar um novo rumo à minha trajetória de vida com dança.

Figura 03 – Aula aberta com Iara Deodoro.



Fonte: Acervo pessoal (Espaço Afro-Sul Qdmode – 15/03/2018). Foto: Autor não identificado.

No segundo semestre de 2018 estava matriculada na disciplina de Pesquisa em Dança, com o professor Márcio Pizarro Noronha e desde o início tive a intenção de me dedicar à construção de um projeto que, posteriormente, se estabelecesse como tema para o Trabalho de

⁷ O grupo está em funcionamento ininterrupto desde novembro de 1974, ano em que a jovem bailarina dá início a sua investigação artística em *Dança Afro-Gaúcha*, visibilizando corporalidades negras insubmissas, fomentando através de práticas artístico-educativas estratégias de emancipação social de pessoas negras. Mestra Iara é a percussora a produzir um aporte estético-corporal de cunho político antirracista e de(s)colonial no campo das Artes Cênicas, especificamente na Dança, na capital gaúcha.

Conclusão. Revisitando meus materiais daquele período, pude ver que até outubro eu estava certa de que minha motivação de pesquisa seria em cima do ensino de dança e ferramentas metodológicas para a formação artística de um aluno, passando pelos eixos de criação, reflexão e argumentação em dança. Lembro que era um assunto do meu interesse, e ainda o é, que se sobrepôs a uma tímida vontade em estudar algo relacionado à história e cultura negra. Na ocasião eu não permiti que esse desejo se ampliasse, pois não me senti capaz intelectualmente e com experiência suficiente para fazer tal abordagem.

Mais uma vez a força dos meus ancestrais agiu sobre mim, quando fui conduzida para mais uma experiência em dança que me deu coragem necessária para enfrentar as barreiras que eu mesma havia colocado em meu caminho.

Natália e eu participamos do II Seminário de Dança Afro-brasileira do Rio Grande do Sul – Pretagogias no ensino da Dança Afro⁸, realizado entre os dias 19 e 20 de outubro de 2018, no Colégio Municipal Pelotense, em Pelotas/RS. A organização e coordenação da formação estavam ao encargo da Prof^a Esp. Maritza Ferreira Freita, Prof^a Doutoranda Raquel Silveira, Mestra em Artes Visuais Juliana Coelho, Corpo Odara Produções - Manoel Luthiery⁹ e SEMA - Rita Lende.

Estabelecemos uma importante rede de saberes, trocas e contatos com pessoas dedicadas à educação e à arte. Foi uma oportunidade ímpar de fazer aulas de dança com profissionais que se tornaram minhas referências, de ampliar meu conhecimento através das mesas de conversa, de assistir apresentações de alunos de projetos de dança, enfim, de encontrar novas inspirações para minha vida pessoal e profissional, fortalecida pelo Axé (energia vital)¹⁰. Aqui talvez esteja o fator determinante que balizou minha nova rota: fui arrebatada pela “Pretagogia” (SILVA, 2013), uma “abordagem teórico-metodológica que parte de referências das filosofias que atravessam as tradições africanas[...] Uma pedagogia que atualiza seus princípios nas culturas afrobrasileiras e afrodiaspóricas...” (PETIT, 2016, p.66). Inspirada em seus pressupostos construí o Pré- Projeto de Trabalho de Conclusão intitulado “Práticas Pretagógicas em Dança – Uma abordagem de educação antirracista, comprometida com a Lei nº10.639”, que após o

⁸ Link da Página do Seminário Dança Afro-brasileira do Rio Grande do Sul: < <https://www.facebook.com/seminariodedancaafrodors/> >.

⁹ Manoel Luthiery aparecerá nesse texto com outras denominações. Toda vez que me referir a “Manoel Gildo Alves Neto” ou “Manoel Luthiery” ou “Mano”, estarei me referindo à mesma pessoa.

¹⁰ Segundo o Caderno III Modos de Interagir “A educação que tem o princípio do axé como um valor está alicerçada no cotidiano, no fluxo e no imponderável da vida, na capacidade de criar, arriscar, inventar, de amar como afirmação de existências. Não é uma educação engessada em normas, burocracias, métodos rígidos e imutáveis, mas no desejo, na alegria. É pensar no axé, na força vital, como vontade de viver, de aprender. Viver com vigor, com alegria, com o brilho no olho, acreditando que a vida é um/ o presente, o dia-a-dia.” (A COR DA CULTURA, 2006, pg. 55).

período de estudo, discussão e reflexão resultou no “Laboratório de movimentos negros: uma proposta de interação discente e mediação docente”.

Figura 04 – II Seminário de Dança Afro-brasileira do Rio Grande do Sul – Pretagogias no Ensino da Dança Afro.



Fonte: Acervo pessoal (Colégio Municipal Pelotense, Pelotas/RS – 20/10/2018). Foto: Autor não identificado.

O presente trabalho tem como motivação a produção de conhecimento afroreferenciado em dança, propondo outras possibilidades de pensar, fazer, criar e ensinar reconhecendo, valorizando os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros e Africanos.

Nas perspectivas desse estudo vou operar com recortes sociais das categorias de gênero, profissional e étnico- racial, nas quais me incluo com meu posicionamento de mulher negra, artista e docente. Como discente em Licenciatura em Dança defendo a importância de uma educação antirracista e a construção de estratégias para ampliar esse debate e prática dentro do campo da dança, produzindo um conhecimento afroreferenciado que venha a representar um fazer/pensar do corpo/mente afro e descolonize os moldes de um ensino eurocêntrico.

Entendo como primordial uma metodologia de aula que produza conhecimentos e posturas que eduquem cidadãos, negros e não negros, a respeitarem e valorizarem a pluralidade étnico- racial, bem como estabelecer relações saudáveis entre si.

É preciso fomentar estratégias educacionais que não só se comprometam com o acesso dos alunos afro-brasileiros, como também invistam em sua permanência, através de um conteúdo que valorize a identidade, História e Cultura Afro-brasileira e Africana e que garanta o reconhecimento e igualdade de valorização do povo negro, ao lado dos indígenas, europeus, na

construção da nação brasileira. Conforme o segundo parágrafo do texto da lei, os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, sendo a Educação Artística, uma das áreas em especial para esse cumprimento.

Início o primeiro bloco contextualizando a presença da população negra na condição escrava no processo de constituição do Brasil, o processo político social de exclusão desse grupo na sociedade e como esse fato atinge historicamente o sistema educacional brasileiro (ROCHA, 2007). Na sequência apresento a Lei nº 10.639/03 como importante resposta às lutas dos movimentos civis e sociais que historicamente reivindicam por políticas de promoção da igualdade racial na educação a partir do diálogo em espaços de conferências, consultas públicas e fóruns de igualdade racial. E finalizo compartilhando com vocês, leitores, o primeiro material que organizei, no ano de 2019, com base nesse estudo hermenêutico e em depoimentos em entrevista, publicações de artigos, periódicos e livros de comentaristas da lei.

A partir do segundo bloco, todos os estudos apresentados e materiais compartilhados foram realizados no presente ano. Com uso de dados do IBGE e referenciais negros compostos por autores e artistas como: Luciane Ramos (2016), Manoel Luthiery (Manoel Gildo Alves Neto) (2019), A Cor da Cultura – Caderno do Professor (2006) e Sarita Amaro (2015), começo apresentando questionamentos meus sobre o comprometimento das instituições de ensino que atuam nos níveis e modalidades da educação brasileira em conformidade com a Lei 10.639, de 2003, e com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação para as Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, publicada em 2004. No mesmo sentido direciono o olhar para a UFRGS e concluo focando no curso do qual sou discente, quando me proponho a compartilhar minhas reflexões sobre o currículo de Licenciatura em Dança da UFRGS, sua relação com o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na formação de licenciandas (os) e como está desenvolvendo nesses professores habilidades e atitudes que permitam contribuir para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Ainda nesse bloco explico como se deu minha pesquisa nos bancos de dados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para mapear programas, ações, projetos e atividades implementadas pela universidade comprometidas com as políticas educacionais das relações étnico-raciais.

No terceiro bloco conto a vocês como foi o meu fazer pedagógico em dança, relatando sobre cada etapa de construção do Laboratório de Movimentos Negros; as pessoas ou acontecimentos que inspiraram minhas ideias; os textos da lei, artistas e autores negros nos quais baseei meus estudos; a importância de Mestre Iara Deodoro e Manoel Luthiery como referências negras que têm se feito presentes no meu processo de crescimento em dança e que, nos últimos meses, através da escuta, da troca, da atenção, do olhar, do carinho, do puxão de orelha, do

movimento e do elo que nos une como corporeidade e espiritualidade pretas, contribuíram muito para a construção desse trabalho; Iara Deodoro como minha referência de metodologia de ensino de dança, em reconhecimento e valorização da sua trajetória artística e pedagógica e de tudo que ela representa para mim, para aqueles que, de alguma forma, tiveram e ainda tem em suas vidas a presença dessa mulher e para o cenário cultural do Rio Grande do Sul; os textos, materiais e ferramentas escolhidos para compor o laboratório.

No quarto bloco me dedico a compartilhar os dois planos de atividades do Laboratório de Movimentos Negros, seguidos dos respectivos relatórios dos encontros com as turmas.

Numa narrativa em que revisito minhas memórias e emoções, nesse quinto bloco compartilho com vocês ausências que marcaram minha trajetória discente e docente, desde a educação básica ao ensino superior, a importância de amigas e amigos que fiz no curso para o crescimento de tudo que compõem o que eu sou, o valor do Coletivo Corpo Negra em minha vida e o poder que tem essa união em potencializar nossa subjetividade negra e criar forças para enfrentar as lutas diárias e tantas outras coisas que tenham sido relevantes para mim.

E o último bloco, que formalmente costuma ser a conclusão, não se estabelece no sentido de “Caminhar para o fim de; terminar ou acabar”, mas sim de “entender” os aspectos principais que se apresentaram em toda essa experiência.

Desejo a todos vocês uma boa e movimentada leitura!

1 OLHANDO PARA UM PASSADO QUE AINDA SE FAZ PRESENTE

Se formos analisar o contexto histórico do Brasil veremos que a escravização do negro trazido da África, que sequer era considerado um ser de alma, gerou um estigma que se arraigou nos costumes e pensamentos da sociedade e, que embora se negue, mantém a desigualdade a que nós, afro-brasileiros, somos submetidos.

Na medida em que os negros foram conquistando sua liberdade, a forma depreciativa de pensar e agir do senhorio foi se intensificando. A partir de 13 de maio de 1888, sendo decretada a Lei Áurea, legalmente a escravidão deixa de existir, porém o negro liberto não recebe qualquer tipo de auxílio ou subsídio para que possa se manter, sendo colocado ainda mais a margem. O racismo e a desigualdade se perpetuam até os dias atuais.

O que dizer então do processo de exclusão social do negro na sociedade brasileira? A primeira Constituição Federal foi criada em 1824, mas só 164 anos depois, com a Constituição de 1988, é que se tem um avanço rumo a uma sociedade democrática que reconhece que os descendentes de escravizados tivessem, na formalidade, direitos como cidadãos e pudessem usufruir de seus direitos civis e políticos. Desta forma, entende-se que no processo de educação o negro também foi excluído e teve seu acesso e permanência prejudicados. “Considera-se importante voltar a olhar para o passado, fazer uma breve retomada histórica sobre como a educação tem sido posta para o povo negro. Essa retrospectiva poderá ajudar a compreender melhor como ocorreu o processo de exclusão educacional desse segmento populacional brasileiro.” (ROCHA, 2007, p. 16).

O sistema educacional brasileiro teve como uma de suas premissas o silenciamento da história e tradições culturais Afro-brasileiras e Africanas. Nesta ideologia de supremacia racial branca, durante muitas décadas o saber dominante europeizado foi acobertado pelo mito da democracia racial e impediu que crianças e jovens, negras e negros, encontrassem na escola um ambiente acolhedor que lhes garantisse aprendizado prazeroso e significativo, tal como uma permanência de qualidade.

Ao longo do século XX, a educação formal esteve sempre colocada como questão destaque na agenda de luta dos movimentos sociais negros. Respaldados pela Constituição de 1988, essas reivindicações e denúncias apresentadas por ativistas, militantes e por pesquisadores estudiosos da causa começaram a ser ouvidas e esta história passou a tomar um novo rumo.

1.1 ESTUDO INTERPRETATIVO DA LEI 10.639/03

Em reconhecimento às importantes lutas do Movimento Social Negro, em 9 de janeiro de 2003, a Lei nº 10.639 alterou a Lei de Diretrizes e Bases (LDB nº 9.394/96) nos seus artigos 26 e 79, tornando obrigatória a inclusão no currículo oficial de ensino as temáticas “História e Cultura Afro-brasileira”. Suas formas de regulamentação formadas pelos textos da Resolução CNE/CP nº 01/2004, Parecer CNE/CP nº 03/2004, instituem Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

Em detalhes a legislação prevê que:

- § 1º – O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil;
- § 2º – Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, 2003).

No primeiro semestre de 2019, na intenção de me aproximar e entendê-la nesse início do meu processo de estudo, realizei uma breve análise interpretativa a partir da perspectiva de comentaristas da Lei 10.639/03. Para tanto elegi referências negras que atuam como historiadores, professores, ativistas do Movimento Social Negro e, também, uma integrante da comissão que elaborou a referida lei. Através de seus depoimentos em entrevista, publicações de artigos, periódicos e livros, inteirei-me do que pensam sobre essa legislação, de sua consistência jurídica, do que ela representa em frente às lutas do Movimento Social Negro, em que medida vem sendo efetivada, do papel da lei no processo histórico do país, do seu impacto em frente a movimentos conservadores, dos desafios que ainda precisam ser enfrentados, e das demais opiniões. Com base nesse estudo hermenêutico, organizei a seguinte tabela:

Tabela 01 – Leituras Interpretativas da Lei nº 10.639/03 sob a ótica de historiadores, professores e ativistas do Movimento Social Negro.

COMENTARISTA	FONTE DE PESQUISA E PONTO DE VISTA
<p>José Rivair Macedo – HISTORIADOR</p>	<p>Revista do Programa de Pós-Graduação em História v. 21 n. 40, dezembro de 2014. Porto Alegre Organizador: José Rivair Macedo.</p> <p>Na apresentação do texto, José Rivair (MACEDO, 2014) diz que desde o século XX já existiam abordagens de estudo sobre África e africanos e/ou sua</p>

COMENTARISTA	FONTE DE PESQUISA E PONTO DE VISTA
	<p>história em determinado contexto. Essas abordagens ganharam forma na Europa, Estados Unidos e na África, na respectiva ordem, cada uma com um foco de estudo.</p> <p>Foi no século XXI que no Brasil a área ganhou força, a partir da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana no Ensino Fundamental e Médio com a Lei Federal 10.639/03. Ocorre, então, uma progressiva inserção desses estudos em disciplinas nos cursos de História de 24 universidades públicas. Dali em diante se observa um maior interesse na área de estudo e que vai além da docência, tornando-se pesquisa acadêmica formal.</p> <p>Para fortalecer esse estudo e suas complexidades, é criada uma rede nacional de NEABs (Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos) e, em 2011, com a criação do GT Nacional de História da África, vinculada à Associação Nacional de História (ANPUH).</p>
<p>José Rivair Macedo – HISTORIADOR</p>	<p>Entrevista com José Rivair Macedo: a consolidação do campo de História da África Antiga no Brasil. Entrevista concedida a Belchior Monteiro Lima Neto.</p> <p>Ele acredita que é inseparável a relação da criação da Lei 10.639/03 com o engajamento de construir-se materiais de conhecimento sobre a cultura e história afro-brasileira e africana. Contudo, ele observa que os frutos do fortalecimento desta área dentro da academia ainda não são suficientes para o suporte docente de quem atua nas salas de aula do Ensino Fundamental e Médio.</p> <p>Sob a visão de alguns críticos, alguns pontos da lei reforçam, sob outra ótica, uma perspectiva extremista e de distanciamento entre africanos x europeus/negros x brancos. Sobre isso, José Rivair afirma que em uma leitura das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana veremos que o objetivo dessa lei antirracista é de garantir que a cultura e história negra em geral faça parte do currículo, assim como a cultura e história de outros povos, entendendo que a educação precisa respeitar e valorizar as pluralidades que compõem nossa sociedade.</p> <p>Ele entende que existe um descompasso entre a pesquisa acadêmica e os processos de ensino aprendizagem. Apesar da inclusão de algumas informações gerais sobre a História da África Antiga e Medieval em livros didáticos, Rivair afirma que pouco se foi feito nesse sentido e acredita que o livro é um entre outros instrumentos pedagógicos, e que não deve ser usado como norteador dos planos e estratégias de ensino.</p> <p>“Entendo que os NEABs estão assumindo um novo papel, o de fornecer condições materiais e dar suporte acadêmico para a produção de conhecimento científico a partir de referenciais válidos no tratamento de questões atinentes às</p>

COMENTARISTA	FONTE DE PESQUISA E PONTO DE VISTA
	<p>experiências negras e indígenas, vindos de autores(as) negros(as) e indígenas, portadores de visões de mundo, de discursos e práticas comprometidas com a erradicação ou pelo menos minimização das desigualdades de cunho étnico-racial.” (MACEDO, 2018).</p>
<p>Anderson Ribeiro Oliva – HISTORIADOR</p>	<p>A história africana nas salas de aula diálogos e silêncios entre a Lei nº 10.639/03 e os especialistas - Anderson Ribeiro Oliva.</p> <p>Anderson comenta que se até 1990 a presença dos estudos africanos nos programas curriculares e livros didáticos era irrelevante, oito anos depois, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da área de História essa perspectiva mudou brevemente. Em 1999 os livros didáticos de História, utilizados entre 5ª e a 8ª séries do Ensino Fundamental incluíam pelo menos um capítulo sobre a história africana, quase resumida ao período que se estende do século VII ao XVIII.</p> <p>Mais tarde é determinada a Lei 10.639/2003 e em 2004 a publicação das Diretrizes Curriculares da Educação das Relações Étnico- Raciais... “ Todos esses documentos sinalizavam para a importância ou para a obrigatoriedade da introdução do estudo da História da África nas escolas brasileiras de Ensino Fundamental e Ensino Médio. Ao mesmo tempo, indicam que um preocupante silêncio envolvia a temática em nossos bancos escolares até os anos 1990, e que o esforço para quebrá-lo seria enorme.”</p> <p>Anderson reconhece os avanços que o movimento negro conquistou, mas diz que esses documentos traçaram linhas mais claras, mas não menos insuficientes sobre o contexto cultural e histórico da África. Segundo ele os textos, citados acima, dedicam pouca atenção à África, concentrando a maioria das propostas nas questões relacionadas aos estudos da história e cultura afro-brasileiras.</p> <p>Em uma análise sobre o parecer elaborado pela conselheira e relatora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva acerca das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, ele destaca a importância de um aspecto alertado pelas Determinações das Diretrizes: não se trata de trocar o foco eurocêntrico por um de matriz africana, e sim ampliar o foco para a diversidade da sociedade.</p> <p>Aprecia que nas indicações de conteúdo se quebra a ideia de resumir a visão às sociedades africanas apenas pela ótica negativa.</p> <p>“E para além das referências aos conteúdos a serem apresentados aos alunos, as Diretrizes sinalizam ainda para a necessidade de inclusão, nos cursos de formação de professores e profissionais da educação, de “materiais e de textos didáticos, na perspectiva [...]” de estimular o “ensino e aprendizagem da História e</p>

COMENTARISTA	FONTE DE PESQUISA E PONTO DE VISTA
	Cultura dos Afro-brasileiros e dos Africanos.” (OLIVA, 2008, p. 200).
<p>Dennis de Oliveira – PROFESSOR E ATIVISTA</p>	<p>Dennis de Oliveira: Um breve balanço dos dez anos da lei 10.639/03.</p> <p>Dennis (OLIVEIRA, 2013) inicia reconhecendo que o início da posse do Governo Lula iniciou com medidas que atendiam as lutas do movimento negro: a Lei 10.639/03. Porém, ele considera que o cenário, dez anos após a criação da lei, é desanimador.</p> <p>Considera os cursos superiores, voltados à licenciatura, resistentes em incluir os estudos, determinados pela lei, em um currículo que forma professores para atuarem no Ensino Básico. Destaca o pensamento normativo entre os cursos de história, arte e literatura. Isso traz consequências diretas ao processo de ensino aprendizagem nas escolas, já que no Ensino Superior poucos pensam e produzem conhecimento efetivando uma parceria entre academia e escola.</p> <p>O sucateamento do ensino público onde, de maneira geral, se encontram os professores engajados com as pautas políticas, dificulta o processo de continuidade das práticas antirracistas. A má condição de trabalho, falta de material pedagógico, a escassez de formação continuada para professores...acaba restringindo uma atuação política e ativa.</p> <p>A falta de professores engajados com o tema mobiliza membros do movimento negro, que organizam cursos de qualificação e formação. Assim, o atendimento a uma demanda garantida em lei fica na dependência de iniciativas e do voluntarismo de militantes, desobrigando o poder público.</p>
<p>Flávio Passos – MILITANTE NEGRO</p>	<p>10 ANOS DA LEI 10.639/03: e como ficamos? Flávio Passos.</p> <p>Flávio diz que a Lei 10.639/03 precisa ser compreendida enquanto conquista, popular e histórica, da organização dos movimentos negros. A lei ajudou a potencializar a luta, a consciência contra o racismo enquanto consciência de todos.</p> <p>Ele acredita que a lei despertou resistência por parte de muitas pessoas, a ponto de se criar argumentos como “racismo ao contrário”, desconsiderando todo o processo histórico que constituiu o Brasil e os reflexos racistas que permanecem até o hoje.</p> <p>Com a lei, trabalhar com esses estudos em sala de aula ou academia não é de responsabilidade apenas dos militantes, como antigamente. Fora outros avanços que a lei nos trouxe, como as pesquisas acadêmicas, artigos, teses, produções de material pedagógico...</p> <p>Ele comemora a criação de programas de extensão, disciplinas criadas nos programas de graduação, os órgãos de educação para a diversidade criados pelas secretarias de educação, promovendo a formação de professores... A lei cumprida, ora por força da ação dos ministérios públicos, ora pela pressão dos militantes talvez não tenha alcançado a melhor estimativa de implementação</p>

COMENTARISTA	FONTE DE PESQUISA E PONTO DE VISTA
	<p>efetiva, mas mesmo assim já traz consigo várias revoluções.</p> <p>“Os motivos pelos quais precisamos criar uma lei são os mesmos pelos quais precisamos lutar para que esta lei não se transforme em “letra morta”. Como dizia Florestan Fernandes, o brasileiro “tem preconceito de ter preconceito”.</p> <p>“No entanto, enquanto ponto de partida, a 10.639/03 dependeria, sob pena de se tornar esquecida, de que o tripé movimento social, governo e academia se mantivesse dialogando na busca de sua efetivação. E os sistemas de ensino, onde a lei é, ao mesmo tempo, reivindicada, aplicada e pensada, catalisam as três dimensões citadas.” (PASSOS, 2013).</p>
<p>Petrolina Beatriz Gonçalves e Silva – INTEGRANTE DA COMISSÃO QUE ELABOROU A LEI 10.639/03</p>	<p>Lei 10.639/03 completa 14 anos: confira análise de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Entrevista concedida ao Brasil de Fato.</p> <p>Petrolina diz que “Em discussão com o movimento negro, se havia concluído que, para reeducar as relações étnico-raciais de forma a combater o racismo, seria necessário conhecer, estudar, aprender sobre a história e cultura dos povos que vieram da África e sobre a história e a cultura que produzem seus descendentes.” (SILVA, 2017).</p> <p>“[...] tenho observado — que aumentou consideravelmente o número de professores, negros e não-negros, preocupados com a educação das relações étnicos-raciais. Entretanto, ainda continua dependendo de uma iniciativa individual do professor ou de um grupo de professores. É raro, difícil que essa seja uma política das escolas, e que esta [disciplina] conste no plano político-pedagógico das instituições.”</p> <p>“O que eu disse em relação aos professores da educação básica não é diferente no ensino superior. Entretanto, há uma diferença para as universidades porque, na avaliação periódica dos cursos pelo MEC, há um quesito que prevê examinar se realmente está sendo cumprido o que dizem as diretrizes curriculares da Educação.”</p>

Considerarei essa primeira tarefa como um estudo macro a partir da 10.639, me dando um breve panorama teórico da lei e como ela vem sendo percebida no campo prático, principalmente no que se refere ao sistema de educação brasileiro. No próximo capítulo apresentarei, então, a continuidade de um estudo mais micro, focando na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e no Curso de Licenciatura em Dança, no qual sou discente, e suas ações acerca da Educação das Relações Étnico-Raciais.

2 CAMPO TEÓRICO DA LEI X PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO

O estudo do que estabelecem, instituem e incluem a 10.639 e suas formas de regulamentação me fez pensar como tudo isso tem transcendido o campo teórico da lei e se ampliado para práticas de educação.

Ao longo do capítulo eu apresento questionamentos, compartilho materiais de estudo que consultei e construí sobre a atuação da UFRGS em conformidade com as Leis nº 10.639/03 e nº 12.711 e alguns pontos de vista sobre o Curso de Licenciatura em Dança UFRGS.

Nesse sentido o primeiro questionamento é amplo e pensa sobre como a política educacional em questão vem sendo observada pelas instituições de ensino que atuam nos níveis e modalidades da educação brasileira após dezesseis anos de vigor da 10.639.

O segundo se direciona ao nível superior, com um olhar voltado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição na qual tenho realizado minha formação acadêmica atual.

Como a UFRGS está incluindo, orientando e garantindo que a Educação das Relações Étnico-Raciais e as temáticas que dizem respeito aos afro-brasileiros e africanos estejam nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministra? Tem garantido não só a entrada de alunos negros, como também a permanência e qualidade de estudo, desde o fomento de pesquisa até a oferta de bolsas científicas na temática da Educação das Relações Étnico-Raciais? Quais eventos acadêmicos têm desenvolvido para a promoção das Relações Étnico-Raciais positivas dos seus estudantes? Tem feito um intercâmbio dos seus estudos com a educação básica e comunidade em geral?

Com foco nos seus programas de formação inicial e continuada de professores, a instituição está agindo para capacitar os estudantes de licenciatura e os professores, nos cursos de formação, em consonância com as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana e com a temática das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08? Em suas atuações, os professores da universidade estão se comprometendo com a EREER e os conteúdos propostos na lei? Qual é o suporte da instituição para isso?

A partir desses questionamentos, professor Márcio e eu identificamos duas tarefas que me ajudaram a entender a atuação da UFRGS em conformidade com as Leis nº 10.639/03 e nº 12.711.

A primeira foi partindo de algumas ações e programas que eu já tinha conhecimento, pesquisando outros no site da universidade e de alguns dos seus órgãos (núcleos, programas, etc.) e fazendo a leitura da Cartilha “Ações afirmativas na UFRGS” produzida pela Comissão de

Acompanhamento dos Alunos do Programa de Ações Afirmativas e o Programa de Conexões de Saberes da UFRGS. Então mapeei ações, programas e decisões implementadas na UFRGS que promovem políticas públicas com foco nas relações étnico-raciais e ações afirmativas. Organizei o conteúdo em uma tabela que destaca o nome da ação/programa, sua descrição em síntese, órgão da UFRGS que organiza (núcleo, programa, etc) e ano de criação.

Esse foi um levantamento a partir de dados primários, para ter uma noção do desenho de ações, atividades e programas oficiais, e a dinâmica de ampliação dos mesmos dentro da estrutura institucional. Contudo, esse trabalho não se compromete em mapear todas as elaborações existentes, como por exemplo, as que são mobilizadas por estudantes e diretórios acadêmicos e que algumas vezes não se tornam atividades efetivas de extensão ou pesquisa por não serem coordenadas por professores ou técnicos. Apenas um estudo etnográfico daria conta de uma estrutura tão ampla e complexa, porém esse não é o objeto dessa pesquisa.

Tabela 02 – Ações, programas e decisões implementadas na UFRGS que se relacionam com questões étnico-raciais.

AÇÃO/PROGRAMA E ANO	DESCRIÇÃO	ÓRGÃO
Programa Convivências – 1966	Promovido pelo DEDS (Departamento de Educação e Desenvolvimento Social), desde 1996, o Programa Convivências propõe um encontro de saberes entre a Universidade e comunidades populares da Grande Porto Alegre e do interior do estado, como quilombolas, indígenas e periféricas. Através de uma metodologia participativa de construção de conhecimentos, atuam estudantes de graduação, professores e técnico-administrativos da UFRGS de diversas áreas, os quais têm a oportunidade de conviver junto a essas comunidades durante o período de recesso escolar.	DEDS
Programa De Ação Afirmativa – 2007 com vigor em 2008	O Programa de Ação Afirmativa, aprovado pela Decisão 134/2007 iniciou a implementação do ingresso por reserva de vagas de estudantes de escola pública e de autodeclarados negros de escola pública.	Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas (CAF)
Conversações Afirmativas – 2010	O Projeto Conversações Afirmativas busca colaborar para o fortalecimento das Ações Afirmativas criando espaços de reflexão e de integração da comunidade acadêmica e da comunidade externa em torno do tema. Dessa forma, o Conversações Afirmativas	DEDS

AÇÃO/PROGRAMA E ANO	DESCRIÇÃO	ÓRGÃO
	realiza rodas de conversa em espaços da Universidade enfocando temas relacionados à implementação das políticas de Ações Afirmativas. O projeto também atua em escolas da rede pública de ensino com rodas de conversa para divulgar o Programa de Ações Afirmativas da UFRGS. Além disso, o Conversações também desenvolve atividades culturais, como a elaboração de painéis artísticos relacionados aos temas em discussão.	
CAF – 2012	A Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas (CAF) é um órgão de gestão que, desde 2012, apoia as atividades e demandas do que diz respeito à temática de Ações Afirmativas nesta Universidade.	CAF
UNIAFRO – 2013	UNIAFRO – Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola é um curso ofertado pela UFRGS que pretende produzir instrumento para a teorização e proposição de ações que transformem o cotidiano das relações inter-raciais na escola.	Financiado pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) e FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) Ofertado através do FORPROF (Centro de Formação Continuada de Professores) – UFRGS
Semana da África na UFRGS – 2013	A Semana da África na UFRGS é um evento acadêmico proposto por estudantes africanos e realizado pelo DEDS em parceria com o NEAB (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos) – UFRGS e outros departamentos da Universidade desde 2013. Trata-se de um espaço para que pesquisadores, estudantes e professores apresentem trabalhos que tratem de questões do continente africano. Também são realizadas exposições e apresentações relacionadas às diversas culturas africanas.	DEDS em parceria com NEAB – UFRGS
NEAB – 2014	O Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos da UFRGS (NEAB/UFRGS) visa produzir, difundir e promover ações de ensino, extensão e pesquisa.	NEAB UFRGS

AÇÃO/PROGRAMA E ANO	DESCRIÇÃO	ÓRGÃO
Rede Multidisciplinar de Estudos Africanos – 2014	Rede Multidisciplinar de Estudos Africanos do Instituto Latino de Estudos Avançados da UFRGS.	Instituto Latino de Estudos Avançados da UFRGS
Por Dentro da UFRGS: Programa de Apoio ao Acesso à Universidade – 2017	O programa atua através de três eixos: capacitação continuada, palestras e oficinas em escolas públicas de Porto Alegre e região metropolitana e Cursinho Pré-Vestibular Popular (gratuito) na Escola Municipal Liberato Salzano.	DEDS em parceria com PROGRAD (Pró-Reitoria de Graduação), CAF, PRAE (Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis), INCLUIR (Núcleo de Inclusão e Acessibilidade) E SBUFRGS (Sistema de Bibliotecas da UFRGS)

2.1 UFRGS: ATIVIDADES DE EXTENSÃO E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NEGRAS

A segunda tarefa foi consultar o Catálogo das atividades de Extensão oferecidas pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT), disponível em seu site, para identificar ações de extensão da UFRGS que tivessem relação com questões étnico-raciais. Optei por encontrar aquelas que tivessem sido realizadas ou estivessem em vigor no ano de 2019, mais especificamente entre 01/01/2019 a 24/11/2019. A partir da interpretação do *Título da Ação*, selecionei todas aquelas que pudessem ter recortes étnico-raciais e, a partir da leitura dos *Detalhes da Ação*, identifiquei quais realmente tinham esse foco. A primeira consulta foi no dia 25 de abril de 2019, quando encontrei oito atividades. Atualizando o estudo em 24 de novembro do mesmo ano, pude notar a expansão de elaborações engajadas com as questões, que agora já totalizavam quarenta e uma atividades a mais do que na primeira data de investigação. Abaixo a relação das ações encontradas, separadas por *área temática*.

Tabela 03 – Ações de extensão da UFRGS que se relacionam com questões étnico-raciais.

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE
<p>1. AÇÕES INTERDISCIPLINARES EM SAÚDE PARA QUILOMBOLAS 2019 https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=39289</p> <p>2. SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA E A INTEGRAÇÃO UNIVERSIDADE E SERVIÇOS DE SAÚDE https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=39216</p>

3. 10º SEMINÁRIO INTERNACIONAL ROTAS CRÍTICAS: MULHERES ENFRENTANDO AS VIOLÊNCIAS

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=41536

4. DIÁLOGOS NEGROS – CICLO DE ESTUDOS

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=40221

5. PROJETO DANDARAS: AKANNI E UFRGS CONSTRUINDO PENSAMENTO CRÍTICO E FORMAÇÃO PARA MULHERES NEGRAS DO RIO GRANDE DO SUL

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=40317

6. PROMOÇÃO DA EQUIDADE ÉTNICO-RACIAL NO SUS PORTO ALEGRE/RS

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=35797

ÁREA TEMÁTICA: EDUCAÇÃO

7. AFROCONTO: CONSTRUINDO UMA EXPERIÊNCIA ANTIRRACISTA NA ARTICULAÇÃO ENTRE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO INFANTIL

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=39390

8. DIÁLOGOS SOBRE A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A EDUCAÇÃO BÁSICA

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=34674

9. UNIAFRO - CURSO DE APERFEIÇOAMENTO EM POLÍTICA DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL NA ESCOLA - 2A.ED.

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=25905

10. AUTODECLARAÇÃO EM DEBATE

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=36812

11. CONVERSACIONES AFIRMATIVAS/2019

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=39246

12. DETERMINAÇÕES DE GÊNERO, CLASSE E RAÇA/ETNIA: IMPLICAÇÕES PARA O SERVIÇO SOCIAL E ÁREAS AFINS

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=35985

13. DIÁLOGOS INTERCULTURAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ETNICORACIAIS

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=41506

14. EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO COTIDIANO ESCOLAR E ACADÊMICO

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=40039

15. FLUXOS TRANSNACIONAIS E AFRICANIDADE

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=39880

16. GRUPO DE ESTUDOS MARIELLE FRANCO

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=40441

17. HISTÓRIAS DE LUTAS SOCIAIS DOS NEGROS EM PORTO ALEGRE

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=40511

18. EDUCAR E BRINCAR COM CRIANÇAS E JOVENS ADOLESCENTES DA COMUNIDADE ORFANOTRÓFIO DE PORTO ALEGRE

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=39055

19. ENCONTROS DIALÓGICOS: EDUCAÇÃO DO CAMPO KILOMBOLA

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=40810

20. ESCOLA DA TERRA – EDUCAÇÃO DE COMUNIDADES DO CAMPO, QUILOMBOLAS E INDÍGENAS

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=37238

21. I NOVEMBRO NEGRO DOS CURSOS DE MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=41714

22. II NOVEMBRO NEGRO DA QUÍMICA

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=41545

23. IV BRINCANDO DE CAPOEIRA

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=33629

24. NEGRITUDE E SERVIÇO SOCIAL

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=35889

25. POR DENTRO DA UFRGS 2018: PROGRAMA DE APOIO AO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=36224

26. QUESTÕES PARA A HISTÓRIA NEGRA DO RIO GRANDE DO SUL? 2019. 8º CURSO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES (PEP/UFRGS/APERS)

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=40544

27. TERRA, TERRITÓRIO, DIREITO À MORADIA E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NO QUILOMBO DOS ALPES

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=39892

ÁREA TEMÁTICA: CULTURA

28. CAPOEIRA: DIÁLOGOS PEDAGÓGICOS 2019

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=39237

29. LITERATURA AFRO-LATINO-AMERICANA

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=39218

30. COLETIVO CORPO NEGRA 2019

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=39923

31. AÇÕES PERFORMÁTICAS AFIRMATIVAS 2019

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=40213

32. AS VIAGENS DO TAMBOR - CONVERSACIONES E DIÁLOGOS

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=38349

33. DEAMBULANDO PELO COTIDIANO BRINCANTE DO PARALELO 30 - ESPAÇO DE VIVÊNCIAS EM DANÇAS POPULARES

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=41022

34. HISTÓRIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS NA ÁFRICA: GEOGRAFIA FÍSICA E

HUMANA.

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=40421

35. MÚSICA POPULAR NO IA – 2019

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=39720

36. LITERATURA AFRO-LATINO-AMERICANA

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=39218

37. SEMANA NEGRA ESEFID 2019 – EXTENSIVO

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=40406

ÁREA TEMÁTICA: DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA**38. ACOLHIMENTO À POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE VIOLAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS POR ORIENTAÇÃO SEXUAL, GÊNERO E RAÇA/ETNIA/2018-2019**

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=36128

39. AÇÕES INTERDISCIPLINARES NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SÃO ROQUE

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=37842

40. CLASSE, GÊNERO, SEXO, RAÇA E ETNIA: A CONSTRUÇÃO COLETIVA DE SABERES A PARTIR DA DIVERSIDADE

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=39369

41. GEOPOLÍTICA DO ESTADO E O TERRITÓRIO QUILOMBOLA NO SÉCULO XXI.

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=41731

42. NOVEMBRO NEGRO NA UFRGS

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=40608

43. POLÍTICAS DE EMANCIPAÇÃO: PERSPECTIVAS TEÓRICAS DE INTELLECTUAIS NEGRAS

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=41627

44. PROMOTOR@S EM SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA: UMA INICIATIVA SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE COM A UFRGS

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=36841

ÁREA TEMÁTICA: COMUNICAÇÃO**45. AS NEGRITUDES NAS MÍDIAS**

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=40585

ÁREA TEMÁTICA: ASSESSORIA E ATENDIMENTO**46. MOVIMENTOS SOCIAIS E SERVIÇO SOCIAL: MOBILIZAÇÃO E FORMAÇÃO POLÍTICA**

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=35774

47. ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA A APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO NO QUILOMBO DOS ALPES

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=40005

ÁREA TEMÁTICA: TECNOLOGIA E PRODUÇÃO

48. MAPEAMENTO COMPLEMENTAR DO QUILOMBO DOS ALPES, PORTO ALEGRE

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=40778

49. OFICINA AS NEGRITUDES NAS MÍDIAS

https://www1.ufrgs.br/extensao/catalogo/vis_acao.php?CodAcaoExtensao=41460

Nessas duas etapas de investigação de atividades de Extensão acerca das questões étnico-raciais oferecidas pela Pró-Reitoria de Extensão, identifiquei dez atividades que foram ou estão sendo realizadas na *Área Temática: Cultura*, três das quais são ações de extensão do Curso de Licenciatura em Dança.

2.2 O CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA E ALGUMAS REFLEXÕES

Minha primeira reflexão refere-se ao Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Dança no que diz respeito à ERER e ao Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Consta no documento que:

Ainda, questões relativas às Relações Étnico-raciais e História e Cultura Afrobrasileira e Africana e Educação em Direitos Humanos são abordadas ao longo do curso em diferentes disciplinas, com enfoques diversos. Alguns exemplos, como as disciplinas de Danças Populares, Estudos sócio-culturais em dança, Estudos histórico-culturais em dança, Campo profissional da dança, abordam e contextualizam diferentes matrizes de formação da cultura brasileira, tematizam a dança no contexto da diversidade cultural, considerando diferentes marcadores identitários, tais como: gênero, raça/etnia, classe social, geração, populações com necessidades especiais, bem como instigam a reflexão sobre os dilemas éticonormativos da intervenção profissional. (CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA UFRGS, 2018).

A partir desse pressuposto, proponho pensar: Efetivamente, o curso vem garantindo formação adequada aos futuros professores(as) acerca do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana e dos conteúdos propostos na Lei nº 10.639/03? Como ele tem desenvolvido habilidades e atitudes em seus estudantes que lhes permitam contribuir para a ERER e como isso tem refletido nos estágios ou outras experiências docentes dos licenciandos ao longo do curso? Quais ações estão sendo feitas para se ampliar esse debate no campo da dança?

Ainda sobre o documento acima citado, quando em sua apresentação relaciona a concepção e experiência sobre a dança com a prática docente, produção artística e científica, me

faz pensar: como as concepções e experiências dos docentes se incorporam à estrutura do currículo e tem se relacionado com a Educação das Relações Étnico-Raciais em dança?

Quando falo de concepção de experiência relacionada às práticas docentes e produção artística e científica, não posso deixar de registrar que, tanto no período em que sou aluna quanto na fala de professores e de alunos que ingressaram anteriormente a mim, não se tem conhecimento da presença de um professor negro (titular ou substituto) no corpo docente do curso. As questões por trás disso me provocam perguntas, as quais esse trabalho não daria conta de responder, por não se tratar do seu objeto de pesquisa¹¹. O que eu posso dizer é que essa não presença gera um impacto muito forte na vida acadêmica, principalmente na dos alunos negros que, diariamente, passam por conflitos internos e externos por falta de representatividade em mais essa etapa da educação.

Como terceiro ponto faço uma reflexão pautada na fala de Luciane Ramos:

São eventos interessantes importantes para gente pensar que relações a gente constrói, sobretudo no mundo da dança com o continente africano. E como essas relações podem ou não, e eu acredito que podem, ser mais horizontais, né!? Eu digo isso porque na minha pesquisa eu trato bastante de enfrentar os currículos de graduação em dança e como esses currículos, essas estruturas são absolutamente eurocentradas, né!? Como se discute o corpo, as noções de técnica, as noções de organização de corpo baseados fundamentalmente em técnicas eurocênicas, né!? Então, nos cursos de graduação em dança se estuda Contato Improvisação, Martha Graham, Merce Cunningham, release. E técnicas interessantíssimas e que são realmente importantes para a formação do corpo que dança, do corpo que ensina dançar, mas dizem pouco sobre o corpo brasileiro. Em que medida o Brasil ainda, mais uma vez, tem nas suas estruturas de formação quase nada que diz respeito a ele mesmo. (Informação verbal¹²).

Em se tratando sobre o “corpo brasileiro” (RAMOS, 2016) e das estruturas de formação em dança que não o contemplam, indago: o currículo do Curso de Dança UFRGS se assemelha a esse perfil de graduação em dança descrito por Luciane Ramos? Como ele se relaciona com as demandas e necessidades daqueles alunos que não vem de uma formação em dança moderna e ballet clássico, por exemplo?

Ao longo desses seis anos na Universidade, pude acompanhar (inclusive tomar parte), de alguns movimentos e ações que geraram reflexos no ensino da dança na UFRGS, nas suas

¹¹ Uma pesquisa quantitativa poderia responder quantos discentes negros ingressaram no curso de Licenciatura em Dança UFRGS nos seus dez anos de existência, quantos concluíram o curso, quantas pessoas negras são formadas na área de dança e/ou educação física, possuem uma especialização e estariam em condições de concorrer a processos seletivos no enquadramento que a universidade exige atualmente. Essas questões também abrem estudos acerca de princípios e parâmetros meritocráticos. Se a universidade não faz uma análise crítica e sociohistórica, estará inclinada a usar critérios de uma estrutura burocrática comuns a brancos e negros na sociedade. Meu trabalho não tem condições de responder a tudo isso, mas ele levanta tais perguntas e sugere uma agenda de temáticas de pesquisas que precisam ser feitas acerca do negro dentro da universidade.

¹² Citação de Luciane Ramos, falando sobre Danças Africanas e suas diásporas no Brasil – videoaula do cyberquilombo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tP206mrqm98>. Acesso em 26 ago. 2019.

diferentes esferas e seguimentos. Os processos de trabalho que envolvem a colaboração entre a graduação e pós-graduação merecem destaque. O Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFRGS, que atende boa parte dos egressos das graduações em dança (entre outros), desde 2016, reserva em seus editais vagas destinadas a candidatas/os autodeclaradas/os negras/os, indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência e pessoas trans, travestis e transexuais. A presença da Prof^a Dra. Celina Nunes de Alcântara, uma mulher, artista e pesquisadora negra, que desde 2017/2 integra o corpo docente do PPGAC e inaugura uma nova direção na área das artes cênicas; a criação dos “Tópicos em dança¹³”, e aqui preciso destacar a Tópicos em Dança II ofertada em 2017/01, com orientação da Professora Mônica Dantas e ministrada pelos mestrados Daniel Aires e Marco Rodrigues¹⁴, a qual teve o objetivo de “estudar, vivenciar e discutir a prática de danças urbanas no Brasil e no Rio Grande do Sul, investigando as possibilidades de utilização das tecnologias digitais como forma de registro e ferramenta pedagógica”. Participei da disciplina e lembro como as propostas de ambos os mestrados foram importantes para movimentar outras possibilidades de dança, conforme nós (alunos) vínhamos solicitando, mas foi a presença de Marco Rodrigues que me marcou de uma maneira diferente, por ser um homem negro, artista, que estava ali compartilhando sua produção de conhecimento em dança e que, em breve, se tornaria Mestre em Artes Cênicas. É sobre me sentir representada! Também gostaria de citar a disciplina Tópicos em Dança II ofertada em 2019/2, com orientação da mesma professora e ministrada pelas mestradas Ariadne Paz¹⁵ e Adrielle Paulino¹⁶, com o objetivo de “estudar, vivenciar e discutir a prática de danças de matriz afro-brasileiras e de danças urbanas no Brasil e no Rio Grande do Sul”. Infelizmente não pude participar, mas vejo

¹³ Tópicos em Dança são cadeiras eletivas com temas pertinentes na área da dança (danças urbanas, dança de salão, figurino, flamenco, dança negra, etc.) e que variam conforme os semestres, podendo ser concedidos através de cursos de extensão ou estudos em projetos de pesquisa.

¹⁴ Popularmente conhecido como Bocão, natural de Porto Alegre/RS, iniciou sua trajetória por meio da capoeira, em que teve uma experiência no grupo Filhos da Vivência, de 1980 a 1990. Seu primeiro contato com a Dança de Rua e o seu despertar pela vontade de dançar foi por volta de 1982, ao assistir vídeos do cantor Michael Jackson e filmes como *Flashdance* e *Beat Street*. Formou-se em Educação Física – Licenciatura Plena, pela Universidade do Vale dos Sinos, em 2005. Possui Especialização em Dança pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto em 2006 (PORTO, 2010). Em 2018 concluiu Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS.

¹⁵ Formada no curso de Dança Bacharelado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em 2017. Em 2018 ingressou no mestrado do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da UFRGS, pesquisando a temática da representatividade da mulher negra e o referencial teórico em dança. Começou a dançar com 15 anos em um grupo show de passistas de escola de samba e esse grupo a levou a entrar na Cia. de Dança Afro Euwá Dandaras, de Santa Maria/RS. 04 anos depois passou a participar do Coletivo Negressencia. Em 2019 participou de algumas apresentações com o coletivo Ominirá (dança e música afro-brasileira) e com o grupo Pretambor (grupo de percussão de mulheres negras e indígenas).

¹⁶ Formada em Licenciatura em Dança pela UFRGS, e mestranda pelo PPGAC da mesma instituição. Bailarina do Mimese Cia. de Dança e professora do Identidades Grupo de Dança – Canoas/RS. Compõe a produção e elaboração do evento FestDança há 08 anos. Professora, pesquisadora e bailarina de Danças Urbanas desde os 08 anos de idade.

que essa proposta, assim como outras, é reflexo da presença e produção de conhecimento de alunos negros na graduação e pós-graduação.

Menciono a Semana Negra ESEFID que acontece desde 2017, como demanda de alunos e que recebeu apoio de docentes. Tem coordenação da professora Cibele Sastre, e é um evento aberto à comunidade, que busca proporcionar visibilidade às manifestações artísticas e culturais de influência africana e também da cultura negra urbana e afro-brasileira através de debates, palestras e performances artísticas.

As demandas da assembleia geral do Ballet da UFRGS, em 2018, mudaram o perfil de alunos aprovados na audição e tem, agora, a presença e a representação de estudantes bolsistas PRAE¹⁷ e/ou negros em sua composição. Nesse mesmo ano o Coletivo Corpo Negra passa a ser Projeto de Extensão da unidade. Composto por mulheres negras do curso de Dança, o projeto é um contraponto à falta de visibilidade do corpo da mulher negra e artista, trazendo à tona questões sobre protagonismo e tantas outras diversas pautas que envolvem a comunidade negra dentro e fora da academia. Nas últimas avaliações internas, compostas pelo Núcleo de Avaliação da Unidade¹⁸ (NAU), com docentes e discentes, dentre vários aspectos levantados, os alunos colocaram as questões raciais como uma pauta importante a ser incorporada pelo curso, e também apontaram a presença de alunos negros no Centro Acadêmico de Dança, a qual vem crescendo nos últimos anos, com o destaque especial para a chapa que assumiu o CADAN em 2019 e que é composta majoritariamente por pessoas negras.

Poderíamos considerar esses movimentos como uma resposta às demandas e necessidades dos discentes (em especial dos alunos negros)? Algumas dessas lacunas dentro do ensino da dança estariam sendo revistas, quiçá preenchidas?

Certo dia, na disciplina de Pesquisa em Dança, o Professor Márcio nos fez perguntas, cujas respostas nos ajudariam a entender a relevância do estudo e como isso impactaria no acervo de publicações na área de atuação. Eu deveria pensar em que medida estava se produzindo um conhecimento afroreferenciado em dança e quem eram as pessoas responsáveis por tal produção.

Nesse exercício fui esquematizando todas as questões com as quais tinha me deparado até então e outras mais que justificariam os motivos de não se ter um acervo ainda mais concreto de produção negra dentro do ensino superior de dança. Defrontei-me, novamente, com reflexos da

¹⁷ PRAE: assistência estudantil aos estudantes, com vulnerabilidade socioeconômica, condições para permanência e conclusão na graduação oferecida pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis.

¹⁸ O Núcleo de Avaliação da Unidade está vinculado a outros setores de avaliação institucional. Compete ao NAU construir uma cultura de avaliação na Unidade que permita analisar a distância entre onde se está e onde se quer chegar. O NAU é formado por representantes dos docentes, dos discentes e dos servidores técnico-administrativos. Uma das professoras do Curso de Dança faz parte desse Núcleo.

colonização dos corpos e pensamentos, que concentram poderes e privilégios em segmentos regidos por grupos dominantes e limitam o povo negro a lutas diárias ao direito a educação.

As cotas raciais fizeram parte de uma demanda antiga do movimento social negro brasileiro. Fortalecida na III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlatada, a partir desse período, diversas universidades estaduais e federais brasileiras passaram a adotar cotas sociais e raciais, como foi o caso da UFRGS que implementou a reserva de vagas no vestibular de 2008. No dia 29 de agosto de 2012 foi sancionada a Lei nº 12.711, chamada Lei de Cotas, que define que as Instituições de Ensino Superior vinculadas ao Ministério da Educação e as instituições federais de ensino técnico de nível médio devem reservar 50% de suas vagas para cotas. Sim, essa conquista escureceu o cenário da educação, garantindo a maior entrada de negras e negros na universidade, porém essa lei diz respeito ao acesso do ensino superior e é necessário considerar os desafios pelos quais se passa antes de alguém conseguir chegar até aqui. Esse não é o único instrumento de ação afirmativa que deve dar conta de corrigir a desigualdade de oportunidades as quais somos submetidos pelo Estado Brasileiro desde que somos crianças até as seguintes fases de nossas vidas. Que outras políticas de restauração e de reconhecimento formarão programas de ações afirmativas que atenderão e garantirão que nossos direitos sociais e fundamentais, previstos em constituição, sejam de fato respeitados? Até quando nossas gerações serão prejudicadas, nossos talentos desperdiçados e nossas possibilidades de realização pessoal frustradas pela trama do racismo e suas estratégias de dominação, que perpetuam erros do passado que não são revistos pela nossa sociedade?

Para melhor ilustrar, trago dados do IBGE:

Frequência escolar líquida ao ensino superior dos brancos (32,9%) é quase o dobro da dos pretos e pardos (16,7%)

A taxa ajustada de frequência escolar líquida ao ensino superior foi de 23,2% na população com 18 a 24 anos, mantendo-se estável em relação a 2016. Para as mulheres a taxa foi 26,8%, 1p.p. menor que a de 2016. Para as pessoas de cor branca a taxa foi 32,9%, e 16,7% para as pessoas pretas ou pardas, ambas estáveis frente a 2016. A taxa ajustada para as pessoas pretas ou pardas permaneceu quase a metade da taxa das pessoas brancas, que já alcançaram a meta 12 do PNE¹⁹ para esse grupo etário (de 33% até 2024). (IBGE, 2017).

Chego a pensar nos acadêmicos que estão se dedicando aos estudos de uma educação antirracista, entendendo que só há legitimidade de pertencimento quando acadêmicos negros estão na produção de saberes étnico-raciais, mas preciso considerar essa base de dados que,

¹⁹ PNE – Plano Nacional de Educação. Ferramenta que determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional no período de 2014 a 2024.

quantitativamente explica a relação da população preta em relação com o Ensino Superior e como isso é determinante na produção dos estudos em questão, a ponto de limitar a presença e o lugar de fala de pessoas negras no meio acadêmico.

Entretanto, o paradigma da representatividade - em termos das políticas dos saberes expressas pelo currículo, da ausência de professores e referenciais teóricos e práticos negros - gera conflito para a efetivação de uma política coerente. Tal conflito é reafirmado na possibilidade do ingresso engendrada, na negação à permanência das(os) negras(os), tanto da comunidade economicamente desprovida quanto da que aquilombada se imuniza do racismo a se expressar no contexto intelectual. Essas ações afirmativas trouxeram para o ambiente universitário brasileiro uma diversidade de cores e demandas temáticas já recorrentes e disseminadas pelas micro-comunidades intelectuais negras. Essas comunidades, então inseridas no ambiente acadêmico, utilizam-se da estrutura institucional para pautar políticas antirracistas (GOMES, 2017), fomentando a criação de espaços e estratégias subversivas relativas à produção de conhecimento. Nessa perspectiva, esta dissertação busca fomentar pontes justas através das quais os saberes negros sejam respeitados e expressos em sua complexidade, longe dos modos estereotipados de pensar/fazer a Dança Negra. Trata-se de uma proposta para que o Estado da federação com o maior número de cursos de Graduação em Dança do país repense a *Colonialidade* e incorpore a *Pluriculturalidade* em seus currículos. (ALVES NETO, 2019, pg. 66).

Os valores civilizatórios são aspectos da cosmovisão africana e nos constituem enquanto sujeitos. Resgatá-los e fortalecê-los em nosso cotidiano desestabiliza o racismo que limita nossa história, desnaturaliza as desigualdades e valoriza a nossa afro-brasilidade. Um dos valores civilizatórios é a Corporeidade, que entende o corpo como vetor de conhecimento responsável por cada ação e pelo diálogo de um corpo com outros. Esse eixo consolida o papel da dança como fator de essência na existência física e espiritual enquanto negros em diáspora. “O corpo atua, registra nele próprio a memória de várias maneiras, seja através da dança, da brincadeira, do desenho, da escrita, da fala. Das músicas às danças, com tudo o que elas anunciam e denunciam. Os corpos dançantes revelam memórias coletivas.” (A COR DA CULTURA, 2006, p. 61).

Seguido disso, afirmo o papel do acadêmico negro, artista e pesquisador como agente legítimo dos saberes relacionados à negritude. Somos nós os responsáveis por principiar, aprimorar e/ou amplificar um modo de aproximação transversal das temáticas das relações étnico-raciais na educação. “É precisamente quando tomamos a palavra e começamos a contar nossa história, com nossas próprias vozes e discursividades que efetuamos o rompimento com os processos de exclusão derivados da discriminação racial.” (AMARO, 2015, p. 61).

3 A APRESENTAÇÃO DO TCC I E O COMPROMISSO DO FAZER PEDAGÓGICO EM DANÇA

Este capítulo é uma grande narrativa sobre meus passos desde a apresentação do TCC²⁰ I até os encontros com as turmas através do Laboratório de Movimentos Negros.

No dia 9 de julho de 2018 apresentei a primeira parte do meu Trabalho de Conclusão, os estudos realizados até o dado momento e as principais ideias do que eu realizaria no próximo semestre, com o TCC II. Após esse dia pensei: por que não registrar aqui esse momento importante em que os professores presentes na apresentação do TCC I deram seus feedbacks sobre meu estudo?

Meu trabalho vem sendo extensão dos meus ideais enquanto mulher negra, artista e acadêmica, e do quanto desejo que outras pessoas, com suas particularidades históricas e culturais, tenham acesso a uma nova possibilidade de pensamentos e posturas. Então, no dia da apresentação, eu estava com a medida essencial de segurança para apresentar aos colegas e professores o trabalho desenvolvido ao lado do meu professor orientador Márcio Pizarro, bem como a justificativa e objetivos do estudo. Acreditar no que faço é só o primeiro passo para que outras pessoas encontrem significados no que estou desenvolvendo.

O frio na barriga e, por vezes, a voz um pouco trêmula, mas, após comentários e contribuições dos professores presentes, a certeza de que havia sido “escura” (uma brincadeira de sentido com a expressão “ser clara”) na apresentação do meu trabalho e do que eu viria a desenvolver nos próximos meses.

Dois comentários reverberaram em mim de forma diferenciada e, sem dúvidas, refletiram no meu movimento com o desenvolver desse estudo, de forma que na apresentação do TCC II me senti podendo mostrar como e quanto essas duas questões estiveram presentes de várias formas no meu fazer pedagógico em dança. Falo sobre as duas nos subcapítulos a seguir.

3.1 A ESCOLHA DAS DISCIPLINAS PARA O LABORATÓRIO DE MOVIMENTOS NEGROS

A primeira pergunta foi certa: por que eu escolhi as disciplinas de Estudos Histórico-Culturais em Dança I e Estudos Sócio-Culturais em Dança e de que forma eu proporia dança nessas duas disciplinas de caráter teórico?

²⁰ TCC – Trabalho de Conclusão de Curso.

Sempre desejei realizar práticas de ensino de dança no meu Trabalho de Conclusão, mas com um recorte de interação com o público do Ensino Básico e de projetos sociais. Ao longo dos encontros com o professor Márcio essa ideia foi amadurecendo, e se reconfigurou chegando a essa proposta de interação entre os discentes dentro do próprio curso, com a mediação docente.

A escolha das disciplinas de Estudos Sócio-culturais em Dança e Estudos Histórico-culturais em Dança I se deu por uma sequência de motivos. Começando por serem duas das disciplinas obrigatórias elencadas no projeto pedagógico como vias de refletir sobre os dilemas ético-normativos da intervenção profissional.

Para somar, elas aconteceriam no semestre de 2019/2, sob mediação do Professor Márcio que incluiu nos conteúdos programáticos das disciplinas (Apêndice B – Tabelas 04 e 05) textos e vídeos que fortaleceriam os estudos transversais de dança e questões étnico-raciais e, como desdobramento do semestre, ampliariam o diálogo com os colegas sobre movimentos negros dentro do laboratório. Assim entendemos que teríamos grandes possibilidades de realizar as propostas dentro de Estudos Sócio-culturais em Dança e Estudos Históricos Culturais em Dança I.

Além do mais, é importante que eu contextualize que na mesma época em que iniciei o pré-projeto de conclusão em Pesquisa em Dança, também fui monitora da disciplina de Históricos I e desde lá pude passar a refletir sobre essas questões que permeiam meu trabalho.

A segunda pergunta foi: como eu proporia prática em disciplinas que compõem o Campo de saberes teórico-epistemológicos? De fato eu ainda não havia planejado as atividades, mas expliquei que a proposta em Educação das Relações Étnico-Raciais e o Estudo da História e Cultura Afro-brasileira e Africana se daria através do estudo teórico e prático em dança, de forma transversal dentro das disciplinas, atendendo as especificidades do plano de ensino de cada uma.

3.2 MODOS DE SE FAZER: CONSTRUÇÃO E PLANEJAMENTO DO LABORATÓRIO

A segunda me fez redirecionar o foco de estudo do segundo semestre e me comprometer, ainda mais, com o fazer docente, pois a mensagem de um dos professores foi que, para ele, era visível a produção de conhecimento e de material que eu havia desenvolvido ao lado do meu orientador até o presente momento, mas... Que ele gostaria de ver tudo isso “vivo” através da minha prática em dança.

Naquele instante um olhar de fora, e ao mesmo tempo tão dentro, atento e caloroso me despertou e me fez reconectar-me com o que sempre estive dentro de mim: Dança, História e

Cultura Afro-brasileira e Africana, modos de ser e viver, educação... tudo junto e dançado: modos de se fazer.

Para iniciar a construção do material pedagógico e das ferramentas metodológicas considerei importante reler a lei, bem como os documentos que a regularizam, que venho referenciando desde o princípio do trabalho, em busca de indicações de conteúdos programáticos, especificidades para as áreas de conhecimento, principalmente em Educação Artística, Literatura e História Brasileira, que são as principais disciplinas que devem ministrar os conteúdos dentro do currículo.

A 10.639/03 foi a primeira lei assinada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva após sua primeira eleição, iniciando um governo que, em reconhecimento às desigualdades entre brancos e negros em nossa sociedade, assumiu o compromisso de intervir nas disparidades raciais e sociais.

Assim, essa lei alterou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e estabeleceu as Diretrizes Curriculares para a implementação da mesma, incluindo no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

Estou em um processo de me tornar negra. A qualquer momento posso fortificar esse processo, seja através de uma conversa, uma experiência, uma leitura, sozinha ou com meus pares. Tem sido assim que venho (re)conhecendo minha história ligada à história do meu povo, valorizando os modos de viver e os saberes da cultura negra diaspórica e conhecendo meus direitos para poder lutar por eles. E foi em um desses momentos do presente processo que comecei a entender a grandeza do movimento negro, nesse específico momento, no que diz respeito às reivindicações à educação.

Nós somos os sonhos mais loucos dos nossos ancestrais, mas precisamos dar continuidade ao legado que nos deixaram, para que eles possam, assim, descansar e emanar energia às nossas lutas, porque elas seguem!

No Brasil, as iniciativas para estabelecer uma educação plural e inclusiva perpassam todo o século XX. Entre os vários exemplos, destaca-se, nos anos de 1930, a Frente Negra Brasileira, que elegeu como um de seus compromissos a luta por uma educação que contemplasse a História da África e dos povos negros e combatesse práticas discriminatórias sofridas pelas crianças no ambiente escolar. Na década de 1940, o Teatro Experimental do Negro (TEN), liderado por Abdias do Nascimento, discutiu a formação global das pessoas negras, indicando políticas públicas que já se constituíam como as primeiras propostas de ação afirmativa no Brasil. A inserção da história da África e do negro no Brasil, no currículo escolar do país, foi defendida pelo Movimento Negro Unificado (MNU), uma das organizações do movimento negro brasileiro, em 1978. Ao longo da década de 1980, o Movimento Social Negro, intelectuais e pesquisadores da área da educação produziram um amplo debate sobre a importância de

um currículo escolar que refletisse a diversidade étnico-racial da sociedade brasileira. No âmbito do movimento negro, a Marcha Zumbi contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida, em 1995, representou um momento de maior aproximação e reivindicação com propostas de políticas públicas para a população negra, inclusive com políticas educacionais, sugeridas para o governo federal. (MEC, 2013, pg. 07).

A 10.639/03 é uma das maiores conquistas do movimento negro, tendo seu ponto de partida a III Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, realizada em Durban, África do Sul, em 2001. Atualizada pela 11.645/08, sancionada no segundo mandato do Presidente Lula, essas leis representam a luta do povo negro e ameríndio que, com suas vidas e histórias brutalmente modificadas e corrompidas, enfrentaram durante séculos o colonialismo e fortaleceram estratégias de sobrevivência.

É necessário relembrar fatos históricos acerca da colonização no Brasil, que, lidos através de um prisma ético na contemporaneidade, configura um dos motivos pelo qual a comunidade negra reivindica políticas públicas. Entretanto, mesmo a passos lentos, é visível um certo movimento no campo acadêmico nos últimos anos que vem reforçando a urgência de, cientes do passado, direcionarmos igualmente nosso olhar para o que se dá no presente [...]. (ALVES NETO, 2019, pg. 58).

Como ponto de partida para preparar a proposta pedagógica, procurei por suporte ao professor no que diz respeito a conteúdo programático, objetivos, o que deve ser trabalhado em cada tema, referências, sugestões de ferramentas e estratégias metodológicas que, ao meu ver, impulsionaria o fazer docente e fortaleceria a implementação dessas leis, se tornando um alicerce para os que estão a iniciar suas experiências em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Afro-brasileira e Africana, e para os que já vinham, de forma autônoma, organizando e aplicando os conteúdos desses estudos em suas aulas.

Vejamos, não se trata de querer encontrar um passo a passo pedagógico como quem, com o objetivo de reproduzir um modelo ideal, segue uma receita culinária. E sim de poder se consultar uma proposta referência, com habilidades e competências cognitivas, conjunto de conteúdos que devem ser desenvolvidos nos diferentes níveis de ensino e suas especificidades, para que cada educador, instituição e/ou acadêmico tenha autonomia e liberdade para escolher seu método de ensino e poder colaborar no processo de aprendizagem dos seus alunos e/ou contribuir com seu espaço de formação.

Quando expresse essas opiniões lembro-me de uma das minhas tarefas de estudo hermenêutico: ler comentários de militantes negros, historiadores, sociólogos sobre a Lei. Não lhes faltaram motivos para afirmar o quanto a 10.639/03 trouxe benefícios à toda sociedade brasileira, mas quando questionados sobre pontos a melhorar, também pontuaram inúmeras questões que precisam ser revistas sobre a implementação da lei e de desafios a se superar para

que avancemos no movimento entre militantes, acadêmicos, governo e professores, potencializando a luta, a consciência contra o racismo e novas posturas e atitudes da sociedade como um todo.

No entanto, enquanto ponto de partida, a 10.639/03 dependeria, sob pena de se tornar esquecida, de que o tripé movimento social, governo e academia se mantivesse dialogando na busca de sua efetivação. E os sistemas de ensino, onde a lei é, ao mesmo tempo, reivindicada, aplicada e pensada, catalisam as três dimensões citadas. As melhores experiências de implementação da lei se deram a partir dessa sintonia. Qualquer movimento em defesa da 10.639/03 precisará unir o local e o nacional, mas principalmente, considerar essas três dimensões se articulando. O cenário não é tão animador. O movimento social negro passa por transformações, ainda tentando redefinir seu espaço de atuação. Os governos não entenderam seu papel, ou fazem de conta que não entendem. E a academia, mesmo com milhares de cotistas adentrando seus espaços e pesquisas, produz sobre o tema mas, muitas vezes, para si mesma. (PASSOS, 2013, documento eletrônico).

Sendo essa a realidade, cabe a mim a autonomia de encontrar outros caminhos de produção pedagógica imbuídos da minha experiência de vida e das formas de saberes que venho construindo e que estou me propondo expandir. Para além disso, fortalecer-me com cursos de formação de professores, valorizar os materiais didáticos produzidos por outros educadores e mergulhar em diversas produções acadêmicas existentes.

Como base referencial, iniciei a busca no conjunto de documentos da Lei, em especial nas Diretrizes que norteiam a implementação de ações afirmativas no âmbito da administração pública federal. A primeira resposta encontrei no próprio texto da Lei que, com detalhes, prevê que o conteúdo programático incluía a :

“história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil” e a inclusão, no calendário escolar, do dia 20 de Novembro, aniversário de morte de Zumbi dos Palmares (1695), como o “Dia Nacional da Consciência Negra”. (BRASIL, 2003)

Na leitura das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, encontrei no subcapítulo “História e Cultura Afro-brasileira e Africana – Determinações” princípios e desdobramentos que conduzem as ações dos sistemas de ensino e dos professores. Organizados em tópicos, esses desdobramentos apresentam em seu texto conexões de objetivos e possibilidades de meios de ensino e conteúdos, em recortes de ensino destacados em: História e Cultura Afro-brasileira e Africana, História Afro-brasileira, História da África, Cultura Afro-brasileira, Cultura Africana, História e Cultura Afro-brasileira, ensino de História e Cultura Africana.

Os pareceres e resoluções, bem como o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, também me serviram como imersão de estudo, através de suas orientações que justificam as relevâncias do estudo e fundamentam as determinações de caráter normativo.

Sinto-me à vontade para compartilhar algumas memórias e fatos que fazem parte da minha história e se relacionam com escolhas que venho fazendo na minha formação profissional...

Eu sempre fui rodeada de professoras! Avó e dindas se tornaram grandes exemplos para mim, mas, sem dúvidas, a maior inspiração se chama Lourdes Ândrea Dias Rosa, também conhecida como minha mãe! Por isso, o ambiente escolar e os afazeres pedagógicos sempre estiveram presentes no meu crescimento. Acompanhei de perto inúmeras produções de material, planejamento de aulas, organização de apresentações e feiras, construção de avaliações, participações em cursos e formações continuadas... E para dentro de todas essas ações ela trazia

Figura 05 – Mandala dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, de Azoilda Loretto da Trindade.



conseguiu uma marca singular, que tornava suas produções, aulas e discursos autênticos, criativos, consistentes e responsáveis. E foi em meio a tudo isso que escolhi cursar Magistério, minha primeira formação docente.

Em meio a essa nossa trajetória com educação, há alguns anos minha mãe apresentou o “Kit A Cor da Cultura²¹”, que são cadernos pedagógicos para professores, com atividades, saberes e fazeres relacionados com o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Na época uma das coisas que me chamou atenção foi a “Mandala dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros”. O curioso é que, apesar de não ter me aprofundado nos estudos da mesma, as palavras destacadas na mandala me despertavam uma sensação de identificação e pertença. Sentimentos suficientes para, alguns anos depois, voltar a consultar os materiais, agora como aporte do meu fazer pedagógico.

²¹ O projeto “A Cor da Cultura” é uma parceria entre o Canal Futura, o CIDAN – Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, a SEPPIR – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, a TV Globo, a TV Educativa e a Petrobrás, visando unir esforços para a valorização e preservação do patrimônio cultural afro-brasileiro. Seus maiores objetivos são “criar materiais audiovisuais sobre história e cultura afro-brasileiras; valorizar iniciativas de inclusão, dando visibilidade a ações afirmativas já promovidas pela sociedade; contribuir para a criação de práticas pedagógicas inclusivas.” (A COR DA CULTURA, 2005, pg. 07).

Também chegam às lembranças os tempos de quando assistia “Livros Animados” no Canal Futura. Adorava ver Vanessa Pascale, a apresentadora do programa, e a forma com que os episódios eram especialmente preparados com contações de histórias, cujas narrativas colocavam, de uma forma positiva, o negro e/ou a negritude Afro-brasileira e Africana como protagonista do todo.

Hoje em dia, com um ponto de vista de profissional da educação, entendo o quanto esse programa, que também compõe o Projeto A Cor da Cultura, contribuiu para a construção de um novo olhar no “espelho”, pois eu e muitas crianças tivemos a oportunidade de ver na TV, talvez pela primeira vez, personagens como a gente, em contextos de valorização da nossa identidade, história e cultura.

Assim, decidi me aventurar no site do projeto “A Cor da Cultura”, composto de ações educativas imbuídas pela ascensão da afro-brasilidade e de outros aspectos que fazem parte dessa história e cultura.

Naveguei em um universo de inspiração repleto de artigos, indicações bibliográficas, materiais didáticos, sugestões de atividades e uma série de ações culturais e pedagógicas que se transformaram em componentes de produção audiovisual, através dos programas “Ação”, exibido na TV Globo e no Canal Futura, “Livros Animados” e “Nota 10”, do Canal Futura, “Heróis de todo mundo” e “Mojubá”, exibidos também no Canal Futura e na TVE, e em componentes de formação de educadores, com a produção de um Kit educativo e ações de capacitação para professores para sua utilização em sala de aula, em escolas públicas de ensino fundamental de sete estados do país.

A “Mandala dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros” foi, então, minha primeira escolha como referência e ferramenta para desenvolver meus estudos e a construção do material pedagógico e, a partir dessa base, comecei a estruturar a prática do trabalho de conclusão, intitulada “Laboratório de Movimentos Negros”.

Assim compus o título, pois Movimentos Negros me sugerem sentidos de ação poética e política do corpo. Movimentos negros estão presentes na organização de pessoas negras que se articulam para reivindicar direitos e pautas, conquistar ganhos, defender ideais e fortalecer a comunidade. Movimentos negros estão presentes na corporeidade, constituída da história e cultura de um povo. Movimentos negros estão presentes na troca de ideias, construção de novos saberes e posturas.

Para mim, a essência do título também deu conta das conexões teóricas e práticas desse laboratório, que foi desenvolvido dentro de duas disciplinas obrigatórias do Curso de

Licenciatura em Dança, estruturalmente teóricas: Estudos Sócio-culturais em Dança e Estudos Histórico-Culturais em Dança I. Teorias também são movimentos da dança!

Partindo dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros como elemento primeiro e essencial dentro do todo, comecei a registrar todas as ideias que chegavam para a construção das aulas. Minha segunda inspiração foi realizar as aulas de aberturas no Afro-Sul. Foi uma ideia que me preencheu de axé, pois não encontraria potência maior em qualquer outro espaço físico. Na verdade o Afro-Sul vai muito além do espaço físico, não só para mim, como também a todos que frequentam esse espaço há 45 anos. Sendo um território negro, o Afro-Sul está imbuído dos modos e princípios civilizatórios na sua forma de organização, existência e resistência, nas trocas que são feitas nesse espaço, nas relações que ali se estabelecem, nas atividades desenvolvidas, nos sentimentos que são despertados... O Afro-Sul tem na sua base uma gestão matriarcal, e que ganha vitalidade a partir de Iara Deodoro. Ter conhecido essa mulher mudou minha vida, a forma de pertencimento com minha história e cultura e minhas perspectivas dentro do meu fazer em dança. Eu tive a certeza que iniciar as práticas lá seria o melhor para meu corpo físico e espiritual e percebi que seria a oportunidade dos colegas do curso (re)conhecerem e valorizarem esse espaço e figura da dança que têm um papel tão importante na história da cultura e arte do Rio Grande do Sul.

Mesmo com algumas coisas determinadas e outras tantas possibilidades que rascunhei, em dado momento do período de planejamento comecei a ficar insegura, pois ainda não tinha estruturado algo que realmente me agradasse e atendesse ao nível de qualidade que eu pretendia oferecer no laboratório. Por isso recorri a duas das minhas referências em dança: Iara Deodoro e Manoel Luthiery, compartilhando com eles minhas ideias, inquietações, expectativas...

Através de conversas via WhatsApp, Mano foi o primeiro contato que fiz. Conversando sobre a importância de valorizarmos os mestres com quem tivemos aulas, chegamos à grande Iara Deodoro como nossa referência em comum. Com suas experiências de vida, suas memórias corporais e afetivas, seus 45 anos de dedicação ao Afro-Sul, a estrutura de sua aula, sua metodologia em dança afro-gaúcha, a oralidade como potência do seu processo de ensino-aprendizagem e tantas outras características dos seus saberes e fazeres em dança, Iara é uma grande mestra com quem temos a honra de compartilhar momentos, então nada melhor do que aproveitar a presença dela em nossas vidas e incorporar seus ensinamentos ao meu trabalho.

Entre tantas trocas, Mano indicou que eu procurasse as obras de Marco Aurélio Luz, mais especificamente o livro “Agadá- Dinâmica da Civilização Africano-Brasileira”, que é resultado de uma experiência impar, já que o próprio Marco vivencia tanto a comunalidade, como frequentador da religião afro-brasileira quanto a academia como professor mestre e doutor em

Comunicação, com pós-doutorado em Ciências Sociais na Sorbonne, Université de Paris V. Na introdução ele diz que a tese se propõe a defender “a presença histórica, social e cultural determinante no processo civilizatório negro na constituição de nossa nacionalidade, ou como queiram, da nossa identidade nacional.” (LUZ, 2013, pg. 17).

A leitura do livro fortaleceu meu entendimento nos aspectos históricos e sociais, pois nos leva a entender a força do *continuum* da civilização africana antes e durante o período colonial e neocolonial. Também apresenta e, de certa forma, nos aproxima do panorama cultural e religioso do negro, que tem sua essência no culto às forças cósmicas que regem o universo e o culto aos ancestrais. Marco nos contempla com os princípios do panteon dos orixás nagô, destacando os mais conhecidos no Brasil e que caracterizam a continuidade civilizatória transatlântica desde a África. E por último, mas não menos importante, ele traz muitos termos da língua Iorubá e explica a origem e grafia das palavras, o que me incentivou a criar uma espécie de dicionário para consultar as palavras que eu via e ouvia e normalmente não tinha entendimento do significado.

No fluxo dessas leituras significativas para mim, comecei a organizar um texto que serviu de base da minha organização e, também, um caminho a definir os conteúdos de História e Cultura Afro-brasileira e Africana que eu trabalharia no laboratório. Além do Agadá e do Kit do Projeto A Cor da Cultura como peças chave da minha produção de material, também usei o texto “O que são territórios negros?”, de Daniele Machado Vieira (VIEIRA, 2018), mestra e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Conheci Daniele e sua produção textual no Curso de Extensão – Educação das Relações Étnico-Raciais e Territórios Negros em Porto Alegre: Diálogos Afrocentrados, do qual participei.

O curso caracteriza-se como ação de extensão da UFRGS com foco em educadoras e educadores. O objetivo é oferecer formação sobre a educação das relações étnico-raciais e os territórios negros do município de Porto Alegre, a partir de metodologia própria, atividades presenciais e a distância, contemplando a criação de ações educativas voltadas para as relações étnico-raciais e que considerem as marcas de pertencimento negro nas comunidades escolares. (FORPROF, 2019, pg.01. Documento eletrônico).

Daniele era uma das professoras do curso e, dentre todos os materiais pedagógicos que compartilhou conosco, trouxe como texto base “O que são territórios negros?”. Quis incorporá-lo ao laboratório, pois é uma produção muito rica, que envolve conceitos da Geografia, História e Cultura de um local, mais especificamente da cidade de Porto Alegre. Através dos conceitos Território e Territorialidade, Daniele explica como um espaço físico torna-se, também, um território negro, entendendo que esse último conceito envolve questões simbólicas e atividades

de pertencimento, as territorialidades negras. Ao longo do texto, vai conectando o conteúdo aos locais negros e atividades negras da cidade, como por exemplo, a esquina da Borges de Medeiros com a Rua da Praia, também conhecida como Esquina Democrática, locais onde acontecem variadas manifestações: desde protestos políticos até festejos carnavalescos. A linguagem acessível e a forma como apresenta os conceitos chave junto de exemplos dentro da cidade, proporciona outro lugar de entendimento para o leitor, e entendo que esse é soma no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, nada mais significativo para mim do que usar como referência de estudo da Daniele, uma mulher negra, gaúcha e que está realizando sua formação na mesma universidade que eu e os colegas.

Faz parte das minhas escolhas aderir a esse trabalho apenas referências negras, pois me sinto realizada em encontrar o eco dos meus pensamentos nos meus próprios pares.

Depois que elaborei o texto mesclando os conteúdos que pretendia abordar, com minhas ideias e os conceitos e propostas dos autores e leituras que fiz, ficou bem mais visível os pontos chaves que deveriam aparecer nas aulas. Agora só me faltava administrar tudo isso através de movimentos negros, com prática e teoria em dança. Lá fui eu para minha segunda casa, o Afro-Sul, ter uma tarde de trocas de ideias, afeto e dança com Mestra Iara Deodoro.

Quando cheguei lá eu já estava ciente que teria de equilibrar uma Luísa radical, que vem prezando por espaços-relações afrocentradas, com uma Luísa comprometida com o sentido da Lei nº 10.639, uma lei antirracista e que prevê a legitimidade de todos, negros e não negros, participarem e se responsabilizarem pelo regaste, valorização e preservação da cultura e história afro-brasileira e africana, principalmente se tratando de profissionais da educação.

Estava preocupada em como lidar com o público que encontraria nessas turmas, oferecendo uma aula compreensível e significativa a ponto de despertar mudanças de saberes, posturas e atitudes e, ao mesmo tempo, sendo fiel aos meus ideais, não me podendo de falar e propor reflexões sobre pontos que partissem de mim ou surgissem no decorrer das aulas; e, ainda pela questão do perfil dos alunos, como falar de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, sem ignorar que a maioria seria de colegas brancos e sem deixar que caíssem em um lugar de “esse assunto não tem nenhuma relação comigo”, fazendo com que eles entendessem a importância do estudo; e que o diálogo não se isolasse apenas entre eu e os poucos colegas negros, ao mesmo ponto que não abrisse espaço para os demais colegas brancos se posicionarem de forma equivocada em frente a perspectivas de vida que não são suas, mantendo minha liberdade e propriedade para qualquer tipo de intervenção necessária.

Em relação às propostas práticas do laboratório... Expus que vinha me sentindo segura para ministrar algumas aulas e oficinas de dança negra junto do Coletivo Corpo Negra, baseadas

nas experiências em dança que tive em Salvador e com as aulas regulares da Mestra Iara, mas, ao mesmo tempo, me sentia equivocada por nunca ter estudado por anos alguma dessas técnicas. Coloquei-me a pensar... Como, então, conduzir uma aula de qualidade, com movimentos preenchidos de sentidos em uma metodologia legítima?

E ainda sobre estudos metodológicos: vinha conhecendo a pesquisa de Inaicyra Falcão, que usou da mitologia Iorubá, do espaço terreiro e hábitos cotidianos para criar a sua metodologia em dança e, também, lendo a dissertação de Manoel sobre a metodologia em dança afro-gaúcha da própria Iara Deodoro, essa mestra que também cultivava sua fé em uma religião de matriz afro-brasileira. A corporeidade compõe a Mandala dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, sistematizada por Azoilda. Esse valor entende o corpo como vetor de conhecimento responsável por cada ação e pelo diálogo de um corpo com outros. Consolida o papel da dança como fator de essência na existência física e espiritual enquanto negros em diáspora e, dentre tantas formas de manifestação, está fortemente ligada à movimentação, espacialidade e corpo das religiões de matriz africana. Porém eu ainda não havia me introduzido e envolvido com a religião como deveria e gostaria, por isso prezava por cautela e respeito ao usar movimentações e músicas ligadas a divindades e seus elementos da natureza.

Tia Iara, com toda sua sabedoria, experiência de vida e anos de dedicação à dança, me ajudou muito, mostrando várias possibilidades de lidar com as questões que me incomodavam, compartilhando materiais e referências para estudo e me deixando confiante para seguir construindo um laboratório atravessado das minhas ideias, motivações em dança e essências enquanto mulher negra.

Não foi a primeira vez em que ela falou sobre os prós e contras de se assumir uma posição muito ferrenha em relação a tudo que envolve nossa negritude. Também seria um sonho dela dar aulas apenas para pessoas negras, mas que por vários fatores isso não fazia parte de uma realidade próxima. Além do mais, ela entende que não podemos segregar nosso povo a ponto de pessoas não negras não terem acesso a nossa história e cultura. Nosso dever seria deixar “escuro” o lugar de cada um, mas nunca os impedindo de terem conhecimento e respeito por tudo isso e dando oportunidade desses professores aprenderem com as pessoas que realmente terão pertencimento e potência para apresentar a História e Cultura Afro-brasileira e Africana da forma mais significativa possível.

Foi muito confortante e inspirador conversar sobre a dança negra, o que a compõe, os códigos cotidianos e as essências religiosas que se relacionam com essa dança. No sentido do incômodo que eu tinha em não ter me aprofundado em alguma técnica específica, estar propondo práticas em dança, mas não querer que os movimentos se tornassem vazios por falta de

informação, Iara de início me disse que o certo e errado em dança negra não existem, pois ela acredita muito na memória corporal. Diz que se o corpo fez um movimento que aparentemente nunca foi feito, na verdade em algum momento ele já fez. O certo e o errado podem aparecer quando se propõe um movimento e uma pessoa faz de um jeito e a outra pessoa faz de outro. Nesse caso pode ser certo ou errado em frente ao que foi pedido, mas não pode ser considerado um movimento que não tem serventia, que não tem sentidos.

Trocando muitas ideias sobre a memória corporal, entendemos que a pessoa negra acessa essas memórias, histórias e significados através dos movimentos de uma forma diferenciada. Inclusive Iara disse “esse diferente, eu acho que é o quanto mais próximo tu está de lá, eu acho que mais... não sei fiel, não daria a palavra fiel, mas acho que a facilidade de assimilar aquilo ali...” (Informação verbal)²². O elo da memória estaria em nós africanos em diáspora, com a África mãe.

As danças afro-brasileiras estão muito ligadas com a vida e os movimentos cotidianos dos negros africanos e seus descendentes, e o panteon dos orixás que representam a natureza. O ato de lavar roupa na sanga, semear, pilar, socar, cavar, colher, peneirar, pescar, caçar animais, chorar, cortar cana, amassar barro, preparar farinha; bem como os ritos e tradições, como a homenagem aos deuses, à natureza, a coroação de um rei ou a morte. Não demorou muito para ampliarmos a conversa para o corpo. Iara foi me ajudando a entender como transformar esses movimentos pertencentes a hábitos e afazeres em motes de criação. “Porque sempre a dança, sempre foi utilizada. Talvez na época não era pensada com esse nome ‘dança’, né?! Esses movimentos sempre fizeram parte da vida dos africanos. Para tudo, todo os momentos da vida deles sempre foi significado através do movimento” (Informação verbal)²³ então, o ato de capinar, por exemplo, se transforma em movimento de dança, quando acrescentamos a eles outros elementos. E daí a análise desse movimento é muito importante para que encontremos seus desdobramentos.

Então por exemplo, vamos pensar a tia Iara que é mais velha, que não tem tanta perna, então vai fazer o movimento de capinar. O capinar, tu carpina assim... então nesse movimento tu tem que estudar todo ele. O capinar não é só ir lá e voltar. Tu faz isso e puxa, tu nunca volta por cima. Então tu sempre tem que pensar: existe uma pá, uma enxada na mão, né?! Tem esse elemento, esse elemento ele nunca vai fazer perto do teu pé, vai cortar teu pé. Tu joga ele e puxa ele. Desse movimento tu cria outras coisas, tu coloca outros elementos no meio. Que é: foi, eu posso puxar. Foi, eu posso saltar, ou simplesmente só volto. E eu posso lá, voltar e lá e voltar. Eu faço em cima de um

²² Fala feita por Mestra Iara Deodoro em nosso encontro para construção do Laboratório de Movimentos Negros, no Espaço Afro-Sul Qdmode (05/09/2019).

²³ Fala feita por Mestra Iara Deodoro em nosso encontro para construção do Laboratório de Movimentos Negros, no Espaço Afro-Sul Qdmode (05/09/2019).

movimento da onde tu tá trabalhando com os elementos rotineiros, tu vai criando vários outros movimentos... (Informação verbal).²⁴

Dentre tantas coisas que ela falou, me tocou muito a forma como descreveu a dança negra e sua composição.

O que nos caracteriza como uma dança afro? E aí o que a gente pode ter? A ligação com os elementos da natureza, os pés plantados no chão, a reverência sempre ao elemento ar ou céu, né?! Porque o africano tem muito isso de levar os braços à cima. Então, pé no chão, braços para cima, os movimentos que a gente chama aqui de contração, né?! Mas que são movimentos de ondulação corporal e tal, isso é muito característico nosso. Não só de tronco, mas de pélvis, de cabeça, movimento rotativo... (Informação verbal)²⁵

Todos esses componentes se atravessam e se complementam, potencializando um ao outro. E de todas essas trocas em dança, fui encontrando sentidos importantes para criação coreográfica da aula. Finalmente me sentia confiante em propor certas movimentações e via nelas história, *links*, significados, essências e qualidades que enriqueceriam as práticas em dança.

Figura 06 – Encontro com Mestra Iara para construção do Laboratório de Movimentos Negros.



Fonte: Acervo pessoal (Espaço Afro-Sul Odomode – 05/09/2019). Foto: Luísa Dias Rosa de Oliveira.

²⁴ Fala feita por Mestra Iara Deodoro em nosso encontro para construção do Laboratório de Movimentos Negros, no Espaço Afro-Sul Odomode (05/09/2019).

²⁵ Fala feita por Mestra Iara Deodoro em nosso encontro para construção do Laboratório de Movimentos Negros, no Espaço Afro-Sul Odomode (05/09/2019).

4 LABORATÓRIO DE MOVIMENTOS NEGROS – PLANOS DE ATIVIDADES E RELATÓRIOS DE ENCONTROS

Nesse capítulo me dedico a compartilhar os dois planos de atividades do Laboratório de Movimentos Negros, seguidos dos respectivos relatórios dos encontros com as turmas.

4.1 PLANO DE ATIVIDADE I

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Proponente da ação de interação: Luísa Dias Rosa de Oliveira

Professor orientador e mediador da tarefa: Márcio Pizarro Noronha

Período de realização: 2019/2

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- (Re)conhecer as heranças que os africanos e seus descendentes deixaram para o campo do comportamento, mentalidade, costumes e valores na construção da identidade brasileira e gaúcha.
- Identificar visões distorcidas advindas da civilização ocidental, combatendo o preconceito, práticas discriminatórias e o racismo, através de novos saberes, posturas e atitudes.
- Experimentar movimentos negros através da corporeidade e oralidade.

PROCEDIMENTOS ANTERIORES:

Enviarei um recado à turma de Estudos Sócio-culturais em Dança e Estudos Histórico-culturais em Dança I, me apresentando, dando orientações sobre as aulas e sugerindo a leitura de um texto para estudo. A mensagem e o texto de estudo serão enviados pelo Moodle.

*Mensagem que será enviada para uma das turmas.

Olá, turma! Tudo bem?

Aqui é a Luísa Dias Rosa de Oliveira e somos colegas no Curso de Dança UFRGS. Nos dias 30 de setembro e 7 de outubro nos encontraremos na aula de Estudos Sócio-Culturais em Dança para experienciar, juntos, o “Laboratório de Movimentos Negros”, uma proposta prática do meu Trabalho de Conclusão II.

Levem seus materiais para registro, roupa e calçado adequados para prática de dança.

No dia 30 de setembro, nos encontraremos no Afro-Sul Qdmode. Recomendo que façam a leitura do texto “O que são territórios negros?”, da Daniele Machado, fazendo relações com suas próprias experiências, destacando partes que acharam interessante e as que tiveram dúvidas, para conversarmos em aula.

Beijos, nos vemos em breve!

Olá, turma! Tudo bem?

Aqui é a Luísa Dias Rosa de Oliveira e somos colegas no Curso de Dança UFRGS. Nos dias 2 de outubro e 9 de outubro nos encontraremos na aula de Estudos Histórico-culturais em Dança I para experienciarmos, juntos, o “Laboratório de Movimentos Negros”, uma proposta prática do meu Trabalho de Conclusão II.

Levem seus materiais para registro, roupa e calçado adequados para prática de dança.

No dia 2 de outubro, nos encontraremos no Afro-Sul Qdmode. Recomendo que façam a leitura do texto “O que são territórios negros?”, da Daniele Machado, fazendo relações com suas próprias experiências, destacando partes que acharam interessante e as que tiveram dúvidas, para conversarmos em aula.

Beijos, nos vemos em breve!

O primeiro dia do laboratório acontecerá fora do espaço da universidade. Por esse motivo, e com combinação prévia entre todos, reservaremos um total de 50 minutos da aula para os alunos se deslocarem antes e depois da mesma.

CRONOGRAMA:

1. BEM VINDOS AO AFRO-SUL QDMODE 10min
2. MIX: AQUECIMENTO, ALONGAMENTO E EDUCATIVOS DE DANÇAS AFRO 30min
3. EXPERIMENTOS COM ÁGUA 10 a 20min
4. O MESMO MAR QUE SEPARA, TAMBÉM UNE 30 min
5. MOVIMENTOS NEGROS COM A POÉTICA D'ÁGUA 30min
6. DANÇA ESPELHO 15min
7. BRAINSTORMING SOBRE MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA 10min

DESENVOLVIMENTO:

1. BEM VINDOS AO AFRO-SUL QDQMODE 10min

Receberei os colegas em uma roda. Após me apresentar, falarei brevemente sobre meu Trabalho de Conclusão II e sobre a proposta prática do mesmo, da qual a turma fará parte.

Na sequência, apresentarei a dona Iara, articulando os motivos de realizar a aula de abertura naquele espaço, somado com os conceitos do texto, enviado por Moodle como leitura prévia, “O que são territórios negros?” de Daniele Machado Vieira, mestre e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Perguntarei ao grupo se alguém já conhece o espaço e a Dona Iara e conforme formos conversando, compartilharei alguns dados a partir de um texto de apoio que construí.

Desde 1974 desenvolve práticas sociais e culturais negras que caracterizam o espaço como um território negro. Seus usos e práticas refletem os saberes, modos de viver e pensar de um grupo de pessoas negras, que organizam no Afro-Sul uma articulação de um espaço físico e simbólico.

Segundo Daniele Machado Vieira, físico, pois é um espaço de cultura e lazer através das variadas manifestações que ali acontecem, tais como: aulas de dança afro-gaúcha, aulas de percussão, feijoada, maracatu, ateliê em épocas de confecção do figurino. Simbólica, pois essas territorialidades transferem significados a quem frequenta o lugar e vê, nas mesmas, caminhos de conexão com a história afro-brasileira e afro-gaúcha, memórias ancestrais, fortalecimento entre os pares, valores e ideais afro-diaspóricos, pertencimento identitário, etc.

O ponto alto do processo de tornar-me negra foi a oportunidade de realizar uma mobilidade acadêmica no Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Bahia e, por motivos óbvios, morar em Salvador. Senti-me nos seios da Mãe África, convivendo com irmãos negros e reconstruindo modos de pensar e viver. Retornar para o Rio Grande do Sul foi ter que lidar, novamente, com um dia a dia frio (não apenas no sentido de temperatura) e severo, em um estado que idealiza os moldes colonizadores que não cabem nos meus ideais e visão de mundo, mas agora com a experiência de quem viveu segundos, minutos, horas e dias tão felizes em um lugar em que se sentia pertencente, viva e conectada com a negritude.

Até o dia que eu, pela primeira vez, fiz uma aula de dança afro-gaúcha no Afro-Sul, ministrada pelos participantes do grupo fixo de dança e pela incrível Iara Deodoro. Ao fim daquela aula eu já tinha certeza de que frequentaria aquele espaço, por necessidades de ser, estar e me sentir viva através da dança.

E assim foi! Desde aquele dia me encontro uma vez por semana com a Tia Iara, no Afro-

Sul, para fortalecer minha corporeidade e absorver o legado de 45 anos de dança afro-gaúcha dessa Mestra.

Por esses motivos seria essencial realizar a aula de abertura nesse espaço tão simbólico para mim e, além desse valor pessoal, acredito que seja a oportunidade dos estudantes do curso conhecerem esse território que, ao mesmo tempo em que acolhe também proporciona manifestações importantíssimas para a história e cultura afro-gaúcha na cidade de Porto Alegre e referência para todo estado.

Para prosseguir com a aula, faremos uma rodada de apresentação dos nomes.

2. MIX: AQUECIMENTO, ALONGAMENTO E EDUCATIVOS DE DANÇAS AFRO 30min

A partir de algumas músicas, serão realizados movimentos dirigidos com o intuito de nos prepararmos para as experiências corporais do laboratório.

Observarei como a turma se desenvolve e reage, para atender as suas necessidades, pois a ideia é passar a sequência respeitando o tempo dos alunos assimilarem.

A atividade iniciará em roda, fazendo referência à circularidade como um dos valores afro-brasileiros, e na sequência passará por outras configurações espaciais.

- Banho de cachoeira - 3:29 (aquecimento com foco nos inferiores)
- Nós somos mulheres - 3:13 (alongamento)
- Charles IIê - 4min (articulação cervical, ombro, cotovelos)
- Chama no passinho - 4min (contração tronco e quadril)
- Ponta de lança - 3:47 (sequência de movimentos)
- Muito obrigada axé - 4:33 (sequência de movimentos)

3. EXPERIMENTOS COM ÁGUA 10 a 20min

Ao final da atividade anterior, convidarei os alunos a sentarem em frente aos recipientes com água que estarão organizados em um local determinado para iniciarmos a experiência dirigida ao som da música “Batuque Nas Águas - Aquela Do Milton²⁶”, de Naná Vasconcelos.

1. Qual a textura e a temperatura?
2. Qual o peso da água? Como é tentar pegar toda a água desse recipiente?
3. Quantos barulhos têm?

²⁶ Link da música Naná Vasconcelos - 02 - Batuque Nas Águas - Aquela Do Milton: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wqx0mScMs0Q&list=PLNAv26cFMcFrBKEsToxwoNenEvfuuMGHw&index=2>. Acesso em: 12 de setembro de 2019.

4. Qual o ritmo? Como é seguir o ritmo da música?
5. Forme um redemoinho na água e observe.
6. Escolha dois movimentos que tu tenha gostado de fazer. Memorize a estrutura, peso, sensação, qualidade, velocidade e imagine como é fazer com outras partes do corpo.

Ao final da música, os alunos secarão as mãos e retornarão à roda.

7. Que memórias a água te traz?
8. Das diferentes formas que encontramos a água na natureza, com qual mais se identifica?
9. Qual relação você imagina ou sabe que esse elemento tem com a cultura afro?

Sobre Naná Vasconcelos...Juvenal de Holanda Vasconcelos, mais conhecido como Naná Vasconcelos, foi um músico brasileiro. Eleito oito vezes o melhor percussionista do mundo pela revista americana Down Beat e ganhador de oito prêmios Grammy, era considerado uma autoridade mundial em percussão²⁷.

4. O MESMO MAR QUE SEPARA, TAMBÉM UNE 30min

Contaremos com a participação especial do escritor Sidnei Borges, declamando “Mulher Negra na Beira do Mar”.

Esse é um poema que encontrei no livro Sopapo Poético – Pretessência (ROCHA et al., 2016), um conjunto de obras de inúmeras vozes negras gaúchas que fomentam a literatura.

A partir da performance do Sidnei, faremos uma conversa e reflexão da influência do movimento da água em relação com a vinda dos africanos para o Novo Mundo, em especial para o Brasil, as heranças africanas em nossa identidade, a pluralidade étnico cultural e histórica da África... Também convidarei Sidnei a compartilhar o processo de criação de “Mulher negra na beira do mar”.

²⁷ Disponível em: <http://www.nanavasconcelos.com.br/>. Acesso em: 12 de setembro de 2019.

Figura 07 – Livro Sopapo Poético - Pretessência.

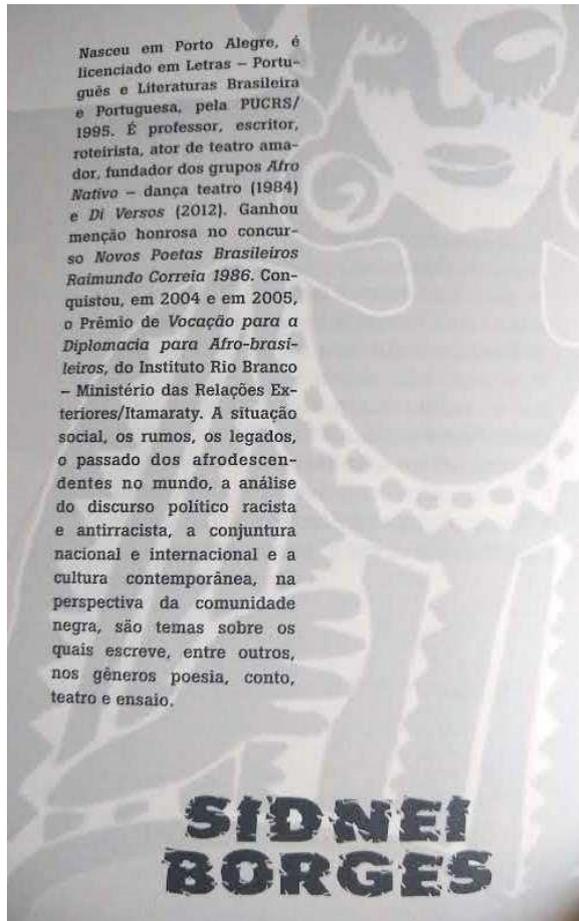
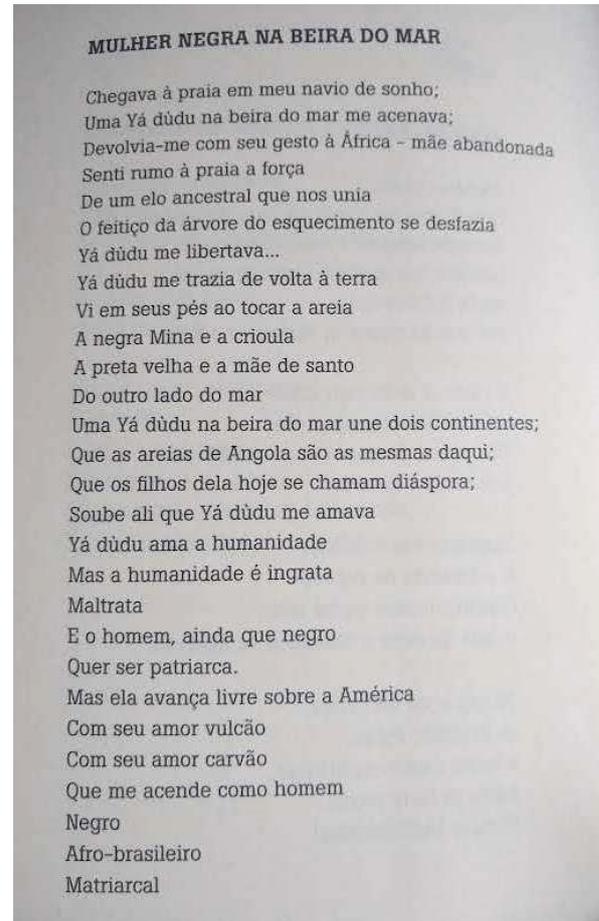


Figura 08 – Livro Sopapo Poético - Pretessência.



Obs.: se necessário, dividirei a turma em dois grupos para experimentação. Enquanto um experimenta, o outro aguarda e vice e versa.

5. MOVIMENTOS NEGROS COM A POÉTICA D'ÁGUA 30min

Voltaremos a experimentar movimentações negras, com a poética d'água, levando em consideração as suas qualidades, estados, texturas e os movimentos de quem lidava/lida com esse elemento no cotidiano (lata d'água na cabeça, lavar roupa na sanga, bater a roupa, jogar água no chão para limpar, tomar banho na cachoeira/mar...)

As músicas utilizadas fazem referência às quatro divindades, cuja água é seu elemento principal. São elas: Nanã, Oxum, Iemanjá e Iansã.

Seleção de músicas:

- Nanã Tincoãs: 2min 58seg
- Oro mimá por BantosIguape: 4 min 30seg
- Dará: 4min 33seg

- Yemonja²⁸: 6min

6. DANÇA ESPELHO 15min

Organizados em dupla, cada aluno mostrará para seu parceiro os dois movimentos escolhidos no experimento com água, podendo retornar a usar os recipientes para lembrar os mesmos.

Na sequência, um fica de frente para o outro, estabelecem uma pessoa da dupla para dirigir a movimentação e uma para repetir a movimentação com efeito espelho. Assim que mostrar os dois movimentos, o outro colega pode mostrar os seus. Cada vez que a pessoa volta a fazer seus movimentos, apresenta novas possibilidades dos mesmos.

Aos poucos darei pistas de criação, para acrescentarem aos movimentos:

1. Como esse movimento pode ser feito com outras partes do corpo?
2. Pense em uma forma de água na natureza e coloque essas qualidades nos movimentos.
3. Acrescente no momento uma memória sua com água.
4. Pense na simbologia da água, enquanto os africanos eram trazidos para cá através da escravidão atlântica. Coloque isso em movimento.
5. Reflita no movimento a importância desse elemento da natureza para a cultura negra.

Após um tempo de experimentos, pedirei que algumas duplas se sentem e apreciem os experimentos que as demais duplas apresentarão. E para enriquecer a movimentação, convidarei Sidnei Borges para declamar e performar conosco.

7. BRAINSTORMING SOBRE MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA 10min

Nos reuniremos em roda para conversar sobre o “mar de costumes, comportamentos e valores herdados” com a vinda dos africanos, e quanto/como esses atravessamentos compõem nossa identidade brasileira.

²⁸ A grafia do nome Iemanjá também é realizada com Y, por isso é tão comum encontrar o nome da divindade escrito desta maneira. Na África seu nome tem origem nos termos do idioma Yorubá “Yèyé Omo Ejá”, que significa mãe dos filhos-peixe.

Depois que trocarmos ideias, proporei uma tarefa para próxima aula: Brainstorming sobre Memória Afro-brasileira. Deverão registrar em uma palavra, ou mais, o que vem à cabeça quando pensam nos questionamentos a seguir:

1. O que é memória?
2. O que você lembra quando pensa em afro-brasilidade?
3. O que traz à sua memória a presença afro-brasileira?
4. Que costumes, comportamentos e valores herdados dos africanos e de seus descendentes você identifica no dia a dia do indivíduo brasileiro?

A tarefa será utilizada no desenvolvimento da próxima aula.

4.1.1 RELATÓRIO DO ENCONTRO COM A TURMA DE SÓCIO-CULTURAIS EM DANÇA

30/09/2019

O primeiro dia de práticas do Trabalho de Conclusão a gente nunca esquece!

Eu estava me sentindo tranquila e ao mesmo tempo muito focada no andamento das etapas que eu havia planejado.

Minha primeira surpresa foi receber a turma de Sócio-culturais e ver que dos oito alunos presentes, eu só conhecia dois, pois os demais eram de outros cursos (essa disciplina tem quatorze alunos matriculados).

Eu dei as boas vindas a todos e o prof^o Márcio fez uma fala que para mim foi bem importante já que ele é o ponto de referência entre a turma e eu.

Na sequência eu retomei a palavra já dando início ao que eu tinha planejado. Essa primeira etapa foi toda articulada para eu poder me aproximar dos colegas, contar um pouco da minha relação com o movimento negro, de forma política e culturalmente falando, fazer relações da leitura do texto “ O que são territórios negros?”, da Daniele Machado Vieira, com a breve apresentação da história e papel do Afro-Sul e da dona Iara para Porto Alegre e, porque não dizer, para o Brasil como um todo?

A presença da Tia Iara, como eu gosto de chamá-la, foi essencial, pois ela me transmite uma energia ancestral e tem uma postura matriarcal que me incentiva a desenvolver meus estudos e que também me “puxa a orelha” quando é preciso. Sem falar que ela se tornou uma das minhas referências de dança e personalidade mais próximas, então quero estar perto dela para absorver seus ensinamentos e me sinto feliz em mostrar os frutos de tudo isso através do que estou me propondo a desenvolver na minha vida com dança.

Figura 09 – Iara Deodoro e Luísa Dias Rosa fazendo a abertura do Laboratório de Movimentos Negros.



Fonte: Acervo pessoal (Espaço Afro-Sul Odomode – 30/09/2019)- Foto: Márcio Pizarro Noronha.

Nesses meses de estudo acabei chegando em uma ideia, que com toda certeza não é só minha, do quanto é importante se criar um espaço para que as pessoas negras sejam ouvidas e possam falar por si mesmas. Então, apesar de ter falado de Dona Iara para todos que ali estavam, as minhas palavras não seriam suficientes! Por isso reservei um momento para que ela mesma assumisse a posição de fala.

Depois de receber o abraço e a benção dela, segui para o próximo passo do plano.

MIX: AQUECIMENTO, ALONGAMENTO E EDUCATIVOS DE DANÇAS AFRO 30min

Percebi que eu deveria ter um olhar atento quanto às vivências corporais desses alunos que, em sua maioria, não eram da dança. Para se sentirem a vontade e evitarem lesões, durante a aula orientei que, quando necessário, me pedissem ajuda, e percebessem como o corpo reagiria aos movimentos, adaptassem as propostas e não se preocupassem em decorar movimentações. Contudo, vi os alunos acompanhando muito bem a aula e tão concentrados que seguidamente eu falava algo descontraído para quebrar as tensões do momento.

Figura 10 – Turma de Estudos Sócio-culturais em “Aquecimento, alongamento e educativos de danças afro”.



Fonte: Acervo pessoal (Espaço Afro-Sul Odomode – 30/09/2019). Foto: Márcio Pizarro Noronha

Como eu não havia testado a aula com ninguém, foi realizando ela com a turma que identifiquei algumas variáveis. Conforme fui sentindo o ritmo da turma, reforçando caminhos da movimentação e repetindo alguns exercícios, por vezes o que eu havia planejado realizar dentro de uma música não foi viável e acabei repetindo a música para finalizar o exercício. Com isso, passei do tempo estipulado para essa etapa.

EXPERIMENTOS COM ÁGUA 10 a 20min

Essa proposta surgiu de uma experiência, em um dia legal, sozinha em casa, encontrando ideias para as atividades, quando levei uma bacia de agua para o box do banheiro, coloquei a música inspiradora de Naná Vasconcelos, chamada Batuque nas Águas e fiquei por muito tempo naquele momento íntimo com a água.

Figura 11 – Turma de Estudos Sócio-Culturais em “Experimentos com água”.



Fonte: Acervo pessoal (Espaço Afro-Sul Odomode – 30/09/2019). Foto: Márcio Pizarro Noronha.

No dia da aula, ao mesmo tempo que eu estava “de fora” conduzindo o experimento eu também estava ali sentindo várias coisas. Foi muito lindo a maneira com que os alunos foram se sentindo confortáveis para se entregarem à proposta.

Não demorou muito para que eles estivessem encontrando outras possibilidades de experiência, como colocar os pés na bacia, molhar o rosto, a nuca... Foi um dia que fez muito calor e estava bem abafado, então acredito que o contato com a água refrescou o corpo.

Figura 12 – Turma de Estudos Sócio-Culturais em “Experimentos com água”.



Fonte: Acervo pessoal (Espaço Afro-Sul Odomode – 30/09/2019). Foto: Márcio Pizarro Noronha.

No dia em que eu tive essa experiência, fiquei imaginando como seria legal o grupo realizando as movimentações e o efeito sonoro que resultaria. E foi incrível ver e ouvir os sons que se criaram a partir da imersão de cada aluno.

O MESMO MAR QUE SEPARA, TAMBÉM UNE.30 min

Essa foi uma etapa pela qual estava ansiosa para saber como seria. Todos os dias que eu parava para organizar a aula, procurava por uma narrativa que complementasse o todo, fosse ela uma música, uma história, uma imagem...e foi no livro Sopapo Poético – Pretessência que encontrei o que tanto queria... a “Mulher negra na beira do mar”, um poema de Sidnei Borges.

Foi aí que eu pensei: eu preciso entrar em contato com as pessoas que organizam o Sarau Sopapo Poético. Logo lembrei da Mariana Amaral, minha amiga e colega do Coletivo Corpo Negra, pois ela frequenta o evento e possivelmente saberia me indicar alguém para eu conversar. Quando eu contei quem era o autor do poema que eu me encantei ela me disse que ele era primo dela e a partir daí fez nossa ponte de contato.

O Sopapo Poético é um sarau que acontece desde 2012, em um encontro na última terça-feira do mês, quando reúnem poemas, canções, performances e literatura negra, interpretadas por negras e negros. Se instaura, então, um papo poético negro.

Na apresentação do livro, eles explicam que o nome “Sopapo” é uma homenagem ao grande tambor símbolo da identidade afro-gaúcha e que quando tocado e acompanhado de canções de Giba Giba, Bedeu ou do Moçambique, afirmam que “Sim, têm negras e negros por aqui”.

Esse livro é um conjunto de obras de inúmeras vozes negras gaúchas que fomentam a nossa literatura.

Papo vai e papo vem, Sidnei logo me respondeu dizendo que estava muito feliz por seu poema ter sido mote de inspiração para minha produção e se disponibilizou a participar declamando ao vivo na aula. Todas nossas combinações foram feitas via WhatsApp e só nos encontramos pessoalmente no dia da aula. Não há nada que substitua o “olho no olho”, mas consigo dizer que foi possível estabelecer algo potente através desse aplicativo.

Como expliquei ao Sidnei, vi no poema dele várias possibilidades artísticas de nos relacionarmos com os conteúdos programados por mim no Laboratório de Movimentos Negros.

Voltando para os comentários sobre a aula... ao final da experiência de dança com água, Sidnei entrou declamando o poema. Ah, foi espetacular! Ver como os colegas ficaram surpresos e, aos poucos, levantando a cabeça para assisti-lo, e como isso inspirou eles a seguirem a experiência sensorial. Naquele momento se estabeleceu uma intimidade entre eles e a água. Eu que, mais uma vez estava de fora e, ao mesmo tempo, totalmente dentro, fiquei realizada com o que estava assistindo.

Legal de detalhar que quando os alunos chegaram, o professor Márcio entregou a cada um deles a cópia do poema. Isso não estava combinado, mas só somou para a aula, pois de certa forma eles tiveram um primeiro contato com a poética da narrativa e depois conseguiram aproveitar mais o que escutaram e assistiram.

No calor do momento, o Sidnei até incluiu mais uma de suas obras na performance e deixou o momento ainda mais potente e carregado de significados, principalmente para mim, para Leandra Oliveira, minha amiga e colega do Coletivo Corpo Negra, que não era da disciplina, mas foi convidada para estar comigo nesse momento tão importante e para o colega Bruno e os filhos do Sidnei, que foram apreciar o pai e assistir a aula. Importante, pois nós éramos as pessoas negras que estavam ali no salão do Afro-Sul. Têm referências do poema que só a gente, com nossa história de vida e experiências em comum, incorporamos na mente e no corpo. Foi um presente!

Ao final da apresentação a energia estava muito leve e, ao mesmo tempo, potente. Fizemos uma roda, apresentei brevemente o Sidnei e passei a palavra para que ele pudesse assumir seu lugar de fala; prática que, como disse no início do relatório, estou prezando muito.

Sidnei compartilhou conosco várias de suas experiências. Como por exemplo, a idade que tinha quando começou a se aproximar da escrita poética; como foi importante fazer a Licenciatura em Letras na PUCRS, mas que hoje ele percebe como a normativa do pensamento eurocêntrico da academia direciona o aluno para caixinhas do conhecimento, cheio de códigos e formatos que acabam limitando o processo criativo dos discentes. Disse que antes de iniciar a graduação, escrevia muito, mas que sua na sua passagem pela formação acadêmica encontrou obstáculos europeizados que o afastaram da sua liberdade poética.

Entre sua fala, mediei formas dos colegas participarem da conversa. Na primeira fala uma colega pediu licença para fazer a troca de ideias, pois sendo uma pessoa branca entendia que deveria ter esse cuidado; em seguida disse que achava legal, mas assegurei que era um espaço para todo mundo falar. Achei muito bacana o que ela trouxe... ficou interessada em saber como era organizada a grafia das palavras na língua Iorubá, trazendo relações do poema com leituras que havia feito. Achou interessante que Sidnei usou “Yá”, que significa mãe, mas ela conhecia a grafia “Iyá” com o mesmo significado. Também contou que conhecia o significado de “dudú”, que quer dizer “da cor preta”. Fomos, então, para um lugar que eu queria muito, uma conversa sobre palavras ou informações do poema que não conheciam ou tiveram curiosidade, pois a partir disso entraríamos com conexões dos conteúdos previstos.

Nesse sentido da conversa, levantamos a questão de que a história e cultura africana, e logo de suas descendentes, passaram por um processo de apagamento, uma estratégia bem organizada do racismo. Logo, todas as formas de registros, marcas e referências que puderam ser exterminadas ou veladas pelos europeus, foram e até hoje vemos isso se perpetuar através de atitudes e posturas. Sem esquecer que nossa cultura tem a oralidade como valor civilizatório, então nossas formas de compartilhar conhecimento se estabelecem através do contato com os mais velhos, da vida em comunidade, da conversa. Em meio a tudo isso nos deparamos com as variáveis, como na grafia da língua Iorubá, por exemplo.

Um colega, natural de Santos, disse que por lá passaram muitos navios negreiros e o quanto as famílias eram separadas quando aqui chegavam. Aproveitei o gancho do assunto, e pedi para que eles procurassem no poema a parte que falava sobre “o feitiço da árvore do esquecimento”. Perguntei se alguém conhecia essa informação e compartilhamos esse fato comprovado de que em um porto da Nigéria, antes de entrarem no navio os escravizados eram obrigados a beber uma bebida alucinógena e fazer inúmeras voltas ao redor de uma grande

árvore que tinha lá, para esquecer de seus nomes, história, cultura, família e tudo que fazia parte deles. Inclusive fiz a relação de como é comum pessoas saberem de que parte da Europa vieram seus antepassados, mas dificilmente sabermos de onde os antepassados negros vieram, pois os registros foram exterminados e que, apesar de hoje em dia existirem estudos da árvore genealógica, o investimento desse serviço é grande. Quantas pessoas tem possibilidade de pagar e saber de onde vêm suas raízes?

Outra colega trouxe para conversa a interpretação que fez do poema e o quanto/como sentiu a presença da mãe e da figura da mulher. Nesse fluxo me senti à vontade para compartilhar que a minha família, assim como tantas outras, vem de uma base matriarcal, em que a mulher é o centro de referência nas relações da comunidade. Na sequência Sidnei complementou falando da figura do homem negro, das mazelas do embranquecimento na formação desses homens e como isso atinge a estrutura psicológica das mulheres negras que, na relação heteronormativa, são hiperssexualizadas pela sociedade, mas nem sempre valorizadas como parceiras na vida amorosa. Se estabelece, então, a solidão da mulher negra. Da mesma forma o homem passa por experiências semelhantes. E a violência que esses corpos passaram nos tempos de escravidão, e até hoje passam, constrói reflexos na identidade e na forma como o homem se relaciona com os demais integrantes da sociedade.

Toda a conversa acabou se estendendo e ocupando o tempo das etapas posteriores. Tive, então, que realizar a parte final do planejado, o “Brainstorming sobre memória afro-brasileira”, com a tarefa para realizarem em casa e levarem na próxima aula.

O professor e minha amiga me disseram que na saída do Afro-Sul os colegas fizeram comentários muito positivos sobre a aula, demonstrando que gostaram da experiência.

Fiquei contente com o que foi realizado e com minha desenvoltura nas etapas do plano que desenvolvi. Não estava nos meus planos a conversa durar tanto tempo, mas se isso aconteceu é porque o diálogo surgiu. O que eu gostaria é que mais colegas tivessem falado, não sei se não tiveram vontade ou se não se sentiram confortáveis o suficiente para tomarem a palavra, como foi o caso de um deles que, no final da aula, me disse que anotou coisas que queria ter comentado, mas não conseguiu. Isso me deixa preocupada, pois só alguns se posicionaram e tiveram a posse do momento e sei que isso acaba tirando a oportunidade de outras pessoas. Dessa conclusão eu tiro aprendizados, com certeza.

E sobre as etapas “Movimentos negros com a poética d’água” e “Dança espelho”, foi uma pena não terem acontecido, pois eram importantes para a conexão dos conteúdos e propostas da aula e tenho certeza que seria uma experiência ímpar para os alunos. Quanto a isso preciso pensar se vou levar essas etapas para próxima aula e como farei para atender todas as demandas.

Figura 13 – Laboratório Movimentos Negros - Encontro II Turma Estudos Sócio-culturais.



Fonte: Acervo pessoal (Espaço Afro-Sul Odomode – 30/09/2019). Foto: Ananda Barzotto.

4.1.2 RELATÓRIO DO ENCONTRO COM A TURMA DE HISTÓRICO-CULTURAIS EM DANÇA I

02/10/2019

Desta vez esse mesmo plano foi realizado com a turma de Histórico-Culturais em Dança I. Pude e precisei reorganizá-lo e adaptá-lo pelos seguintes motivos: foquei, ainda mais, em me manter no tempo de cada etapa, para que todo o plano fosse realizado. Como essa turma é composta de trinta e três alunos, sabia que o espaço para movimentação seria bem diferente, talvez eu tivesse que dividir alguns momentos em dois grupos, como foi o caso da etapa “MOVIMENTOS NEGROS COM A POÉTICA D’ÁGUA”. Logo, o tempo do todo seria modificado, e também ficaria mais atenta em dar atenção para todos os alunos. Mudei a ordem das etapas, deixando a conversa com o Sidnei por último já que rodas de conversa podem se estender e não é legal cortar o fluxo das ideias.

A última variável, é que nos dias 02 e 03 de outubro aconteceriam os Atos Nacionais na Educação em Relação ao Projeto Future-se, cortes e recursos nas Instituições Públicas de Ensino,

do CNPQ, da CAPES, do PNAES e do FUNDEB²⁹; a intervenção do governo na escolha dos dirigentes das Instituições Federais de Ensino; a militarização das escolas e a retirada de direitos dos trabalhadores(as). Cada um dos três sindicatos³⁰ se posicionou de uma maneira: a ANDES chamou greve geral, com ações coletivas nas ruas, a ADUFRGS convocou a trabalhar temas da educação e do projeto Future-se em sala de aula, e a ASSUFRGS chamou para greve. Diante disso o prof^o Márcio combinou com os alunos que manteríamos a aula, porque envolvemos o Afro-Sul e talvez eles não tivessem espaço disponível na semana seguinte, o cronograma da disciplina já estava com pouca possibilidade de ser adaptado, eu tinha prazos de desenvolver a escrita do TCC e a semana acadêmica estava se aproximando e ficaria entre uma aula e outra dessa turma. Contudo, garantiu-se que os discentes que optassem por participar das manifestações não sofreriam qualquer prejuízo em termos de avaliação e aqueles que participassem da minha prática, ainda teriam tempo de sair do Afro-Sul e se encaminhar para o Ato junto aos demais estudantes.

Além disso, reorganizamos o meu plano para termos a meia hora final de conversa sobre as manifestações e seus motivos. Então, reduzi meu plano para duas horas, diminuí o tempo de algumas etapas e aumentei de outras, já que a turma era maior e eu precisava levar isso em consideração. Usamos a última meia hora para dar atenção ao que está acontecendo com a Educação Nacional.

BEM VINDOS AO AFRO-SUL ODQMODE 5min

Conforme a turma foi chegando, recebi muitos colegas com quem tenho uma relação legal e não sabia que estariam ali comigo. Fiquei animada!

Novamente dei as boas vindas a todos, o prof^o Márcio fez uma fala e depois retomei com a palavra, para me apresentar e fazer as relações do texto “O que são territórios negros?”, da Daniele Machado Vieira com o Afro-Sul e dona Iara, que na quarta não estava presente na sede.

Tudo isso organizado para ser feito em menos tempo do que segunda-feira.

MIX: AQUECIMENTO, ALONGAMENTO E EDUCATIVOS DE DANÇAS AFRO 30min

Já atenta em conseguir organizar as movimentações dentro da música, sem repeti-la, consegui manter o andamento da etapa e atender a todos os alunos.

²⁹ CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), PNAES (Plano Nacional de Assistência Estudantil), FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação).

³⁰ ANDES (Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior), ADUFRGS (Sindicato Intermunicipal dos Professores de Instituições Federais de Ensino Superior do Rio Grande Do Sul), ASSUFRGS (Sindicato dos Técnico-Administrativos da UFRGS, UFCSPA, IFRS).

Depois da aula de segunda, conversei com minha amiga Leandra sobre coisas a melhorar e ela me sugeriu que eu trouxesse mais movimentos de explosão para os exercícios. Assim eu fiz, e percebi que foi bem interessante, pois consegui mesclar diferentes configurações corporais e que complementaram aquela etapa do plano que tinha por objetivo oferecer uma introdução e preparação para as danças afro.

Figura 14 – Turma de Estudos Histórico-Culturais I em “Aquecimento, alongamento e educativos de danças afro”



Fonte: Acervo pessoal (Espaço Afro-Sul Odomode – 02/10/2019). Foto: Márcio Pizarro Noronha.

Novamente os alunos estavam muito concentrados, então eu tentava quebrar aquela densidade de tornar o momento mais leve e descontraído.

EXPERIMENTOS COM ÁGUA- 15min

Me planejei para dividir a turma em dois grupos. Enquanto uma parte dos alunos fazia a dança com a água, os demais ficam ao centro do salão fazendo a leitura da poesia que eu entreguei a eles e apreciando os colegas em seus experimentos. Ao final da música, os grupos trocaram de lugar e passaram pelo mesmo procedimento.

Figura 15 – Turma de Estudos Histórico-Culturais I em “Experimentos com água”



Fonte: Acervo pessoal (Espaço Afro-Sul Odomode – 02/10/2019). Foto: Márcio Pizarro Noronha.

Foi cativante assistir e mediar o experimento. Senti os alunos conectados com a água, curtindo outras possibilidades de se fazer dança. Quem aguardava no salão, teve a oportunidade de assistir os colegas, escutar o efeito sonoro da água conduzido pelos criadores e ainda ler o poema do Sidnei com essa ambientação.

Figura 16 – Turma de Estudos Histórico-Culturais I em “Experimentos com água”.



Fonte: Acervo pessoal (Espaço Afro-Sul Odomode – 02/10/2019). Foto: Márcio Pizarro Noronha.

Quando eu ainda estava planejando as aulas, os fatos de ter um número limitado de bacias e ter que dividir essa turma me incomodava, mas depois que tudo aconteceu, eu vi que também foi muito significativo para os participantes.

Como disse no início do relatório, mudei alguns detalhes na organização da aula. Então ao final do experimento do segundo grupo, Sidnei iniciou sua performance. Foi muito lindo e

desta vez tinha gente por todo lado o assistindo. Quando ele terminou, os alunos se mostraram encantados e retribuíram com aplausos calorosos.

Eu apresentei o Sidnei, expliquei que ele passaria mais tempo conosco e que depois poderíamos conversar sobre aquele rico momento. Passei a palavra para o Sidnei e rapidamente ele se apresentou e agradeceu por estar compartilhando do espaço com todos nós.

MOVIMENTOS NEGROS COM A POÉTICA D'ÁGUA 15min

A partir de então, mediaria etapas que não havia realizado anteriormente. Então estava ansiosa para que tudo desse certo e fosse significativo como eu imaginei.

Através dos Movimentos Negros com a Poética D'água, eu fazia um conjunto de relações simbólicas dos conteúdos programados, com narrativa do poema, com as divindades mitológicas africanas, cuja água é seu elemento principal e com a experiência sensorial. Tudo isso refletiria nas movimentações propostas por mim.

Agora que estou aqui escrevendo, penso em como me diverti nesses exercícios.

Os colegas já estavam mais descontraídos, se comunicando e se mostravam contentes com o que estavam vivenciando.

As músicas que eu escolhi com muito carinho deram um toque mais do que especial, pois eram muito espiritualizadas e conectadas com as forças energéticas das divindades. Inclusive a escolha dessas músicas foi motivo de algumas dúvidas para mim, já que suas letras trazem o nome das divindades e que também são os nomes dos orixás cultuados nas religiões de matrizes africanas. Não sabia se alguém teria alguma posição contrária a isso ou se sentiria desconfortável, mas aparentemente deu tudo certo.

Figura 17 – Turma de Estudos Histórico-Culturais I em “Movimentos negros com a poética d'água”.



Fonte: Acervo pessoal (Espaço Afro-Sul Odomode – 02/10/2019). Foto: Márcio Pizarro Noronha.

Outra coisa que foi muito gratificante para mim foi ver vários alunos fazendo os movimentos com as contrações de tronco e quadril. Certamente a forma como eu organizei a parte inicial da aula contribuiu para que eles chegassem nesse desenvolvimento corporal.

A última música, Yomonja, era para fechar com chave de ouro. Organizei os alunos virados de frente para as bacias. Propus várias movimentações que faziam relação com a água do mar e suas ondas. Até que trouxe um movimento de deslocamento, em que conduzi os grupos às bacias e aos poucos fui aproximando das mesmas para dançar com a água. Acredito que ninguém esperava por isso. Foi maravilhoso para mim e pude sentir os colegas aproveitando, novamente, a proposta.

Ao final da música pedi para que encontrassem uma dupla e curtissem o restante da música com ela.

DANÇA ESPELHO 15min

Organizei os alunos e expliquei a tarefa criativa da etapa. Enquanto estavam trabalhando em duplas, fui trazendo falas que pudessem ajudá-los a fazer relações com os demais momentos da aula e com suas próprias experiências.

É muito engraçado como o pessoal da dança recebe esse tipo de tarefa. Não demora muito e já estamos articulando uma célula coreográfica, com marcação de tempo, configurações espaciais e fixação de uma ordem dos movimentos. Quando percebemos que estavam indo por esse caminho, fizemos comentários e rimos de nós mesmos, mas com a certeza de que estavam envolvidos com o que estavam se propondo a realizar.

Quando percebi que já estavam finalizando suas trocas, contei a eles que uma parte das duplas apreciaria as outras duplas performando suas criações e que, junto deles, o Sidnei comporia o momento declamando ao vivo para as duplas dançarem. Nossa, eles ficaram muito empolgados e fiquei muito animada pela reação deles.

Bom, para mim as performances foram, sem dúvida, o ponto alto da aula. Foi emocionante ver o conjunto da obra! A poética da narrativa dançou junto com os alunos.

Figura 18 – Turma de Estudos Histórico-culturais I em “Dança Espelho”.



Fonte: Acervo pessoal (Espaço Afro-Sul Odomode – 02/10/2019). Foto: Marcio Pizarro Noronha.

O MESMO MAR QUE SEPARA, TAMBÉM UNE.30 min

Assim que finalizamos as apresentações, nos reunimos em roda para conversar sobre nossa tarde.

Os colegas se pronunciaram e agradeceram a mim e ao Sidnei pela experiência que tiveram. Para mim as pessoas me agradecerem é muito forte, pois isso mostra o tamanho da responsabilidade que tenho com o que proponho às pessoas.

Figura 19 – Roda de conversa com o poeta Sidnei Borges.



Fonte: Acervo pessoal (Espaço Afro-Sul Odomode – 02/10/2019). Foto: Márcio Pizarro Noronha.

“As pessoas esquecem o que você diz; as pessoas esquecem o que vocês faz; mas elas nunca esquecem o que você as fez sentir” (Autor desconhecido). Na verdade eu acredito sim que o que é falado ou feito por alguém pode jamais ser esquecido por outra. Trouxe essa poética, pois o sentimento sobre algo vivenciado sempre fica. Às vezes ele é bom e às vezes não. E escutar que as pessoas gostaram do que ofereci, é muito importante para mim.

Dois questionamentos me marcaram. O primeiro veio de uma colega que fez a disciplina de Pesquisa em Dança junto comigo e que tinha, de algum modo, acompanhado meu processo de desenvolvimento de ideias para o TCC. Naquele período, quando eu falei sobre a Pretagogia, os colegas acharam muito interessante. Ela quis saber como a Pretagogia estava presente nessa aula. Achei essa pergunta muito pertinente, mostrou-me como esse estudo foi marcante para ela. Expliquei que essa é uma metodologia que une a Pedagogia com as questões da história e cultura preta e a cosmologia africana, levando para os espaços educacionais novas possibilidades de se trabalhar os conteúdos programáticos das diversas áreas do conhecimento. Em consonância com esta proposta metodológica, o Laboratório de Movimentos Negros tendo sido pensado como uma articulação entre conteúdos da Educação das Relações Étnico-Raciais e a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana, estabelecidos pela Lei nº 10.639, Valores Civilizatórios Afro-brasileiros e poéticas da dança e literatura. Isso tudo faz parte da abordagem teórico-metodológica que é a Pretagogia. Aproveitei para reforçar a importância e responsabilidades que todos os discentes de uma licenciatura têm em conhecer e trabalhar com essas questões nos lugares em que atuam, sejam eles alunos negros ou não.

Mais um levantamento que achei muito interessante foi o fato da colega ter relacionado as danças afro-gaúchas, que citei desde o início da aula como sendo a dança ministrada pela Mestra Iara, com a possibilidade dela ser estudada dentro da Disciplina de Estudos de Danças Populares II, cuja súmula diz que ela “aborda e contextualiza as danças populares gaúchas. Promove a prática de ensino destas danças no universo escolar. Analisa e discute a experiência de docência. Articula a experiência docente com a criação e produção de trabalho cênico na temática da disciplina”³¹.

É muito relevante a reflexão, pois abordar e contextualizar as danças populares gaúchas ultrapassa estudarmos apenas as Danças Tradicionais Gaúchas do manual de Paixão Cortes, que representam sim um recorte da nossa cultura e história, mas não a são em sua totalidade. É pertinente estudarmos as danças dos outros povos que constituíram nosso estado, até mesmo pesquisar suas influências na configuração corporal das danças tradicionais gaúchas. Eu ainda não tinha pensado com esse viés.

BRAINSTORMING SOBRE MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA 10min

Para finalizar a aula, propus a tarefa de casa baseada em todas as trocas que tivemos em aula e pensando na memória afro-brasileira.

³¹ Disponível em: http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=805.

Eu já estava contente com a aula de segunda e a aula com a turma de quarta me empolgou ainda mais. Poder apreciar todos os elos que planejei, conseguir curtir a aula mesmo que eu estivesse a ministrando, ver os colegas incorporando configurações das danças afro em seus movimentos e receber retornos tão sinceros e incentivadores... São formas de sentir que estou indo pelo caminho certo.

Figura 20 – Laboratório Movimentos Negros - Encontro I Turma Histórico-culturais em Dança I.



Fonte: Acervo pessoal (Espaço Afro-Sul Odomode – 02/10/2019). Foto: Aline Brustolin.

4.2 PLANO DE ATIVIDADE II

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Proponente da ação de interação: Luísa Dias Rosa de Oliveira

Professor orientador e mediador da tarefa: Márcio Pizarro Noronha

Período de realização: 2019/2

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- (Re)conhecer as heranças que os antepassados africanos deixaram para o campo do comportamento, mentalidade, costumes e valores na construção da identidade brasileira e gaúcha, identificando os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros em nossa história.
- Valorizar a História e Cultura Afro-brasileira e Africana, preservando essas essências em nossa história.

- Identificar visões distorcidas advindas da civilização ocidental, combatendo o preconceito, práticas discriminatórias e o racismo, através de novos saberes, posturas e atitudes.
- Experimentar movimentos negros através da corporeidade e oralidade.

CRONOGRAMA:

1. BRAINSTORMING SOBRE MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA 10min
2. O QUE SÃO TERRITÓRIOS NEGROS? 20min
3. COMPARTILHANDO 20min
4. VALORES AFRO-BRASILEIROS 10min
5. MAPA DE CONCEITOS AFRO-BRASILEIROS 15min
6. MIX: AQUECIMENTO, ALONGAMENTO E EDUCATIVOS DE DANÇAS AFRO 15min
7. MOVIMENTOS NEGROS COM A POÉTICA D'ÁGUA 30min
8. DANÇA ESPELHO 15min
9. REVERÊNCIA AO PERCUSSIONISTA 10min

DESENVOLVIMENTO:

1. BRAINSTORMING SOBRE MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA 10min

Iniciaremos nossa aula em roda retomando a tarefa de casa orientada na aula anterior, se tratando de anotar uma palavra para representar o que pensam sobre:

5. O que é memória?
6. O que você lembra quando pensa em afro-brasilidade?
7. O que traz à sua memória a presença afro-brasileira?
8. Que costumes, comportamentos e valores herdados dos africanos e de seus descendentes você identifica no dia a dia do indivíduo brasileiro?

Em uma fala dinâmica, cada um vai apresentar sua memória aos colegas.

Na sequência entregarei uma ficha para que escrevam, com letras bem grandes, sua memória. Conforme terminarem, vou recolhendo as fichas para fixá-las no nosso Mapa de Conceitos Afro-brasileiros que será explorado ao decorrer da aula.

2. O QUE SÃO TERRITÓRIOS NEGROS? 20min

Orientarei que a turma se organize em grupos de três/quatro integrantes. Entregarei a cada aluno uma cópia do texto “O que são territórios negros?” para que retomem a leitura, relembando os principais conceitos, partes que tenham achado interessante, suas dúvidas, suas próprias relações das ideias do texto com suas experiências de vida e com os conteúdos relacionados a Afro-brasilidade e africanidade aprendidos na disciplina.

Falarei:

“Daniele Machado Vieira apresenta no texto alguns conceitos chave sobre a discussão que ela se propõe a fazer. A ideia é que vocês reencontrem e destaquem esses principais conceitos e entendam como eles são organizados, o que eles compõem ou do que são compostos... fazendo relações com a vivência que tiveram no Afro-Sul e/ou com lembranças, imaginários e experiências que tenham em suas vidas e com os conteúdos relacionados a Afro-brasilidade e africanidade aprendidos na disciplina.

E, conforme vão articulando os conceitos com suas próprias relações, registrem uma indicação de TERRITÓRIO NEGRO, TERRITORIALIDADE NEGRA E PESSOA NEGRA REFERÊNCIA.”

- Territórios negros – lugares constituídos e vivenciados pela população negra na cidade de Porto Alegre ou cidade que você nasceu/mora.
- Territorialidade negra – práticas culturais vinculadas à cultura e população negra.
- Pessoa negra referência – pessoas cuja trajetória de vida se relacione com a negritude em termos políticos, artísticos, religiosos, culturais...

Ao terminarem, orientarei que retornem ao grupo para conversarem e compartilhem o que cada um organizou na sua leitura, explicando aos colegas o porquê de suas escolhas.

Na sequência:

1. De todas as referências citadas, selecionarão uma para cada uma das indicações (uma para território, uma para territorialidade e uma para pessoa);
2. As registrarão em três fichas que receberão de mim;
3. E se organizarão para exporem aos demais grupos suas escolhas, articuladas ao significado que elas têm (segundo os conceitos-chave do texto) com os conteúdos relacionados a Afro-brasilidade e africanidade aprendidos na disciplina.

3. COMPARTILHANDO 20min

Em um grande círculo cada grupo apresentará suas escolhas, explicando cada uma das indicações, articuladas do significado que elas têm (conforme os conceitos-chave do texto) com os conteúdos relacionados a Afro-brasilidade e africanidade aprendidos na disciplina.

Ao final da apresentação oral, o grupo cola as fichas em um grande painel, cujo centro estará preenchido por mim com a Mandala dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros.

4. VALORES AFRO-BRASILEIROS 10min

Apresentarei aos colegas a Mandala dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros, o que ela representa e os eixos que a compõem.

Falarei:

“Os valores civilizatórios são aspectos da cosmovisão africana e nos constituem enquanto sujeitos. Resgatá-los e fortalecê-los em nosso cotidiano rompe com o racismo que limita nossa história, desnaturaliza as desigualdades e valoriza a nossa afro-brasilidade.”

A luta contra a escravidão e o colonialismo resultam, em última instância, exatamente da afirmação existencial do homem negro, que implica na continuidade transatlântica de seus princípios e valores transcendentais.

Na Afro-América, especialmente no Brasil, o legado africano se expandiu de tal forma que hoje vivemos da mesma maneira os princípios e valores desta tradição civilizatória, apesar de algumas transformações que, todavia, não alteram em sua totalidade a dinâmica constituinte de um mesmo *continuum*. (Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira – Marco Aurélio LUZ, 2013, pg. 30).

Para desenvolver o estudo e a construção desse material pedagógico, utilizarei a Mandala dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros sistematizada pela autora Azoilda Loretto da Trindade, com a intenção de destacar a presença da África a partir do que africanos e seus descendentes imprimiram e imprimem no Brasil com seus “princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais e materiais, objetivas e subjetivas, que se constituíram e se constituem num processo histórico, social e cultural”.

Nessa Mandala, Azoilda elege alguns valores que considera fundantes na identidade afro-brasileira: Memória, Oralidade, Circularidade, Axé (energia vital), Ludicidade, Musicalidade, Cooperatividade, Religiosidade, Ancestralidade e Corporeidade. Todos eles se relacionam entre si, criando fluxos e conexões que compõem a cotidianidade e a continuidade dessa dimensão civilizatória.

1. **CIRCULARIDADE:** o círculo é a forma geométrica onde o começo e o fim se encontram. Essa forma geométrica está muito presente na organização espacial de práticas da cultura negra: roda de samba, capoeira, danças de roda, manifestações do terreiro, nas conversas. Essa organização questiona a linearidade e enfatiza muito mais as interações entre os sujeitos.

2. **RELIGIOSIDADE:** é a forma de se conectar com uma fé, louvar, saudar... e dessas manifestações na matriz africana, se organizam o candomblé a umbanda e outras ramificações. Todas elas conectadas a natureza (raio, trovão, mar, cachoeira, pedra, floresta...) e ao culto aos orixás.

3. **CORPOREIDADE:** entende o corpo como vetor de conhecimento responsável por cada ação e pelo diálogo de um corpo com outros, consolida o papel da dança como fator de essência na existência física e espiritual enquanto negros em diáspora. Está presente no Moçambique, nas religiões de matriz africana, capoeira, carnaval, nos movimentos cotidianos...

4. **MUSICALIDADE:** as manifestações negras se conectam de forma natural a musicalidade. Samba, maracatu, jongo, pontos (músicas dos orixás), capoeira... ela está presente na natureza, no corpo que dança, na vibração do corpo que se movimenta, que celebra, que tem ritmo.

5. **COOPERAÇÃO/COMUNITARISMO:** não existe cultura negra sem o coletivo. Pensar em africanidade e afro-brasilidade é pensar em pessoas, cooperação entre diversidades, comunidade. Presente desde a criação do mundo na mitologia Iorubá até o dias de hoje, na forma de resistência dos negros no Brasil.

6. **ANCESTRALIDADE:** é o elo da nossa existência com nossos mais velhos, daqueles que vieram antes da gente. Através da escuta, da conversa, da observação, da memória é criada essa conexão, em uma relação que é muito mais de respeito com que ainda está ou não nesse plano, do que uma imposição de hierarquia.

7. **MEMÓRIA:** ela preserva a existência e torna presente a afro-brasilidade e a africanidade na nossa identidade. Das heranças e contribuições trazidas para cá pelos africanos e seus descendentes, nós nos encontramos com nossa memória através do nosso corpo, história, modo de cantar, comer, falar...

8. **LUDICIDADE:** o lúdico, o prazer, a alegria, as brincadeiras, os jogos, a confecção dos ornamentos de beleza... o jogo da capoeira, a dança de umbigada, as canções...

9. **ENERGIA VITAL, AXÉ:** na Cultura Afro-brasileira se acredita que tudo tem energia vital em constante interação entre as plantas, um animal de estimação, os seres humanos,

nas palavras, nos sentimentos. Uma fonte de energia que impulsiona a vida, "axé" (de asé), termo iorubá que significa "energia", "poder", "força"...

10. **ORALIDADE:** a oralidade não como negação da escrita, mas como afirmação da independência e potência de expressão. Com ela a preservação da comunicação, do cantar, do falar para ouvir, da manifestação...

5. MAPA DE CONCEITOS AFRO-BRASILEIROS 15min

Retornam ao grupo e consultando o painel, encaixam uma referência negra (memórias, práticas, figuras ou territórios) para cada um dos eixos da Mandala dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, podendo adicionar referências que não estão no painel e observando como em vários momentos as referências se misturam.

6. MIX: AQUECIMENTO, ALONGAMENTO E EDUCATIVOS DE DANÇAS AFRO 15min

Estaremos acompanhados do artista Diih Neques, que fará percussão ao vivo para nossa aula.

Sobre o Diih... Natural de Alvorada – RS, Jordi Ericson da Silva Neques, o Diih Neques, tem 25 anos, é músico percussionista, Alagbê e Educador Social. Hoje está cursando Licenciatura em Música no Centro universitário metodista/IPA.

Iniciou sua trajetória musical aos 08 anos tocando nos terreiros das nações de batuque do RS, com 11 anos fez parte do Projeto Nação Periférica – projeto sócio-cultural que ensinava música aos jovens da periferia – e com 14 anos tornou-se educador neste projeto.

Seguindo como educador social, trabalhou no projeto Mais Educação nas Escolas municipais de Alvorada e Porto Alegre, na CUFA (Central Única Das Favelas), ministrando aulas e fazendo acompanhamento para auxílio para reestruturação da vida de moradores de rua em uma república que os abrigava. Ainda na CUFA foi diretor musical no projeto Latitude, que formou um grupo musical com jovens da periferia de Porto Alegre. Foi também educador social e musical na Pequena casa da criança, em Porto Alegre e compôs o grupo artístico com foco na Percussão. É atualmente responsável por ministrar oficinas no grupo de estudos percussivos Alùjá, no qual é o idealizador.

Serão realizados movimentos dirigidos com o intuito de nos prepararmos para as experiências corporais do laboratório.

Observarei como a turma se desenvolve e reage, para atender as suas necessidades, pois a ideia é passar a sequência respeitando o tempo dos alunos assimilarem.

A atividade iniciará em roda, fazendo referência à circularidade como um dos valores afro-brasileiros, e na sequência passará por outras configurações espaciais.

Na turma de Sócio-culturais: Ao final dessa etapa, retomaremos as experiências sensoriais com água que tivemos na aula anterior. Optei por trazer novamente esse momento, pois metade da turma não esteve presente no primeiro encontro e, como descrevi no relatório, não houve tempo de vivenciarmos parte das etapas planejadas.

Sendo assim, vou conduzir a vivência para que todos relembrem/participem dessa etapa tão importante para o desenrolar do plano.

1. Qual a textura e a temperatura?
2. Qual o peso da água? Como é tentar pegar toda a água desse recipiente?
3. Quantos barulhos têm?
4. Qual o ritmo? Como é seguir o ritmo da música?
5. Forme um redemoinho na água e observe.
6. Escolha dois movimentos que tu tenha gostado de fazer. Memorize a estrutura, peso, sensação, qualidade, velocidade e imagine como é fazer com outras partes do corpo.
7. Que memórias a água te traz?
8. Das diferentes formas que encontramos a água na natureza, com qual mais se identifica?
9. Qual relação você imagina ou sabe que esse elemento tem com a cultura afro?

7. MOVIMENTOS NEGROS COM A POÉTICA D'ÁGUA 15min

Voltaremos a experimentar movimentações negras, com a poética d'água, levando em consideração as suas qualidades, estados, texturas e os movimentos de quem lidava/lida com esse elemento no cotidiano (lata d'água na cabeça, lavar roupa na sanga, bater a roupa, jogar água no chão para limpar, tomar banho na cachoeira/mar...)

As músicas tocadas pelo Diih farão referência às quatro divindades, cuja água é seu elemento principal. São elas: Nanã, Oxum, Iemanjá e Iansã.

8. DANÇA ESPELHO 15min

Na turma de Sócio-Culturais: Optei por trazer novamente esse momento, pois metade da turma não esteve presente no primeiro encontro e, como descrevi no relatório, não houve tempo de vivenciarmos parte das etapas planejadas.

Organizados em dupla, cada aluno mostrará para seu parceiro os dois movimentos escolhidos no experimento com água, podendo retornar a usar os recipientes para lembrar os mesmos.

Na sequência, um fica de frente para o outro, estabelecem uma pessoa da dupla para dirigir a movimentação e uma para repetir a movimentação com efeito espelho. Assim que mostrar os dois movimentos, o outro colega pode mostrar o seus. Cada vez que a pessoa volta a fazer seus movimentos, apresenta novas possibilidades dos mesmos.

Aos poucos darei pistas de criação, para acrescentarem aos movimentos:

1. Como esse movimento pode ser feito com outras partes do corpo?
2. Pense em uma forma de água na natureza e coloque essas qualidades nos movimentos.
3. Acrescente no momento uma memória sua com água.
4. Pense na simbologia da água, enquanto os africanos eram trazidos para cá através da escravidão atlântica. Coloque isso em movimento.
5. Reflita no movimento a importância desse elemento da natureza para a cultura negra.

Após um tempo de experimentos, pedirei que algumas duplas se sentem e apreciem os experimentos que as demais duplas apresentarão.

9. REVERÊNCIA AO PERCUSSIONISTA

Ao final, agradeceremos o Diih pela companhia e pelos toques musicais que trouxe para nossa aula.

Convidarei ele a se apresentar à turma, contar um pouco da sua trajetória e apresentar os instrumentos utilizados na percussão.

4.2.1 RELATÓRIO DO ENCONTRO COM A TURMA DE SÓCIO-CULTURAIS EM DANÇA

07/10/2019

Se a aula anterior despertou o desejo de escutar mais cada um dos alunos, nessa aula organizei algumas formas de toda a turma compartilhar suas ideias.

BRAINSTORMING SOBRE MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA

Iniciamos o encontro em roda. Relembramos a partir de que frases deveriam realizar o exercício de encontrar uma palavra para representá-las e convidei que cada um apresentasse sua “memória”.

Figura 21 – Turma de Estudos Sócio-culturais em “Brainstorming sobre memória afro-brasileira”.



Fonte: Acervo pessoal (ESEFID – 07/10/2019). Foto: Márcio Pizarro Noronha.

É muito rico um momento como esse, de poder escutar as relações que os colegas criaram com o tema em questão, suas motivações que, a meu ver, estão diretamente ligadas com suas experiências de vida e que as experiências podem ser tão distintas, mas todas perpassam um modo de ser, de pensar, de fazer Afro-brasileiro.

MEMÓRIAS

Resistência
 Aquíferos
 Lembrança
 Resignificar
 Cultura
 Saudade
 Relembrar
 Identidade
 Raiz

Conforme os colegas contavam o que a palavra significava para si, eu fui fazendo minhas próprias interpretações e ouvindo suas conexões; percebi como já estavam envolvidos por uma esfera de valorização dos elementos da História e Cultura Afro-brasileira e como seus

posicionamentos expressavam a força que a negritude tem em constantemente encontrar formas de preservar essas presenças no cotidiano, história e identidade.

Em alguns momentos senti que estavam presos a uma noção de “certo ou errado”. Procurei deixa-los à vontade, reforçando que deixassem fluir suas simbologias.

O QUE SÃO TERRITÓRIOS NEGROS?

Após retomarem, individualmente, a leitura do texto e traçarem seus próprios *links* de conhecimento, retornaram ao grupo para compartilhar as ideias particulares e trocaram ideias sobre o todo.

Enquanto trabalhavam em grupos, eu pude observá-los em suas interações e escutar discussões levantadas por eles durante a conversa e que me deixaram animada, pois chegaram a um lugar de contrapontos, exposição de diferentes opiniões e de questionamentos sobre o assunto em questão.

Como essa turma era pequena e minha ideia é que tivéssemos uma boa quantidade de palavras no Mapa de Conceitos Afro-brasileiros, propus que cada grupo selecionasse duas indicações para “Território”, “Territorialidade” e “Pessoa Negra Referência”, totalizando em seis fichas por grupo.

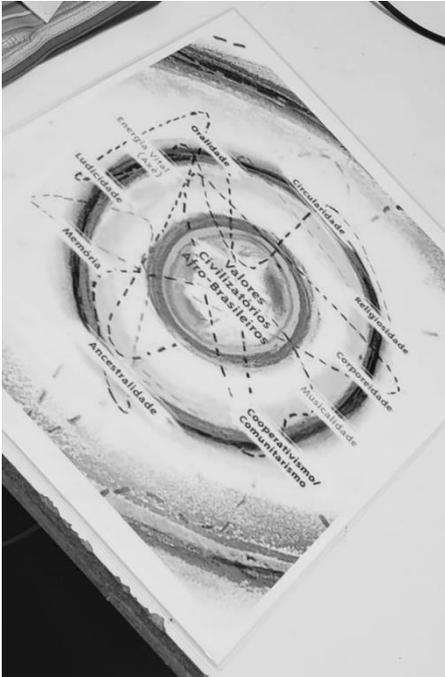
COMPARTILHANDO

As articulações dos conceitos-chave apresentados por Daniele Machado Vieira em seu texto “O que são territórios negros?”, com as experiências de vida de cada aluno e com os conteúdos relacionados à História e Cultura Afro-brasileira e Africana estudados na disciplina resultaram em indicações muito potentes:

INDICAÇÕES
Escola de samba
Afro-Sul (apareceu duas vezes)
Jovem Preto Rei
Slam
Maracatu
Dra. Elza Soares
Empoderar
Iara Deodoro (apareceu duas vezes)
Apropriação
Largo Zumbi

VALORES AFRO-BRASILEIROS

Figura 22 – Mandala dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, de Azoilda Loretto da Trindade.



Fonte: Acervo pessoal (ESEFID – 07/10/2019). Foto: Márcio Pizarro Noronha.

Depois que montamos nosso Mapa de Conceitos Afro-brasileiros, trabalhei mais uma parte do conteúdo

Afro-brasileiros, trabalhei mais uma parte do conteúdo previsto através da Mandala dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, sistematizada por Azoilda Loretto da Trindade.

Além de ter montado a mandala no quadro, eu tinha comigo a imagem da mesma, ampliada e plastificada.

Nas explicações, apesar de ter sido sucinta, apresentei informações potentes e que dessem conta de representar bem a importância de cada um dos eixos. Nos exemplos citados, procurei trazer referências conhecidas pela maioria, para que os alunos fixassem o conceito dos valores e os associassem a coisas comuns do cotidiano (natureza, roda de conversa, fé, movimento, herança...).

Figura 23 – Turma de Estudos Sócio-culturais em “Valores Afro-brasileiros”.



Fonte: Acervo pessoal (ESEFID – 07/10/2019). Foto: Márcio Pizarro Noronha.

MAPA DE CONCEITOS AFRO-BRASILEIROS

Com o avançar do horário e para que o exercício fosse realizado, adaptei essa etapa do planejamento.

Convidei a turma para que juntos encaixássemos os conceitos trazidos por eles (memórias, práticas, figuras ou territórios) com cada um dos valores da Mandala.

Foi muito legal ouvir os colegas, pois logo perceberam e falaram que todos os valores se relacionam entre si, por isso um mesmo conceito poderia estar em vários eixos.

Conforme eu citava um conceito do mapa, eles davam seus palpites e justificativas.

A participação da turma e tudo o que eles disseram me deixou segura de que estavam absorvendo os objetivos previstos com essa aula.

MIX: AQUECIMENTO, ALONGAMENTO E EDUCATIVOS DE DANÇAS AFRO

Nosso convidado especial, Diih Neques, já estava desde o início da aula conosco. Apresentei-o novamente e iniciamos nossas práticas em dança.

As movimentações escolhidas por mim passaram pela lubrificação das articulações, contrações com foco no tronco e pélvis e movimentações em deslocamento.

Percebi que os corpos dos colegas estavam carregados das experiências que tivemos na semana anterior e, com isso, conseguiram acessar novos lugares e informações em relação à organização corporal que as danças afros se propõem em suas configurações.

Figura 24 – Turma de Estudos Sócio-culturais em Dança I em “Aquecimento, alongamento e educativos de danças afro”.



Fonte: Acervo pessoal (ESEFID – 07/10/2019). Foto: Márcio Pizarro Noronha.

MOVIMENTOS NEGROS COM A POÉTICA D'ÁGUA 30min

Figura 25 – Turma de Estudos Sócio-culturais em Dança I em “Movimentos negros com a poética d’água”.



Fonte: Acervo pessoal (ESEFID – 07/10/2019). Foto: Márcio Pizarro Noronha.

“Movimentos Negros com a Poética D’água” e a próxima etapa, “Dança Espelho”, retornaram para esse plano, pois não foram realizadas na aula anterior. Pensei bastante e achei que pudesse ser interessante proporcionar a experiência, mesmo que com algumas adaptações.

Enquanto eu ainda planejava a aula, conversei com o Diih sobre minhas propostas de trabalhar os conteúdos programados a partir da água como elemento de ligação com tantos sentidos. Um deles era a água em relação com as divindades da mitologia africana: Nanã, Oxum e Iemanjá.

O Diih iniciou sua trajetória com percussão dentro dos terreiros de nação de batuque no Rio Grande do Sul, então foi a pessoa certa para trazer sentidos e ritmos dessas divindades através dos tambores. Na parte da dança, fiz estudos sobre essas referências mitológicas e, também, religiosas, procurando transformar suas essências em movimentos.

Figura 26 – Turma de Estudos Sócio-culturais em Dança I em “Movimentos negros com a poética d’água”.



Fonte: Acervo pessoal (ESEFID – 07/10/2019). Foto: Márcio Pizarro Noronha.

DANÇA ESPELHO

Acabei não realizando, pois o término da aula já estava se aproximando. Preferi, então, estender a dança dirigida por mim do que propor que realizassem o trabalho em duplas sem a potência e tempo necessário.

REVERÊNCIA AO PERCUSSIONISTA

Ao final da aula, reverenciamos o percussionista, agradecemos a presença na nossa aula e pudemos escutar o Diih falando sobre seu trabalho.

De forma geral, o que estava me deixando mais receosa era a parte inicial da aula, pois se tratando de conteúdo teórico, a minha preparação foi por outros caminhos. Naquele momento eu não teria o apoio da movimentação e, para mim, a dança consegue acessar lugares profundos de conhecimento. Tive, então, a preocupação de apresentar o conteúdo da melhor forma possível, tendo uma fala bem articulada, domínio das informações, *timing* para articular o planejado com o que os alunos traziam de contribuição, etc.

Conforme as etapas foram acontecendo, fui recebendo retornos de que estávamos chegando a um lugar de entendimento. Criar espaço para os alunos apresentarem suas articulações, ideias e experiências foi a ponte principal para chegarmos onde eu desejava.

Já a parte prática não me deixou segura. Eu esperava ter conseguido desenvolver as etapas “Movimentos Negros com a Poética D’água” e “Dança Espelho”, que acabou não sendo feita, com toda a grandiosidade estrutural e emocional que é realizar uma prática de dança ao som de percussão ao vivo.

Espero que tenha sido uma impressão minha, pela exigência que tenho com o que me proponho a fazer e baseada nas aulas e formas de movimentação que eu curto vivenciar.

Observando os alunos, principalmente aqueles que não são do Curso de Dança, achei que seria mais significativo para eles manter um andamento mais tranquilo de práticas, equilibrando com poéticas e qualidade de movimentos ligados a água.

Outro fator que criou algumas variáveis foi a sala em que realizamos a aula. Com a disciplina acontecendo à noite, não foi possível realizar o Laboratório na rua, com toda potência que tem em se fazer aula em contato com a grama e perto das árvores. Também foi preciso lidar com a limitação de espaço e adaptar a estrutura de alguns exercícios.

Ainda sim eu fiquei contente com o que vivenciamos. Ao final da aula agradei a todos pela disponibilidade em participar da minha proposta prática do Trabalho de Conclusão e por poder trazer as essências dos colegas para minha escrita e experiência docente.

Pela expressão da turma, eu senti que também puderam aproveitar e curtir esses dois encontros que tivemos. De todos os *feedbacks*, o que me deixou mais contente em escutar foi como foi importante para alguns ter conhecido a Dona Iara e o espaço Afro-Sul. Quando planejei levá-los para lá, minha intenção era exatamente de dar oportunidade de estarem nesse lugar tão potente em história e cultura negra, e saber que isso os marcou é um presente para mim, pois Dona Iara e o Afro-Sul merecem!

Figura 27 – Laboratório Movimentos Negros - Encontro II Turma Estudos Sócio-culturais.



Fonte: Acervo pessoal (ESEFID – 07/10/2019). Foto: Márcio Pizarro Noronha.

4.2.2 RELATÓRIO DO ENCONTRO COM A TURMA DE HISTÓRICOS-CULTURAIS EM DANÇA I

09/10/2019

O QUE SÃO TERRITÓRIOS NEGROS?

Obs.: Sem querer, iniciei a aula pela etapa em questão, ao invés de “Brainstorming Sobre Memória Afro-brasileira”, como era o planejado.

Assim que a turma chegou, perguntei como se sentiram após nosso primeiro encontro, como foram as atividades dos colegas que optaram por participar das manifestações nacionais em prol da educação, e se tinham consultado o material/resumo que organizei para quem não esteve em aula entender o que vivenciamos.

Expliquei a primeira tarefa que seria realizada individualmente e, depois de concluída, levei a segunda proposta, esta em grupo.

No início me pareceu que os grupos estavam um pouco tímidos para fazerem as trocas de ideias, mas depois eles se aqueceram e entraram no ritmo da proposta. Novamente fiquei atenta ao que conversavam, contente com as reflexões e ideias levantadas nas conversas.

Enquanto trabalhavam, passei para dizer que receberiam três fichas para o grupo escrever suas referências eleitas. Além disso, cada integrante receberia mais uma ficha para registrar a memória escolhida a partir das frases da tarefa de casa.

COMPARTILHANDO

Combinei que cada integrante do grupo apresentaria sua memória e, na sequência, apresentavam as indicações de Território, Territorialidade e Pessoa Negra Referência.

Por um momento achei que, os colegas que não estiveram na primeira aula, teriam dificuldades e pouca inspiração para encontrarem sua memória afro-brasileira; mas conforme foram compartilhando suas reflexões, esse receio acabou.

Figura 28 – Turma de Estudos Histórico-culturais em Dança I, em “Compartilhando”.



Fonte: Acervo pessoal (ESEFID – 09/10/2019). Foto: Márcio Pizarro Noronha.

MEMÓRIAS	INDICAÇÕES
Ginga	Práticas
Tambor	Iara Deodoro
Racismo	Elza Soares
Reconvexo	Apropriação de espaços físicos, sociais e intelectuais
Raiz	Inacyra Falcão
Religiosidade	Viola Davis
Samba	Lugar
Legado	Fronteira
Lembrança	Recanto Africano
	Marli
	Martin Luther King

Essa atividade realmente teve um fluxo de trocas muito grande. A partir das relações trazidas pelos colegas, conversamos sobre: as marcas do racismo na vida de pessoas negras; os significados da música Reconvexo, de Caetano Veloso e a ligação da mesma com a cultura popular brasileira; as manifestações religiosas de matriz afro-brasileira; o trabalho de arte educação de Inacyra Falcão e o livro que publicou sobre sua metodologia em dança negra; resgate histórico e geográfico da Redenção como território de práticas negras e o significado do antigo nome em homenagem a “abolição da escravatura” e o peso de terem modificado o nome para Parque Farroupilha; colorismo; a história do samba de gafeira; o filme “Besouro”, de produção brasileira, que ilustra de forma potente a importância da capoeira para o povo negro e a época em que ela era proibida de ser jogada, etc.

Pessoas se sentiram a vontade para trazer questões pessoais, algumas bem delicadas. Achei muito legal, pois tivemos a oportunidade de refletir e dialogar sobre as questões e percebi que os colegas enxergaram a roda como um lugar seguro para falarem sobre suas inquietações e experiências de vida.

VALORES AFRO-BRASILEIROS

Após termos conversado sobre tantas ligações com a História e Cultura Afro-brasileira e Africana, foi legal trabalhar com a Mandala dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros e poder apresentar conceitos de cada eixo. Foi mais uma forma de potencializar todas as contribuições que a turma trouxe através das suas memórias e indicações.

MAPA DE CONCEITOS AFRO-BRASILEIROS

Como essa turma era bem grande, também realizamos em conjunto o exercício de encaixar os conceitos aos valores da Mandala.

Desta vez chamei alguns colegas para fazerem os encaixes no painel enquanto eu mediava que outras possibilidades tínhamos para encaixar os conceitos. Achei que os colegas chamados demoraram muito para decidirem suas escolhas de conceito em relação aos valores e acabou perdendo o *timing* dos demais participarem expondo suas opiniões. Por isso, fui fazendo algumas intervenções para as participações ficarem mais dinâmicas.

Ao final da etapa fiz uma fala para reforçar o quanto as heranças africanas fazem parte da nossa identidade e estão presentes no nosso cotidiano, e que todas as contribuições que eles trouxeram são grandes provas disso; precisando a gente ter atenção e consciência de não invisibilizar os valores que fazem parte da nossa história e nos constituem enquanto brasileiros.

MIX AQUECIMENTO, ALONGAMENTO E EDUCATIVOS DE DANÇAS AFRO

Combinei dez minutos de intervalo para que eu pudesse encher as bacias de água, organizar o espaço da aula e o posicionamento do Diij e seus instrumentos.

Figura 29 – Percussionista Diih Neques.



Fonte: Acervo pessoal (ESEFID – 09/10/2019). Foto: Márcio Pizarro Noronha.

Assim que iniciei a aula, apresentei o Diih aos colegas e contei que ele nos acompanharia com a percussão ao vivo.

Ainda na atividade em sala, um dos colegas trouxe como sua memória o “tambor”, explicando como esse instrumento era importante para ele e que quando o escutava e sentia a energia do ritmo, logo tinha vontade de dançar... como a presença do Dih era surpresa, deixei o presente para depois.

Figura 30 – Turma de Estudos Histórico-culturais em Dança I, em “Aquecimento, alongamento e educativos de danças afro”.



Fonte: Acervo pessoal (ESEFID – 09/10/2019). Foto: Márcio Pizarro Noronha.

MOVIMENTOS NEGROS

Extravasei toda minha energia boa e transformei em propostas de movimentos.

Alguns colegas que estavam em outras aulas chegaram junto para participar também e isso foi muito legal para mim.

O professor Márcio disse que as pessoas vieram assistir a vivência, inclusive o diretor da ESEFID que achou muito bonito esse tipo de atividade no campus, ao som da percussão ao vivo.

Figura 31 – Turma de Estudos Histórico-culturais em Dança I, em “Movimentos negros”.



Fonte: Acervo pessoal (ESEFID – 09/10/2019). Foto: Márcio Pizarro Noronha.

Outra coisa muito importante que aconteceu foi justo o professor, que no dia da avaliação do TCC I despertou em mim a responsabilidade de organizar tudo o que eu estava estudando e transformar em proposta prática, finalizou sua aula mais cedo para, junto dos seus alunos, assistir a vivência que eu estava ministrando. Depois ele foi até mim para trocar algumas palavras sobre isso e, obviamente, fiquei muito feliz!

Desta vez consegui trazer para a aula as movimentações que eu gosto de fazer em danças afro. A turma foi muito participativa, por vezes compartilhou as dificuldades com as configurações corporais, mas, sobretudo, demonstrou estar aproveitando e se esforçando em realizar a atividade.

REVERÊNCIA AO PERCUSSIONISTA 10min

Ao final da vivência, ainda em movimento, fizemos a reverência ao Diih e dei espaço para ele se apresentar e contar sobre o seu trabalho.

Na sequência falei aos colegas como eu estava agradecida por terem compartilhado desse momento tão importante comigo e se disponibilizarem a vivenciarem minhas aulas.

Novamente pude sentir o carinho de todos e ouvir retornos que dão ainda mais motivação para dar continuidade à pesquisa.

Fico com a segurança de que (RE) CONHECEMOS, VALORIZAMOS, IDENTIFICAMOS E EXPERIMENTAMOS muitas movimentações negras nesses dois encontros e espero que isso reverbere em novas atitudes, posturas e possibilidades de pensar a dança.

Figura 32 – Laboratório Movimentos Negros - Encontro II Turma Histórico-culturais em Dança I.



Fonte: Acervo pessoal (ESEFID – 09/10/2019). Foto: Autor desconhecido.

5 PRESENCAS E FALTAS NA MINHA TRAJETÓRIA DISCENTE E DOCENTE

Vindo de uma família negra muito estudiosa e com uma mãe professora que lutou muito para dar o melhor em minha criação, reconheço que pude usufruir dos frutos dessas conquistas, estudando em escolas referências de ensino, recebendo todo incentivo e apoio para me dedicar exclusivamente aos estudos, tendo acesso aos materiais necessários à minha formação e, pela soma dos fatos, ter a oportunidade de ser uma aluna aplicada. Não estaria eu, no seguimento desse capítulo, invalidando esses fatos relevantes, menosprezando meus professores, desconsiderando a relevância das suas atuações na minha formação e depreciando as instituições de ensino nas quais estudei. Contudo esse é um trabalho para contextualizar e refletir a estrutura da educação, afirmar a importância e analisar a presença do ensino positivo da História e Cultura Afro-brasileira e Africana nos diferentes níveis de ensino e ampliar esse debate no campo da dança, propondo novas metodologias de ensino. Nesse sentido, ocupo meu lugar de fala e experiência como mulher negra e compartilho meu processo de aprendizagem, atuação artística e docente em dança, pontuando o que foi significativo ou o que me fez falta, o que contribuiu ou feriu minha subjetividade durante esses períodos de formação.

A escola pode se tornar um dos espaços mais violentos para o negro. Com meus três anos de idade já estava dentro dela, não mais cercada apenas dos meus pais, dos que amavam e dos que me protegiam. Dentro da escola acontece uma das primeiras fases de contato com a sociedade. Comecei a conviver com muitas pessoas, elas eram fisicamente muito diferentes de mim, suas realidades sociais também. Se falava em diversidade, mas privilegiavam-se os que estavam dentro dos padrões. Não me via nos meus professores, no Ensino Médio tive a primeira e única professora negra. Tão pouco me identificava com as pessoas das minhas turmas, e que eu me recorde tive uns cinco colegas negros durante as três primeiras modalidades de ensino. Os conteúdos programados me encurralavam no molde de ensino ocidental, não me representavam e não supriam minhas necessidades enquanto aluna negra. Das pouquíssimas vezes que apresentaram a história e cultura do negro, me colocaram em frente de uma perspectiva resumida a escravidão e suas mazelas, quando senti todos os olhares para mim e uma vontade de sumir de onde estava.

A violência é diária no processo de educação. Para alguns ela é explícita, agride fisicamente, verbalmente e psicologicamente. Para outros, como foi para mim, ela é velada, mas silenciosamente também me agrediu física, verbal e psicologicamente.

A violência impede muitos negros de chegarem ao nível superior e quando a gente chega, é com ela nossa luta diária.

No ano de 2013 ingressei no Curso de Licenciatura em Dança. A formação superior em arte é muito questionada, inclusive por artistas que optam compor sua formação apenas dos cursos livres por acreditarem que a Licenciatura ou Bacharel em Dança, ou em outras linguagens, não são relevantes e cruciais em suas atuações. Eu não tenho dúvidas de que ter cursado Licenciatura em Dança foi fundamental e determinante para a qualidade da minha formação profissional, visto que ela me ofereceu alguns caminhos e bagagens importantes para chegar aos vários lugares em que cheguei e ainda quero chegar como profissional da dança.

Quando iniciei a graduação tudo era muito novo para mim. Não conhecia nada em Porto Alegre, e no primeiro semestre tive que conciliar o curso com meu estágio final do Curso Normal, então saía às pressas de Novo Hamburgo para fazer a única cadeira em que estava matriculada. Chegar até a ESEFID 17:30h era bem desafiante para mim, voltar sozinha de noite para minha cidade era mais ainda, e assim demorei para criar algum vínculo com os colegas e professores... porém, a alegria e vontade de viver esse ciclo que estava só se iniciando deixava tudo mais leve.

Pesado foi eu não ter me visto em nenhum dos meus professores, por serem todos brancos, e também o período em que tentei me encaixar com vivências que não eram as minhas, quando soube e/ou presenciei posturas racistas dentro do curso, como, por exemplo, quando um colega expôs na nossa aula que entendia o corpo negro no corpo de baile de ballet como um buraco negro no palco; e ainda quando vi professores, por diferentes motivos, não se posicionando perante casos como esses e, até, tendo atitudes semelhantes.

A partir de 2014 ingressaram no curso alunos que me chamaram atenção pelas suas trajetórias que não se limitavam ao ballet, com posicionamentos que não cabiam dentro das “caixinhas de dança”, e que, assim como eu, em sua maioria não eram de Porto Alegre e da cena cultural da cidade, com realidades sociais próximas a minha, com visões e atitudes de engajamento político e, o mais importante, alguns deles negros. Por admirá-los me aproximei, nos tornamos grandes amigos e fomos parceiros durante nossa trajetória dentro da graduação.

Eu deixo esse registro aqui não só pela nossa amizade, mas por eles terem sido importantes para minha tomada de consciência, engajamento em lutas, amadurecimento pessoal e profissional e terem fortalecido meu crescimento como mulher/professora/artista negra. Se não fosse tudo isso, não sei quando e como me desvincularia do pensamento eurocêntrico em dança, me muniria contra as armadilhas do racismo institucional, (re)conheceria e valorizaria uma história e cultura que não é considerada dentro da academia, impediria que colonizassem mais uma etapa da minha formação e não permitiria que domesticassem meu corpo negro em dança.

Falando em corpo negro na dança... Modéstia à parte, O Coletivo Corpo Negra é um acontecimento marcante na história da Licenciatura em Dança UFRGS, e chega para representar a presença das pessoas negras no curso, ocupar esse lugar que também é nosso, nos fortalecer enquanto comunidade e impulsionar nossas particularidades. Reservo o subcapítulo 5.1 do trabalho para falar mais sobre a trajetória do Coletivo.

Junto dos meus amigos, Coletivo e de outros colegas, reivindicamos espaços, questionamos o currículo e a estrutura do curso que, com seu foco em algumas linguagens eurocêntricas específicas, já não dava mais conta dos discentes que desejavam complementar sua formação em danças urbanas, dança de salão, danças kpop, danças negras, etc.

Existe uma normativa em finalizar o ensino superior no tempo mínimo, e no caso da Licenciatura em Dança são quatro anos. As pessoas sempre queriam saber quando eu me formaria e, lá pelas tantas, com essa pressão eu comecei a achar que era algo muito distante de alcançar. Hoje fico feliz por ter permanecido nesse processo por seis anos. Esses dois anos a mais foram a chave para desfrutar de escolhas mais maduras, da consciência que venho criando, das posições políticas que venho tomando, das exigências que venho colocando, dos critérios que venho estabelecendo e de tudo que venho acreditando.

Olho para “Luísa de 2013”, “bixa”³² do Curso de Dança, e vejo uma estrada. Hoje vejo que estou chegando exatamente onde eu queria, ao final da graduação e no início de várias outras possibilidades em dança. Como fiz para chegar até aqui? Acertei as direções e errei várias outras. Segui os mapas, conheci lugares muito importantes. Me senti deslocada onde estava e quis sair dali. Pedi algumas caronas para pessoas mais experientes. Dividi caminhos com muita gente, mas muitas vezes foi como se eu estivesse sozinha. Já me perdi e não soube para onde voltar ou como avançar...

Dei um tempo, observei o fluxo e encontrei possibilidades de seguir minha trajetória. Comecei a entender os caminhos que me faziam bem. Quis ir para lugares com os quais eu me identificava. Conheci pessoas diferentes de mim, mas muito parceiras para me acompanhar. Acreditei em mim mesmo quando errei algumas rotas e soube por onde voltar e avançar.

É, a vida é uma estrada cheia de direções e eu valorizo todas pelas quais eu passei!

³² Expressão usada para se referir a um calouro.

5.1 COLETIVO CORPO NEGRA: (RE)EXISTÊNCIA, LUTA E LIBERDADE NA DANÇA

Nossa história começou em 2016 quando, motivadas pela aluna Gessica Rosa, algumas mulheres negras passaram a se encontrar para conversar sobre questões nossas enquanto corpos pretos dentro do curso de Dança. Entre 2015 e 2016, anos finais para implementação de políticas de cotas nas universidades do país, notamos uma entrada bem significativa de alunos negros não só na Dança, como nos demais cursos da ESEFID. Contudo sentíamos nossa presença dentro do campus invisibilizada pela falta de espaço e iniciativas para se falar sobre nós mesmos. Entre trocas de energia, olhares, atenção e desabafos organizamos as reuniões do grupo “Pretas na Dança” e, mais tarde, criamos um processo artístico em dança para o Mix Dance³³ 2016 com a coreografia “Baile Black”, em um mix de músicas tradicionalmente negras que marcaram a década de 90.

Serei eternamente grata à coreografia que nos uniu e deu início a uma nova perspectiva política e artística dentro do Curso de Dança. Lembro como se fosse hoje o impacto que causou a presença de onze mulheres negras no palco do Salão de Atos da UFRGS, ocupando esse espaço para se reconhecerem e se sentirem representadas em seu próprio meio artístico e acadêmico. Ninguém esperava por tal acontecimento. Afinal, o que significa o corpo de mulheres negras em cena? O que a presença dos nossos corpos causa nas pessoas? Esses corpos que historicamente são sexualizados, objetificados, escravizados, mas que, através da arte passariam a protagonizar novos rumos de suas próprias histórias, quebrando com o silêncio do racismo, lutando contra o que e quem nos violenta, trazendo à tona discursos pertinentes a nossa negritude e dando poder ao nosso povo.

Depois daquela noite épica entendemos que nossos objetivos poderiam e deveriam ir muito além do Baile Black. Em meio a alguns desafios e dificuldades inerentes ao dia a dia de mulheres negras, seguimos nos encontrando. Em 2017 mudamos o nome “Pretas na Dança” para “Coletivo Corpo Negra” e levamos para o Mix Dance a coreografia “A Revolta vem à tona”.

³³ O Mix Dance foi idealizado para promover aos alunos do Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS a oportunidade de apresentar coreografias elaboradas em ambiente acadêmico ou não, afirmando a existência e a qualidade do nosso trabalho. O público pode conferir apresentações de Projetos de Extensão do Curso de Dança, coreografias de conclusão de semestre, coreografias de acadêmicos do curso, assim como apresentações de grupos de dança. O Mix objetiva ser um lugar de distribuição, visibilidade e posterior problematização da produção em dança realizada entre os acadêmicos do Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS. Com entrada franca, conta com apresentações de finalização de disciplinas, de trabalhos apresentados em estágio, de escolas de danças e várias outras fontes de arte, todas envolvendo os discentes e egressos do curso.

A "Revolta vem à tona" para denunciar as violências cujos nossos "corpos negros" são submetidos.

Violência física, psicológica, sexual, patrimonial, moral... Em casa, na rua, no trabalho... tantas de nós já passaram por isso em algum momento da vida. Tantas mulheres estão passando por isso nesse exato momento. Até quando as histórias vão se repetir?

Mc Carol e Karol Conka, em um dueto que problematiza as perspectivas do machismo sob nossas vidas e fortalece o movimento das mulheres contra isso, para que a gente quebre com o silêncio e faça diferente. Nossa coreografia foi criada em 2017 e nela nossos corpos dançam a revolta de mulheres pretas que querem acabar com o que machismo nos estabelece e com as estatísticas de violência que estamos submetidas. Na música, mulheres (re)conhecidas por suas histórias: Nina, Elza, Dona Celestina, Zeferina, Frida, Dona Brasilina, Aqualtune, Carolina, Dandara e Xica da Silva. Em nossas vidas, várias outras que poderíamos citar! Dançando queremos referenciar tudo o que essas mulheres fizeram por nós e dar início a novos caminhos, pois nós seremos as protagonistas das nossas próprias leis e histórias. (Publicação em rede social)³⁴.

O ano de 2018 foi muito importante e de grandes movimentações para nós. Foi quando o Coletivo iniciou seu processo como Projeto de Extensão do Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS, com a colaboração docente da professora Lisete Vargas. Estrutturamo-nos com mais força em prol do nosso compromisso político e artístico, promovendo espaços para discussão, reflexão, análise e criação artística a partir das questões que envolvem nossa negritude, mais especificamente nossas subjetividades enquanto mulheres negras.

A coreografia intitulada "Deus é Mulher" reflete nosso amadurecimento. Participamos de vários eventos com esse trabalho, cuja trilha sonora é a música Mulher do Fim do Mundo, de Elza Soares, uma das nossas grandes referências. O que nem imaginávamos é que, no ano seguinte, teríamos o prazer de conhecê-la e conversar pessoalmente com ela, quando Elza recebeu o título de Doutora Honoris Causa na UFRGS, em 26 de maio de 2019.

³⁴ Publicação disponível em: <https://www.instagram.com/p/BzBww8Fn3Xe/?igshid=1gya616z5dktw>.

Figura 33 – Coletivo Corpo Negra com Elza Soares e Zeca Camargo.



Fonte: Acervo pessoal (Salão de Atos UFRGS – 26/05/ 2019). Foto: Autor desconhecido.

“Deus é mulher” leva para o palco questionamentos a cerca da invisibilidade da mulher negra na cena de dança da cidade de Porto Alegre. Através desse processo criativo e com indicação direta do júri especializado, o Coletivo Corpo Negra foi indicado ao Prêmio Açorianos de Dança 2018, na categoria Destaque em Dança Contemporânea "pela qualidade artística ao trazer para a cena contemporânea as questões éticas e de gênero com protagonismo feminino".

Nesse ano de 2019 levamos para cena o trabalho coreográfico chamado “Deusa das Águas”, dançado ao som de Ponto de Nanã, interpretado por Mariene de Castro. Coreografia, essa, que homenageia as mulheres de nossas famílias e, com sua potência, nos conecta com nossa ancestralidade.

Figura 34 – Matéria da RBS compartilhada pelo Geledés Instituto da Mulher Negra (28/06/2019).



Hoje, no Jornal do Almoço, foi ao ar uma matéria com o Coletivo Corpo Negra, organizada pela Jornalista Carol Anchieta, em que se mostra o trabalho que estamos realizando enquanto Projeto de Extensão da UFRGS, dentro e fora da universidade. Esse ano colocamos em prática um projeto que já era desejado há algum tempo por todas nós: oficinas regulares e abertas ao público. Dentre as várias responsabilidades de um Projeto de Extensão, uma delas é criar uma conexão do que está sendo feito dentro da academia com a comunidade externa. Sabemos que nossos corpos negros são sim legítimos dentro da universidade, mas sabemos que estar dentro desse espaço, além de uma grande conquista, também um privilégio que muitos dos nossos irmãos e irmãs pretos não têm, pois o racismo restringe nossas trajetórias. Surge, assim, o “Corpo Negra em Movimento” em duas modalidades: a primeira oferece aulas de dança à comunidade dentro da ESEFID, o campus da UFRGS em que o Curso de Licenciatura em Dança funciona. A segunda, chamada “Corpo Negra em Movimento NAS ESCOLAS”, quando nós vamos até as escolas periféricas, nos aproximando das nossas crianças que, muitas vezes, não tem oportunidade de ir até a universidade participar dessas ações afirmativas.

Tivemos o imenso prazer de iniciar o “Corpo Negra em Movimento NAS ESCOLAS” na EMEI Romana, no município de Sapucaia, que já vem realizando um consolidado projeto de educação antirracista no ambiente escolar, orientado por uma de nossas integrantes e que atua na escola como professora. Parabéns mana Bárbara Oliveira e a todas as integrantes do grupo que vem atuando na educação e se tornando grandes referências negras para seus alunos.

Nosso projeto foi idealizado enquanto um coletivo de dança que compartilha com as crianças uma história ancestral, construída através de luta e resistência de nossos ancestrais: nossas grandes referências. Nosso desejo é proporcionar a autoestima das crianças negras, o reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira e africana por todos os alunos, e reflexões sobre as consequências do racismo que, infelizmente, é tão presente na escola.

@carolanchieta, obrigada pelo olhar e atenção, és incrível! (Publicação em rede social).³⁵

³⁵Publicação disponível em: <https://www.instagram.com/p/BzPGaHIBOVV/?igshid=qo90o0z556ki>.

Essas e tantas outras ações que desenvolvemos afirmam o quanto o Coletivo Corpo Negra tem uma grande importância não só nas vidas das integrantes que o compõem, como também para todas as pessoas que, de alguma forma, já foram contagiadas por nossa dança que significa (re)existência, luta e liberdade.

6 TÃO PERTO E TÃO LONGE: SEGUIR MOVIMENTANDO

Esse capítulo, que formalmente costuma ser a conclusão, não se estabelece no sentido de “Caminhar para o fim de; terminar ou acabar”, mas sim de “entender” os aspectos principais que se apresentaram nessa experiência.

Se lá em Pesquisa em Dança fui instigada a pensar sobre a relevância do estudo e como isso impactaria no acervo de publicações na área de dança, ao passar do tempo me convenço ainda mais que produção de conhecimento afroreferenciado de alunos negros tem pertencimento singular e pode garantir com mais propriedade um fazer/pensar do corpo/mente afro, descolonizando os moldes de um ensino eurocêntrico. Em pensar que quase não permiti dedicar-me a esse estudo dentro da graduação... Mostrei a mim mesma que: sim, eu e os meus somos as pessoas certas para buscar e produzir tal conhecimento. Ao mesmo tempo, só confirmei que tudo isso exige profunda dedicação e comprometimento. É ter que lidar com uma montanha russa de sentimentos, saber canalizar a energia do que me revolta para algo que contribua para mim e outras pessoas, só aprender “hoje” o que deveria ter aprendido “ontem”, resgatar não só a história e cultura do meu povo, mas a minha própria também, estar disposta a encarar resistências internas e externas e tantas coisas mais.

Sei que a presença negra é legítima dentro da universidade, mas também sei que estar dentro desse espaço, além de uma grande conquista, é um privilégio que muitas irmãs e irmãos não têm, pois o racismo faz isso conosco, restringe nossas trajetórias. Portanto, eu como negra acadêmica, constantemente penso em como me comprometer mais e mais com meu povo. Irmãos, de nada adiantará o conhecimento acadêmico se não soubermos usá-lo para o fortalecimento dos nossos pares dentro da universidade ou se não soubermos levá-lo, de forma significativa, para os que estão fora dela. Eu quero poder ao povo preto!

Chego aqui, e quero confirmar todos os motivos pelos quais esse trabalho foi importante, não só individualmente como também coletivamente, e continuará sendo importante para os meus próximos passos e, porque não, motivar os passos de outros colegas do Curso de Dança como um todo. Gosto do que vejo nele, é como um reflexo das movimentações feitas por parte daqueles que, assim como eu, desejam que a estrutura do ensino de dança, livre ou formal, se ressignifique e acompanhe as novas necessidades, reivindicações e pautas dos artistas/discentes.

E o que se pode fazer enquanto algumas mudanças não são formalizadas na estrutura do Curso de Licenciatura em Dança, como por exemplo, a entrada de professores negros no quadro docente e/ou a criação de disciplinas específicas e voltadas para as questões étnico-raciais? Considero o “Laboratório de movimentos negros: uma proposta de interação discente e mediação

docente” como uma alternativa de resposta a essas lacunas existentes na nossa formação. Como seu próprio nome já comunica, a proposta do laboratório foi construir uma zona de interação, dinâmica e movimento entre corpos de estudantes negros e não negros, dentro de conteúdos disciplinares e com uma mediação docente. Alunos e suas interações foram os principais agentes do conhecimento e suas transversalidades.

Muito pode ser feito para se considerar as diferenças, a raça, o gênero, a sexualidade, a classe social, a deficiência... Começa-se retirando do professor a responsabilidade única e exclusiva de mediar conteúdos, fornecer fontes de estudo, mostrar vídeos, organizar seminários sobre o assunto. Como contrapartida o que se pode fazer é dar voz aos alunos, criando dinâmicas para que, quem tem determinada experiência, tenha oportunidade de exercer seu lugar de fala, ampliando a discussão, propondo ações, apresentando referências e o que mais for significativo para o crescimento das relações aluno x aluno, aluno x professor e aluno x produção de conhecimento. Se estabelece, assim, um ensino acadêmico com formas horizontais das relações dos sujeitos.

Desses encontros da Educação das Relações Étnico-Raciais com as dinâmicas interacionais entre mim e tantas pessoas, surgiram outras formas de se pensar e fazer dança. Essa experiência se deu toda nas trocas! Trocas entre o que me dediquei a construir e propor, entre os colegas que fizeram parte dos encontros e se mostraram abertos aos estudos através dos movimentos negros, entre as mediações docentes do professor Márcio, que me orientou em cada etapa do processo ao mesmo tempo em que incentivou a exercer minha autonomia e, também, entre as contribuições de todos aqueles que são minhas referências no processo artístico/pedagógico em dança.

Esse trabalho está próximo de tudo que me move e longe de tudo o que ainda quero me mover!

REFERÊNCIAS

Referências citadas:

ACOGNY, Patrick. As Danças Negras ou as Veleidades para uma Redefinição das Práticas das Danças da África. **Rebento**, v. 7, n. 6, p. 131-156, 2017.

A COR DA CULTURA. **Saberes e fazeres: modos de interagir**. v.3 / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. Disponível em: http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Caderno3_ModosDeInteragir.pdf. Acesso em: 09 dez. 2018.

ALVES NETO, Manoel Gildo. **Falarfazendo dança afro-gaúcha: ao encontro com mestra iara**. Porto Alegre. 2019. 192 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

AMARO, Sarita. **Racismo igualdade racial e políticas de ações afirmativas no Brasil**. Porto Alegre: Edipucrs, 2015. 149 p.

BRASIL. **Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.

CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA UFRGS. (Org.). **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Dança**. 2018. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/esefid/Arquivos/COMGRAD_DAN/projeto_pedagogico.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2019.

FORPROF – Centro de Formação Continuada. Edital de inscrição de cursistas – **Curso de Extensão Educação das Relações Étnico-Raciais e Territórios Negros em Porto Alegre: Diálogos Afrocentrados** – 1ª edição, 2019. Documento eletrônico. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/lhiste/curso-de-extensao-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-territorios-negros-em-porto-alegre-dialogos-afrocentrados-1a-edicao/>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas Sociais**. 2018. Módulo Educação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21253-pnad-continua-2017-numero-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham-ou-se-qualificam-cresce-5-9-em-um-ano>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

LUZ, Marco Aurélio. **Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira**. 3. ed. Salvador: Edfba, 2013.

MACEDO, José Rivair (Org). **ANOS 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História**. Porto Alegre: Revista do Programa de Pós-graduação em História, v. 21, dez. 2014. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/anos90/issue/viewFile/2119/121;Porto>>. Acesso em: 13 abr. 2019.

MACEDO, José Rivair. Entrevista com José Rivair Macedo: a consolidação do campo de História da África Antiga no Brasil. **Romanitas-Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 10, p. 11-25, 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/?journal=romanitas&page=article&op=view&path%5B%5D=18969&path%5B%5D=12885>>. Acesso em: 13 abr. 2019.

MEC. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, 2013. 104 p.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A história africana nas salas de aula: diálogos e silêncios entre a Lei nº 10.639/03 e os especialistas. In: MACEDO, JR., (Org). **Desvendando a história da África** [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp. 195-210. ISBN 978-85-386-0383-2. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/yf4cf/pdf/macedo-9788538603832-14.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2019.

OLIVEIRA, Dennis de. **Um breve balanço dos dez anos da lei 10.639/03**. 2013. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/noticias/ok-um-breve-balanco-dos-dez-anos-da-lei-10-63903/>>. Acesso em: 13 abr. 2019.

PASSOS, Flávio. **10 anos da Lei 10.639/03: e como ficamos?**. 2013. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/10-anos-da-lei-10-639-03-e-como-ficamos/>>. Acesso em: 13 abr. 2019.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretatogia**: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral contribuições do legado africano para a implementação da Lei N°. 10.639/03. Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará - Eduece, 2015. Disponível em: <<https://negrecombr.files.wordpress.com/2018/10/pretagogia-sandra-petit.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2019.

PETIT, Sandra Haydée. Práticas pedagógicas para a Lei nº 10.639/2003: a criação de nova abordagem de formação na perspectiva das africanidades. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 21, n. 3, p.657-684, set. 2016. Disponível em: <<https://educacaoemfoco.ufjf.emnuvens.com.br/edufoco/article/viewFile/3194/99>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

PORTO, Nathália Athayde. **A dança de rua em academias e escolas de dança de Porto Alegre: do início até a atualidade**. Trabalho de conclusão de graduação. Curso de Educação Física: Licenciatura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010.

ROCHA, Lilian Rose Marques da; *et al.* **Sopapo poético**: Pretessência. Porto Alegre: Libretos, 2016.

RAMOS, Luciane. **Danças Africanas e suas diásporas no Brasil**. São Paulo: Labexperimental.org, 2016. P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tP206mrqm98>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Educação das relações étnico raciais: pensando referenciais para a organização da prática pedagógica**. Belo Horizonte: Maza Edições, 2007.

SILVA, Geranilde Costa e. **Pretagogia: construindo um referencial teórico-metodológico, de base africana, para a formação de professores/as**. 2013. 242 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7955>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Lei 10.639/03 completa 14 anos**. Brasil de Fato, São Paulo, 8 jan. 2017. Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2017/01/08/ensino-de-historia-da-africa-ainda-nao-esta-nos-planos-pedagogicos-diz-professora/> >. Acesso em: 14 abr. 2019.

VIEIRA, Daniele Machado. O que são territórios negros?. *In: As Viagens do Tambor – Material de Apoio aos Professores e Professoras*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Extensão Universitária Laboratório de Ensino de História e Educação. Territórios Negros: patrimônios afro-brasileiros em Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

Referências consultadas:

BRASIL. Resolução nº 1, de 17 de junho 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. CNE/CP Resolução 1/2004. **Diário Oficial da União, Brasília**, 22 de junho de 2004, Seção 1, p. 11.

BRASÍLIA. SPPIR. (Org.). **III Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial: Subsídios para o debate**. Brasília: 2013. Disponível em: < http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/IIIConapir/subsidios_debate.pdf > Acesso em: 14 nov. 2018.

BRITO, Deise Santo de. (Des)locar, (re)conhecer e (trans)formar: relato de uma experiência referente a abordagem das culturas afro-brasileiras e diaspóricas na prática educativa. **Revista de EDUCAÇÃO do Cogeime**, v. 25, n. 49, p. 121-133, 2016.

SANTOS, José Antônio dos; CAMISOLÃO, Rita de Cássia; LOPES, Vera Neusa (Org.). **Tramando falas e olhares, compartilhando saberes: Contribuições para uma educação anti-racista no cotidiano escolar**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2008.

Apêndice A – Termo de Autorização de Uso de Imagem

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA LICENCIATURA EM DANÇA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto de trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Dança *LABORATÓRIO DE MOVIMENTOS NEGROS: UMA PROPOSTA DE INTERAÇÃO DISCENTE E MEDIAÇÃO DOCENTE (2019)*, da discente Luísa Dias Rosa, sob orientação do professor Márcio Pizarro Noronha (ESEFID UFRGS) a seguir discriminado:

TÍTULO DO TCC: LABORATÓRIO DE MOVIMENTOS NEGROS: UMA PROPOSTA DE INTERAÇÃO DISCENTE E MEDIAÇÃO DOCENTE (2019)

DISCENTE PESQUISADORA: LUÍSA DIAS ROSA DE OLIVEIRA

ORIENTADOR: PROFESSOR MÁRCIO PIZARRO NORONHA

Resumo e Objetivos principais:

Este trabalho tem como motivação a produção de conhecimento afro-referenciado em dança, propondo outras possibilidades de pensar, fazer, criar e ensinar reconhecendo, valorizando e preservando valores civilizatórios afro-brasileiros e africanos (no viés da concepção da ancestralidade negra), com base numa experiência de interação entre grupos discentes sob a supervisão e mediação docente, ofertando experiência e prática no campo das disciplinas teóricas do curso de licenciatura em Dança, garantindo a presença dos conteúdos sociais e históricos referentes à EREER (Educação para as relações étnico-raciais), conforme orientação legal e conteúdos presentes no desenvolvimento das disciplinas formativas.

Teve seu embasamento no estudo hermenêutico da Lei nº 10.639 / 2003, com pesquisa nos bancos de dados da UFRGS para mapear programas, ações, projetos e atividades implementadas pela universidade comprometidas com as políticas de educação para as relações étnico-raciais em conformidade com a Lei e com a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação para as Relações Étnico-Raciais – EREER e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, de 2004.

Sua intenção é a de compartilhar a reflexão sobre o currículo de Licenciatura em Dança da UFRGS e sua relação com o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana garantindo formação adequada de professores(as) com habilidades e atitudes que permitam contribuir para a EREER.

O trabalho inclui em uma experiência prática aberta em dança, “Laboratório de Movimentos Negros”, desenvolvida no interior das disciplinas Estudos Socioculturais em Dança e Estudos Histórico-Culturais em Dança, de cunho teórico-prático.

Para participar deste estudo não há nenhum custo, nem qualquer vantagem financeira. A todo o momento do processo das aulas, foi garantido o esclarecimento de cada etapa do trabalho, não sendo obrigatória a participação no laboratório prático. Cada discente pôde participar ou não ou ainda apenas observar ou ainda desistir e interromper a participação durante qualquer momento do processo do laboratório. Sua participação não envolve qualquer avaliação acadêmica que afete o andamento da disciplina. Estas atividades são alvo de avaliação para a discente Luísa Dias Rosa de Oliveira, na forma do seu TCC.

Todo este trabalho é constituído de modo voluntário e depende exclusivamente da colaboração dos participantes.

As imagens coletadas na pesquisa poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual dele, em publicações e divulgações acadêmicas, sem qualquer fim lucrativo, fazendo-se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Eu, Luísa Dias Rosa de Oliveira, como discente pesquisadora responsável, me comprometo a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente o participante venha a ter no momento de participação ou posteriormente e na vinculação da sua imagem com o trabalho pelo telefone (51) 35873212 ou (51) 980402006, bem como com o orientador e supervisor do TCC, responsável pelo andamento disciplinar e mediador de todo o processo, professor Marcio Pizarro Noronha, (051) 999441314 e e-mail pizarronoronha@gmail.com

Eu, _____, sujeito livre e esclarecido, portador(a)(e) do documento _____, fone de contato _____ fui informado(a)(e) dos objetivos do trabalho *LABORATÓRIO DE MOVIMENTOS NEGROS: UMA PROPOSTA DE INTERAÇÃO DISCENTE E MEDIAÇÃO DOCENTE (2019)*, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas.

Autorizo uso da minha imagem e sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. Recebi uma cópia deste termo de uso de imagem e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Autorizo uso do registro visual (fotografias)

Autorizo uso audiovisual (vídeos)

Autorizo a divulgação do meu nome como colaboradora e interlocutora da pesquisa.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem ou qualquer outro.

Este termo de uso da imagem encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Porto Alegre, ____ de novembro de 2019.

Assinatura do participante

Luísa Dias Rosa de Oliveira

Pesquisadora responsável

Prof. Dr. Márcio Pizarro Noronha

Orientador TCC Licenciatura em Dança

Porto Alegre, novembro de 2019

Apêndice B – Tabelas 04 e 05

Tabela 04 – Materiais trabalhados nos conteúdos programáticos de Estudos Sócio-culturais em Dança

MATERIAIS DE ESTUDOS SÓCIO-CULTURAIS EM DANÇA	
TEXTOS	VÍDEOS
<p>1. Corponectivos em diásporas: uma reflexão para a pesquisa em Dança, Lenira Peral Rengel (UFBA) Patrícia Cruz erreira,(UFBA), Fernando Davidovitsch (UFBA)</p> <p>2. Trânsitos na diáspora: como coreografar uma festa no terreiro, Fernando Marques Camargo Ferraz (Unesp)</p> <p>3. Arte e Mídia: códigos mestiços, Sonia Maria Lanza</p> <p>4. Sobre mestiçagem étnica e expressão da arte, Neusa Romero Barazal*</p> <p>5. Cruzamentos e tensões: mestiçagens na arte contemporânea no Brasil e no Canadá, Icleia Borsa Cattani</p>	<p>1. Aula 52 RAÇA e ETNIA - https://www.youtube.com/watch?v=U3gpatsAZdo (acesso em 28/11/2019)</p> <p>2. Coisa mais linda: gênero, raça e classe nos anos dourados - https://www.youtube.com/watch?v=bn99mubzDOM (acesso em 28/11/2019)</p> <p>3. Conferência - Norval Baitello Jr. - V Eneimagem https://www.youtube.com/watch?v=elAz2lmC25s (acesso em 28/11/2019)</p> <p>4. EIAV 2014 - Mesa Redonda Antropologia e Arte - 06.11.14- https://www.youtube.com/watch?v=VI7SeoSQZ-0 (acesso em 28/11/2019)</p> <p>5. História, Antropologia e Arte: Entrevista com Lilia Schwarcz- https://www.youtube.com/watch?v=qc4AdYh1D50 (acesso em 28/11/2019)</p> <p>6. Mulheres negras e o feminismo- https://www.youtube.com/watch?v=lnJ4izof3mE (acesso em 28/11/2019)</p> <p>7. Práticas corporais nos espaços urbanos (Aula 3 - Curso de Extensão - FFLCH-USP)- https://www.youtube.com/watch?v=sbqaaXjLhC0 (acesso em 28/11/2019)</p> <p>8. Viveiros de Castro: Antropologia e arte - https://www.youtube.com/watch?v=bx-W4yqamVg (acesso em 28/11/2019)</p>

Tabela 05 – Materiais trabalhados nos conteúdos programáticos de Estudos Histórico-culturais em Dança I.

MATERIAIS DE ESTUDOS HISTÓRICO-CULTURAIS EM DANÇA I	
TEXTOS	VÍDEOS
<p>1. Educação tradicional e ensino da música e dança em sociedades tradicionais africanas, Gerhard kubik (Universidade de Viena)</p>	<p>1. 6 Fascinantes Impérios Africanos (que você deveria Conhecer)- https://www.youtube.com/watch?v=kS9r6BqfcYw (acesso em 28/11/2019)</p> <p>2. África dos Grandes Reinos e Impérios- https://www.youtube.com/watch?v=ICPBpaldsyk (acesso em 28/11/2019)</p>

MATERIAIS DE ESTUDOS HISTÓRICO-CULTURAIS EM DANÇA I	
TEXTOS	VÍDEOS
<p>2. As Danças Negras ou as Veleidades para uma Redefinição das Práticas das Danças da África, Patrick Acogny</p>	<p>3. Antiguidade Oriental – Dos rios ao mundo da escrita - História - Prof. Marcelo Lameirão- https://www.youtube.com/watch?v=YDpHKMv6vxk (acesso em 28/11/2019)</p> <p>4. A-Z of- African Dance - https://www.youtube.com/watch?v=LInMiYj6ZVE (acesso em 28/11/2019)</p> <p>5. HISTÓRIA DA ÁFRICA E CULTURA AFRO - PARTE I - PROFESSOR- SANDRO CORRÊA- https://www.youtube.com/watch?v=LlzXGsqmb4o (acesso em 28/11/2019)</p> <p>6. https://www.youtube.com/watch?v=YuYhQ_0FQgw (acesso em 28/11/2019)</p> <p>7. History of African American Music in 10 Minutes- https://www.youtube.com/watch?v=Mbk8jy_bVNo (acesso em 28/11/2019)</p> <p>8. IDADE MÉDIA- Reinos Africanos #5- https://www.youtube.com/watch?v=iLjq_5uy4AA (acesso em 28/11/2019)</p> <p>9. João Reis - Nossa História Começa na África- https://www.youtube.com/watch?v=PF6mXS9QWpo (acesso em 28/11/2019)</p> <p>10. JUBA DANCE- The dance of African slaves in American plantations- https://www.youtube.com/watch?v=hpNdQDWgy7I (acesso em 28/11/2019)</p> <p>11. 'Revelations' by Alvin Ailey- https://www.youtube.com/watch?v=tNqaixKbrjs (acesso em 28/11/2019)</p> <p>12. The Dance Hall - A-Z OF AFRICAN DANCE - https://www.youtube.com/results?search_query=The+Dance+Hall+-+A-Z+OF+AFRICAN+DANCE+- 28/11/2019)</p> <p>13. Traditional Congolese Dance - Ballet Arumbaya Ndendeli- https://www.youtube.com/results?search_query=Traditional+Congolese+Dance+-+Ballet+Arumbaya+Ndendeli (acesso em 28/11/2019)</p> <p>14. MASP Palestras Abdias Nascimento, Uma história afro-atlântica, 9.6.2018- https://www.youtube.com/watch?v=hRWFq_E2Zik (acesso em 28/11/2019)</p> <p>15. MASP Professores Atlântico afro-funk: música, periferia e resistência 24.11 MANHÃ- https://www.youtube.com/watch?v=a3N4wHWg04U (acesso em 28/11/2019)</p> <p>16. MASP Professores Por histórias e artes afro-atlânticas no</p>

MATERIAIS DE ESTUDOS HISTÓRICO-CULTURAIS EM DANÇA I	
TEXTOS	VÍDEOS
	<p>currículo escolar 20.10 manhã- https://www.youtube.com/watch?v=5J629EYkiNw (acesso em 28/11/2019)</p> <p>17. InSURgências decoloniais Aula 01 Parte 1/5 https://www.youtube.com/watch?v=DZwqU-H7NAo (acesso em 28/11/2019)</p> <p>18. MASP Seminários Arte e descolonização 18.10.2018 – tarde - https://www.youtube.com/watch?v=ia11wacB1Bs (acesso em 28/11/2019)</p> <p>19. MASP Seminários Arte e descolonização 19.10.2018 – tarde- https://www.youtube.com/watch?v=ga_u90i61Xo- (acesso em 28/11/2019)</p> <p>20. MASP Seminários Arte e descolonização 18.10.2018 – conferência- https://www.youtube.com/watch?v=lbZic7ZrOsA (acesso em 28/11/2019)</p> <p>21. MASP Seminários Arte e descolonização 18.10.2018 – manhã- https://www.youtube.com/watch?v=cIG8WwPNUfc (acesso em 28/11/2019)</p> <p>22. MASP Seminários Histórias da dança 12.12.2018 manhã- https://www.youtube.com/watch?v=Jz7tGL-G7Qs (acesso em 28/11/2019)</p> <p>23. MASP Seminários Histórias da dança 12.12.2018 tarde- https://www.youtube.com/watch?v=tvzr-pD9jDg (acesso em 28/11/2019).</p>